

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALISSON GEBRIM KRASOTA

UMA NOÇÃO DE PESSOA TRANS NÃO-BINÁRIA

Curitiba

Dezembro/ 2016

ALISSON GEBRIM KRASOTA

UMA NOÇÃO DE PESSOA TRANS NÃO-BINÁRIA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Alfredo Carid Naveira

CURITIBA

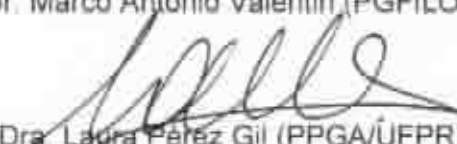
2016

**137ª ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE
DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

Ao oitavo dia do mês de dezembro de dois mil e dezesseis, às quatorze horas, na sala 617 - 6º andar, Edifício D. Pedro I, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná (SCH/UFPR), foram instalados os trabalhos de arguição do mestrando **Alisson Gebrim Krasota** para a Defesa Pública de sua Dissertação intitulada: *"Uma noção de pessoa trans não-binária"*. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Paraná (PPGA/UFPR), foi constituída pelos Professores Doutores Miguel Alfredo Carid Naveira (orientador), presidente da sessão, Marco Antonio Valentin (PGFILOS/UFPR) e Laura Pérez Gil (PPGA/UFPR) e pela professora mestra Fernanda Azeredo de Moraes (DEAN/UFPR). Dando início à sessão, o presidente passou a palavra ao aluno, para que o mesmo expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, o presidente da sessão passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. O aluno respondeu a cada um dos arguidores. O presidente retomou a palavra para suas considerações finais e, depois, solicitou aos presentes e ao mestrando que deixassem a sala. A Banca Examinadora, então, reuniu-se sigilosamente para discussão de suas avaliações, e decidiu pela *Aprovação* do aluno. O mestrando foi convidado a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que o presidente da sessão fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora, outorgando-lhe o Grau de **Mestre em Antropologia Social**. Nada mais havendo a sessão foi encerrada, da qual eu, Paulo Marins Gomes, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora. Curitiba, 8 de dezembro de 2016.


Prof. Dr. Miguel Alfredo Carid Naveira (Orientador)


Prof. Dr. Marco Antonio Valentin (PGFILOS/UFPR)


Profa. Dra. Laura Pérez Gil (PPGA/UFPR)


Profa. Ma. Fernanda Azeredo de Moraes (DEAN/UFPR)


Paulo Marins Gomes

À minha avó Maria da Luz Vaz
In memoriam

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado as condições para fazer esta dissertação.

À Azize, minha mãe e ao Alessandro, meu irmão, pelo apoio.

Ao professor Miguel, pela orientação paciente, acolhedora e de bom ânimo.

Às professoras Laura e Fernanda, pela apreciação crítica atenta e construtiva.

Ao Bruno Cardoso, amigo, colega de mestrado e companheiro nas exortações da escrita.

À Teka, amiga que suportou e me ajudou a suportar minhas dificuldades.

Ao meu amigo Maurício Decker, pela revisão parcial do texto.

À Capes, pelo auxílio financeiro e pela política não elitista de não requerer dedicação exclusiva para isto.

*E o nome que desse a cada ser vivo,
Esse seria o seu nome.
Gênesis 2.19*

*Cada um sabe a dor e a delícia
de ser o que é
Caetano Veloso*

RESUMO

O presente texto parte da hipótese de que os dispositivos de sexualidade a partir do século XVIII, principalmente a medicina e as ciências psi (psiquiatria, psicologia e psicanálise), no projeto moderno de purificar o sexo, estabelecendo a normatização da estreita e exclusiva relação entre heterossexualidade e identidade binária de gênero (homem/mulher), possibilitaram paradoxalmente as condições de emergência para uma multiplicidade destas identidades. O recorte temático deste trabalho é sobre a explosão do binarismo realizado nas pessoas trans não-binárias que, grosso modo, são as pessoas que não se percebem somente mulher ou homem. O trabalho de campo foi realizado junto a um grupo do Facebook constituído principalmente por pessoas trans não-binárias e conversas pessoais com alguns de seus integrantes não-binários, durante o período de junho de 2014 a setembro de 2016. O problema fenomênico levantado foi compreender a autopercepção destas pessoas a partir de suas próprias vivências. Para isto, vali-me dos conceitos que elas próprias utilizam e de suas relações com seus “Outros”. Ao verificar que a constituição de suas autopercepções situa-se em relação às discriminações (diferenças) com que se demarcam e diante das discriminações (opressões) com que são marcadas, este trabalho sustenta que a identidade trans não-binária está relacionada com a síntese destas discriminações no tipo de dor que experimentam.

Palavras-chave: pessoa; transgênero; corpo;

ABSTRACT

The follow text is based on the hypothesis from the sexuality behavior in the XVIII century, especially in the medical knowledge and PSI science study (psicology, psychiatry and psychoanalysis), in a project that has as a goal to purify the sex issues, establishing as normal the strict relationship between the heterosexuality and binary gender identity (man/womam), paradoxically make possible the conditions to a multiple identities to emerge. The dissertation's theme is about the explosion of binarism found in transgender people who don't follow to this binary behavior, to make it simple, people who don't see themselves as only women or men. This dissetation is based on a study with a group of people that use a Facebook page where most part of it is of people who don't see themselves as the binary gender ideology and converstions with the people who is part of that Facebook page from June, 2014 to September, 2016. The big issue raised during the research was to comprehend the transgender people self perception based on their true life experience. Following the concepts established by the transgender people in their own relationships. the basis of the self perception is on the discrimination (differences) that shows the characteristics of being transgender and the discrimination (oppression) that they suffer daily, this dissertation supports that transgender identity no binary is bound with the sinthesis of the discrimination and pain that they experience.

Key-words: people, transgender, body.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 – O ENTENDIMENTO E O TRATAMENTO DOS CASOS DE TRANSEXUALISMO (S/C) PARA AS CIÊNCIAS DA SAÚDE NOS MOLDES DA DIALÉTICA WAGNERIANA (OBVIAÇÃO).....	27
QUADRO 2 – CATEGORIAS DE IDENTIDADE DE GÊNERO NO GRUPO TNB.....	54
FIGURA 1 – SÍMBOLOS DE GÊNEROS.....	57
FIGURA 2 – SÍMBOLOS DE GÊNEROS.....	57
FIGURA 3 – BANDEIRA GENDERFLUID.....	58
FIGURA 4 – BANDEIRA ABROSSEXUAL.....	61
QUADRO 3 – CATEGORIAS DE IDENTIDADE ENTRE FEMINISTAS RADICAIS..	71
QUADRO 4 – CATEGORIAS DE IDENTIDADE ENTRE TRANS BINÁRIOS.....	71
QUADRO 5 – CATEGORIAS DE IDENTIDADE ENTRE TRANS NÃO-BINÁRIOS...	72
QUADRO 6 – OBVIAÇÃO BINÁRIA E NÃO-BINÁRIA.....	88
QUADRO 7 – O INATO E A INVENÇÃO NAS FEMINISTAS RADICAIS E NAS TRANS-NÃO BINÁRIAS.....	93
QUADRO 8 – COSMOLOGIA AMERÍNDIA E TRANS NÃO-BINÁRIA NA NOÇÃO DE PESSOA PELA RELAÇÃO DE ALTERIDADE PREDATÓRIA.....	44
QUADRO 9 – ANALOGIA ENTRE A HIPER-INCOMENSURABILIDADE DOS POLOS NATUREZA/CULTURA NOS PÓS-MODERNOS APONTADA EM LATOUR COM A HIPER-INCOMUNICABILIDADE DOS POLOS SUJEITO/OBJETO NA COSMOLOGIA TRANS NÃO-BINÁRIA.....	47

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	12
1 – RECORTE TEMÁTICO, PROBLEMA, MÉTODO E OBJETO.....	12
2 – CONVENÇÃO.....	15
1 – INTRODUÇÃO: BREVE REVISÃO DA LITERATURA SOBRE GÊNERO.....	17
1.1 – CONCEITO DE CONCEITO.....	17
1.2 – SEXO, GÊNERO, DESEJO.....	18
1.2.1 – Gênero como categoria.....	18
1.2.2 – Gênero como mulher	18
1.2.3 – Gênero com crítica epistemológica.....	19
1.2.4 – Gênero como dominação masculina.....	19
1.2.5 – A visão de senso comum sobre gênero.....	21
1.2.6 – Gênero como interpretação cultural e prescrição social.....	21
1.2.7 – Gênero como categoria diagnóstica.....	23
1.2.8 – Dialética de obviação em Roy Wagner.....	29
1.2.9 – O núcleo duro do sexo e a matriz heterossexual.....	33
1.2.10 – A fissão do núcleo duro do sexo.....	38
2 – TRAJETÓRIA EM CAMPO.....	45
2.1 – O GRUPO TRANSEVIDÊNCIA.....	46
2.2 – O GRUPO TRANSEVIDÊNCIA NÃO-BINÁRIA.....	47
2.2.1 – Regras um, seis, sete e nove – Discriminação dos lugares de fala.....	49
2.2.2 – Regras dois e quatro – A violência do oprimido.....	50
2.2.3 – Regras três, cinco e oito – Acusações.....	51
2.2.4 – Regras dez, onze, doze e treze – Moderação do grupo.....	52
2.3 – O POST FIXO.....	53
2.4 – NÃO-BINARIEDADE.....	56
2.5 – CISGÊNERO.....	59
2.6 – ORIENTAÇÃO SEXUAL – IDENTIDADE SEXUAL.....	61
2.7 – AFAB/AMAB – AFAN/AMAN.....	69
2.8 – ROMANTICIDADES.....	70
2.9 – EXPRESSÃO DE GÊNERO.....	71
2.10 – O PIQUENIQUE.....	72
2.11 – PASSABILIDADE.....	75

2.12 – NOME SOCIAL.....	79
2.13 – FOBIAS SOCIAIS E FOBIAS NATURAIS.....	80
2.14 – PÓS-PIQUENIQUE – DIFICULDADES EM CAMPO.....	81
3 – O MÚLTIPLO SEM O BINÁRIO.....	86
3.1 – O PENSAMENTO NÃO-BINÁRIO.....	87
3.2 – REFLEXÕES SOBRE O USO ANALÍTICO DE CONCEITOS NATIVOS.....	89
4 – OS OUTROS.....	92
4.1 – ALIANÇAS.....	92
4.2 – CONFLITOS.....	93
4.2.1 – Omis, Mascus e Esquerdomachos.....	93
4.2.2 – Gays.....	93
4.2.3 – TERFs, RadFems e Ex-Trans.....	94
5 – CONCLUSÃO.....	103
REFERÊNCIAS.....	112

PRÓLOGO

1. RECORTE TEMÁTICO, PROBLEMA, MÉTODO E OBJETO

Este trabalho é uma etnografia a respeito de um grupo do Facebook chamado Transevidência Não-Binária, criado por pessoas trans não-binárias para refletir sobre gênero. Em outras palavras, trata-se de descrever uma espécie de fórum constituído principalmente por pessoas que não se reconhecem nem somente mulher nem somente homem e que discutem as relações de poder que as construções sociais de corpos sexuados ensejam.

O problema fenomênico que o campo me influenciou a responder é: como compreender a autopercepção destas pessoas a partir de suas próprias vivências? A importância desta discussão não é tanto contribuir para despatologizar as identidades trans, coisa que já está em processo e cujo protagonismo é destas próprias pessoas, mas principalmente desnaturalizar nossas próprias convenções sobre a sexualidade, a partir de uma relação que busca ser simétrica¹ e de alteridade com este grupo.

Para isto, realizei um trabalho de campo que consistiu tanto na observação das postagens do grupo e dos comentários que se seguiam, quanto das postagens da página pessoal de alguns de seus integrantes não-binários, além de conversas com dois destes integrantes, tanto via *chats inbox* pelo Facebook, quanto em encontros *tête-à-tête*, durante o período de junho de 2014 a setembro de 2016.

No decorrer de meu trabalho de campo, o objeto de minha investigação passou a ser a “noção de pessoa trans não-binária”, que busquei compreender não a partir do cânone terapêutico de gênero (quer ao encontro deste, pela psicologia dos processos mentais ou pela psicanálise do drama edipiano da construção da identidade pela linguagem, quer de encontro a este pela sociologia do desvio,

¹ Como diz o antropólogo Roy Wagner: “Ele [o antropólogo] inventa ‘uma cultura’ para as pessoas, e elas inventam ‘a cultura’ para ele” (2010, p.39), ou, nas palavras do sociólogo Bruno Latour: “O primeiro princípio da simetria oferece a incomparável vantagem de livrar-nos dos cortes epistemológicos, das separações *a priori* entre ciências ‘sancionadas’ e ciências ‘proscritas’, e das divisões artificiais entre as sociologias do conhecimento, da crença e das ciências [...] o antropólogo [...] *Abstinha-se*, portanto, e com razão, de estudar a si mesmo, contentando-se em analisar as culturas” (Grifo meu, 1994, p.93-94). Em suma, não se trata simplesmente de partir de nossa *episteme* para compreender a ontologia (entendida como devir, e não como substância) do outro, mas de se deixar afetar pelo outro e inventar conceitos, recriando nossa *episteme* para comunicá-la.

anormais, *outsiders* etc².) e nem examinando as categorias do pensamento destas pessoas como representações de uma realidade objetiva, natural ou social, em que a ciência, supostamente, teria um acesso mais privilegiado e racional³, mas sim através dos conceitos que estas pessoas mobilizam e das relações que articulam com os seus “outros”, a começar pela que, para usar uma expressão wagneriana, “inventamos”⁴ entre nós, para com isto verificar o que é relevante para elas na constituição de sua autopercepção, não pelo mínimo denominador comum das coisas relacionadas (conceitos e “outros”), pois afinal “a relação – por consistir em seus [do antropólogo] próprios atos e experiências – é mais ‘real’ do que as coisas que ela ‘relaciona’.” (WAGNER, 2010, p.30) ou, nas palavras de Eduardo Viveiros de Castro:

A boa diferença, ou diferença real, é entre o que pensa (ou faz) o nativo e o que o antropólogo pensa que (e faz com o nativo) pensa, e são esses dois pensamentos (ou fazeres) que se confrontam. Tal confronto não precisa se resumir a uma mesma equivocidade de parte a parte – o equívoco nunca é o mesmo, as partes não o sendo; e de resto, quem definiria a adequada univocidade? –, mas tampouco precisa se contentar em ser um diálogo edificante. O confronto deve poder produzir a mútua implicação, a comum alteração dos discursos em jogo, pois não se trata de chegar ao consenso, mas ao conceito. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 119).

Em suma, trata-se de apresentar, através da relação que vivenciei (e poderia ser de outra maneira? Haveria um ponto de Arquimedes absolutamente objetivo?) a minha percepção da autopercepção nativa, sem, contudo, fazer desta um artefato exótico e incoerente inventado à revelia, mas sem também reduzi-la à ideologia de nossas convenções. Isto é, trata-se menos de interpretar esta autopercepção nativa conforme meus pressupostos culturais e os conceitos prontos que me oferecem a ciência e mais de reelaborar estes conceitos criativamente, conforme tomo consciência, através da minha experiência relacional, das implicações que outros modos de existência exigem para serem bem percebidos. Em termos mais concretos, trata-se menos de pensar as pessoas trans não-binárias por nossos conceitos e

² Ver BECKER, 2008; FOUCAULT, 2010.

³ “Uma antropologia que se recusa a aceitar a universalidade da mediação, que reduz o significado a crença, dogma e certeza, será levada à armadilha de ter de acreditar ou nos significados nativos ou nos nossos próprios. A primeira alternativa, dizem-nos, é superticiosa e não objetiva; a segunda, de acordo com alguns, é ‘ciência’.” (WAGNER, 2010, p.65-66).

⁴ Segundo Roy Wagner: “A relação que um antropólogo constrói entre duas culturas – a qual, por sua vez, objetifica essas culturas e em consequência as ‘cria’ para ele – emerge precisamente desse seu ato de ‘invenção’, do uso que faz de significados por ele conhecidos ao construir uma representação compreensível de seu objeto de estudo.” (2010, p.36).

mais de imaginar conceitos que busquem comunicar a cosmoexistência de suas percepções, que por sua vez possuem elementos que compartilham significados de um e outro lado. Segundo Wagner:

“Um antropólogo *experiencia*, de um modo ou de outro, seu objeto de estudo; ele o faz através do universo de seus próprios significados, e então se vale dessa experiência carregada de significados para comunicar uma compreensão aos membros de sua própria cultura. Ele só consegue comunicar essa compreensão se o seu relato fizer sentido nos termos de sua cultura. Ainda assim, se suas teorias e descobertas representarem fantasias desenfreadas, como muitas das anedotas de Heródoto ou das histórias de viajantes da Idade Média, dificilmente poderíamos falar de um relacionamento adequado entre culturas. Uma “antropologia” que jamais ultrapasse os limiares de suas próprias convenções, que desdenhe investir sua imaginação num mundo de experiência, sempre haverá de permanecer mais uma ideologia que uma ciência. (WAGNER, 2010, p.29).

* * *

O presente texto se divide em cinco capítulos. O capítulo um, “Introdução: Breve revisão da literatura sobre gênero”, é uma revisão da literatura sobre gênero a fim de dar as condições para que a pessoa leitora possa compreender melhor os conceitos utilizados no fluxo da narrativa.

No capítulo dois, “Trajetória em campo”, apresento o grupo Transevidência não-binária, os conceitos nativos e minha inserção em campo.

No capítulo três, “O múltiplo sem o binário”, apresento o efeito paradoxal que a purificação da sexualidade engendrou ao produzir uma multidão de híbridos. Por fim, faço uma reflexão sobre a relação entre conceitos nativos e conceitos analíticos.

No capítulo quatro, “Os outros”, aponto para a constituição do grupo não-binário em razão das diversas controvérsias com os seus “outros”: movimento LGBT, feminista, travestis, homens trans, “Terfs” e “mascus”.

No último capítulo, “Noção de pessoa trans não-binária”, apresento a conclusão de como a identidade não-binária é constituída através da discriminação, entendida em seu duplo sentido, isto é, de diferença e de opressão. Em outras palavras, a noção de pessoa trans não-binária está no entrecruzamento dos conceitos que utilizam para afirmar sua identidade (transcendência) com a negação desta pelas fobias infligidas pelos seus Outros (imanência), sendo a disputa entre “lugar de fala” e “passabilidade” resolvida na síntese da dor, que singulariza o indivíduo num estranho paradoxo, pois ao mesmo tempo em que se reconhece sua

existência em voz, esta se torna inexprimível. Mas, talvez, o paradoxo não seja um paradoxo, pois talvez não se trata de apenas de reivindicar o direito a um direito de voz, ao mesmo tempo incontestável e inexprimível, mas também que a práxis da dor seja incomunicável, isto é, não adinata levar a dor adiante, uma vez que ninguém se importa: “ria e riei com você, chore e morrerei de tédio”.

2. CONVENÇÃO

A língua portuguesa, na medida em que não possui gênero neutro, acabou consagrando o plural masculino como equivalente ao coletivo de toda e qualquer categoria, o que obriga os demais gêneros a um esforço de adaptação para se verem representados. Para evitar o tradicional uso sexista, optei por um uso incomum da linguagem, buscando torná-la neutra quando necessitava dirigir-me a quem lerá o trabalho ou generalizar um grupo de pessoas.

No entanto, a solução para isto não se deu no plano sintático, isto é, prescindi de utilizar o acréscimo “(a)” a cada palavra masculina porque isto, além de não ser diretamente inclusivo (exclui pessoas com identidade de gênero neutra, por exemplo), torna o texto truncado. Também descartei a alternativa de utilizar neologismos tornando nomes, pronomes e substantivos epicenos através do uso do “x”, “@” ou invocando o latino “e”. Neste sentido, por exemplo, o substantivo “amigo” poderia ter sido escrito, respectivamente, amigx, amig@ ou amigue. No entanto, como ler “amigx” em voz alta? Sem contar que todas estas formas incorrem em erro gramatical perante à norma culta, o que, apesar de a pessoa autora inventar e impor legitimamente sua própria gramática (vide Saramago), convém mais aos usos coloquiais e à literatura do que a uma dissertação acadêmica.

Por isso, optei por uma solução semântica. Neste sentido, poderia ter dirigido todo o texto para o feminino, combatendo diametralmente a tradição machista da linguagem, mas o inconveniente desta opção seria excluir outras minorias, como homens trans por exemplo. Então, para neutralizar semanticamente o gênero, resolvi tornar o sujeito impessoal substituindo-o por substantivos que, apesar de generificados, não impliquem na suposição do gênero de quem lê ou de algum coletivo de pessoas. Apesar do estranhamento, esta solução tem a dupla vantagem de evitar o sexismo e preservar a norma culta. Por exemplo, em vez de escrever “os

leitores serão inteirados dos conceitos apresentados”, optei por “a pessoa que irá ler será inteirada dos conceitos apresentados”.

Além disso, na transcrição das postagens ou comentários no Facebook eu mantive interjeições e *emotions* ⁵, por considerar que transmitem conteúdo devolvendo a entonação segundo a intenção da pessoa falante. Para reconstruir os *emotions*, o artifício escolhido foi retratá-los conforme as teclas para sua construção (por exemplo: “:)” para “carinha feliz” e “:(” para “carinha triste”).

As únicas modificações nos excertos extraídos do Facebook foram em não usar as abreviações, como “vc” para “você”, e corrigir erros de digitação. A primeira, por priorizar o entendimento do texto e a segunda, por respeitar o registro dos enunciados e a necessária adaptação do deslocamento de um registro informal de Facebook à formalidade acadêmica do outro, evitando com isto a violência simbólica que consistiria em legitimar meu enunciado como “pessoa detentora do saber” transformando a fala das pessoas interlocutoras em reflexões sem o devido rigor sobre as próprias práticas, através do malicioso contraste do uso da norma culta que ocultamente daria a entender isto. Com isto, não quero academizar a fala nativa ou, pior, manter o discurso científico imune à sua influência, mas apenas evitar esta violência simbólica em que a pessoa cientista arroga autoridade no contraste malicioso do seu domínio da norma culta com a sintaxe nativa deslocada de sua intenção, destino e contexto. Penso que essa adequação sintática não interfere na, mais do que comunicação, revelação nativa e não impede o discurso acadêmico de se reinventar, inclusive por neologismos relacionais, para que esteja receptivo em nativizar-se.

⁵ Símbolos que expressam emoções, tais como uma carinha sorrindo ou triste, além de outras representações mais genéricas, tais como imagens de frutas.

1. INTRODUÇÃO: BREVE REVISÃO DA LITERATURA SOBRE GÊNERO

Antes de apresentar meu campo: *um grupo no Facebook formado principalmente por pessoas trans não-binárias para discutir gênero e conversas pessoais com alguns de seus integrantes*, é preciso situar a pessoa que lerá quanto a alguns conceitos, para que possa compreender melhor a narrativa, o que, na frase em destaque acima, por exemplo, significa dar subsídios para que se possa compreender termos como *trans*, *não-binário* e *gênero*.

Para tanto, farei uma apresentação pertinente ao meu campo sobre o conceito de gênero em suas diversas manifestações: etimológica, cronológica, epistemológica etc., buscando demonstrar que suas diversas forjas homônimas e relacionais dizem respeito aos diversos contextos em que aparecem e aos problemas que se propõem a responder. Portanto, não é o espaço aqui de expor detalhes, mas de discutir pontos relevantes. Além disso, não se deve confundir que se trata da evolução do conceito de gênero ou da saturação de seus usos cumulativos, mas sim trata-se da contemporaneidade de suas aparições e relações conforme cada contexto e problema que se viu instado a responder.

1.1 CONCEITO DE CONCEITO

Na apresentação dos conceitos veremos que, apesar de eles serem criações autorreferentes ⁶, uma vez que inauguram conhecimentos, não deixam de estabelecer relações uns com os outros para isso. Esta condição paradoxal do conceito é descrita por Deleuze e Guattari nos seguintes termos:

O conceito é, portanto, ao mesmo tempo absoluto e relativo: relativo a seus próprios componentes, aos outros conceitos, ao plano a partir do qual se delimita, aos problemas que se supõe deva resolver, mas absoluto pela condensação que opera, pelo lugar que ocupa sobre o plano, pelas condições que impõe ao problema. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.29-30).

Decorre que os conceitos não estão dispostos num arranjo fixo, sistematicamente estáticos para serem pinçados e utilizados em qualquer situação.

⁶ “[...] conceito: uma *multiplicidade*, uma superfície ou um volume absolutos, autorreferentes, compostos de um certo número de variações intensivas inseparáveis segundo uma ordem de vizinhança, e percorridos por um ponto em estado de sobrevoo.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.42).

Muito pelo contrário, os conceitos, com a intuição, assinatura, gosto e sintaxe que lhes são próprios⁷, inauguram-se conforme as alianças que os componentes que o fragmentam, sem os deixar de constituir, criativamente articulam e conforme o problema a que se propõem comentar. Como veremos, isto fica patente no conceito de gênero que historicamente ensejou vários conhecimentos sob a mesma homonomia.

1.2 SEXO, GÊNERO E DESEJO

1.2.1 Gênero como categoria

A palavra gênero tem origem latina e significa: tipo, classe, categoria. Segundo a bióloga feminista Donna Haraway:

A raiz da palavra em inglês, francês e espanhol é o verbo latino *generare*, gerar, e a alteração latina *gener-*, raça ou tipo. Um sentido obsoleto de “*to gender*” em inglês é “*copular*” (*Oxford English Dictionary*). Os substantivos “*Geschlecht*”, “*Gender*”, “*Genre*” e “*Género*” se referem à ideia de espécie, tipo e classe. (HARAWAY, 2004, p.209).

1.2.2 Gênero como mulher

Entretanto, a partir da segunda metade do século XX, gênero passa a conotar mulher. Deste modo, no âmbito científico-acadêmico, o termo se referia antes a um tema do que a uma teoria, de acordo com as premissas de neutralidade científica da época. De acordo com a historiadora Joan Scott:

No seu uso recente mais simples, ‘gênero’ é sinônimo de ‘mulheres [...] ‘Gênero’ tem uma conotação mais objetiva e neutra do que ‘mulheres’. O gênero parece integrar-se na terminologia científica das ciências sociais e, por consequência, dissociar-se da política – (pretensamente escandalosa) – do feminismo. Neste uso, o termo gênero não implica [...] desigualdade ou poder [...] o ‘gênero’ inclui as mulheres sem as nomear [...] Este uso [...]

⁷ “Pois, segundo o veredito nietzschiano, você não conhecerá nada por conceitos se você não os tiver de início criado, isto é, construído numa intuição que lhes é própria” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.13) e “O batismo do conceito solicita um *gosto* [...] que constitui na língua uma língua da filosofia, não somente um vocabulário, mas uma sintaxe” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.14).

procura [...] uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 1980. (SCOTT, 1989, p.6)

1.2.3 Gênero como crítica epistemológica

Entretanto, não se tardou a perceber que o tema das mulheres na história não poderia ser estudado separadamente, isto é, não se tratava de estudar a Família e o Espaço Privado em separado da Economia e do Espaço Público, porque a compreensão destes fenômenos não se pode esquivar de suas mútuas implicações. Neste sentido, o estudo destas relações, até então relegadas, implicou em modificações epistemológicas na ciência. Conforme Scott (1989, p.6):

estudar as mulheres na história não é apenas erigir um novo campo temático, pois implica em rever premissas científicas e, portanto, modificações epistemológicas na ciência. Trata-se não apenas de um novo tema, mas de uma nova ciência. A história das mulheres não trata apenas do sexo e da família em separado da história política ou econômica.

A torre de marfim dos puristas da ciência que postulavam a neutralidade axiológica e a imunidade do privilegiado viés científico diante das relações de poder revelava suas bases de barro em mais uma frente, a feminista, ao lado do movimento negro e pós-colonial.

1.2.4 Gênero como dominação masculina

Portanto, logo que se perceberam as relações necessárias entre espaço público e privado, economia e família, política e socialização etc., não demorou para que se constatasse que gênero não era apenas uma palavra asséptica para mulheres, mas que implicava a relação entre mulheres e homens e, precisamente nisto, a dominação masculina⁸. Nesta acepção, gênero é entendido como uma

⁸ A preferência da expressão “dominação masculina” ao invés de “patriarcado” vai ao encontro da justificativa apresentada por Rubin Gayle: “Introduziu-se o termo ‘patriarcado’ para diferenciar as forças que mantêm o sexismo de outras forças sociais. Mas o uso de ‘patriarcado’ obscurece outras distinções [...] Patriarcado é uma forma específica de dominação masculina, e o uso do termo deveria ser confinado aos grupos pastorais e nômades como os do Velho Testamento, de onde o termo provém, ou a grupos similares”. (1993, p.6).

relação de poder entre categorias, a saber: mulheres e homens, em que a primeira é subjugada pela segunda.

A relação entre gênero e dominação masculina, embora depreendida acima (principalmente quando Scott critica o pretense uso neutro do termo que ainda não implicava desigualdade ou poder), não é, entretanto, terminologicamente evidente. Na obra “A Dominação Masculina” (BOURDIEU, 2014), o sociólogo francês Pierre Bourdieu, embora trate das relações de poder entre os gêneros, foca terminologicamente apenas nas relações de poder, patente no título de seções tais como “Virilidade e violência” ou em excertos como:

Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder (sobretudo econômico, sobre a produção), ao passo que as mulheres ficam destinadas (predominantemente) ao espaço privado (doméstico, lugar de reprodução) em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos, ou a essas espécies de extensões deste espaço, que são os serviços sociais (sobretudo hospitalares) e educativos, ou ainda aos universos da produção simbólica (áreas literária e artística, jornalismo etc.) (BOURDIEU, 2014, p.131)

Intrigantemente, o autor não usou a expressão “gênero”, vindo esta a aparecer em comentadores de sua obra, tais como Robert W. Connell e James W. Messerschmidt (2013), que retomam o conceito de gênero, evidenciando o campo de que se trata⁹, e buscando refinar a noção de “dominação masculina” para “masculinidade hegemônica”:

Desse modo, ao mesmo tempo que acolhemos muitas das aplicações e das modificações do conceito de masculinidade hegemônica como contribuições à compreensão das dinâmicas de gênero, rejeitamos aqueles usos em que ficou implícito um tipo fixo de caráter ou um conjunto de traços tóxicos. Esses usos não são triviais – eles tentam nomear questões significantes sobre gênero, tais como a persistência da violência ou as consequências da dominação. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.273).

⁹ Talvez a ausência do vocábulo “gênero” no texto de Bourdieu tenha relação com o receio de não parecer original (“de parecer repetitivo”), com o qual se preocupou em se justificar em nota de rodapé e aqui, do mesmo modo, transcrevo: “análise próxima, sobretudo a de Gayle Rubin [...] que, para tentar levar em conta a opressão das mulheres, retoma, com perspectiva diferente da minha, alguns tópicos da análise inaugural de Lévi-Strauss. Isso me teria permitido fazer justiça a esses autores [feministas], embora fazendo ver minha ‘diferença’ e, sobretudo, evitando expor-me a parecer estar repetindo ou retomando análises às quais me oponho.” (BOURDIEU, 2014, p.69).

1.2.5 A visão de senso comum sobre gênero

Diante do conceito de gênero como dominação masculina, dois problemas surgiram: primeiro, qual a causa desta dominação? Segundo, ela seria particular das sociedades ocidentais ou universal em todas as sociedades ao longo da história?

A solução do senso comum é muito simples: a relação entre homens e mulheres não seria agonística, mas complementar, uma vez que seria uma qualidade natural dos homens serem dominadores e agressivos e atuarem na política e na guerra, enquanto as mulheres, porque seriam emotivas e biologicamente capazes de “dar à luz”, teriam direta responsabilidade com o cuidado da prole. Segundo a antropóloga Henrietta Moore:

Um exemplo proeminente é a relação que se supõe existir entre hormônios masculinos e agressividade. Argumenta-se que esses hormônios, submetidos a vários estímulos, constituem o fundamento biológico da guerra (entendida como agressividade coletiva organizada), do domínio masculino na política e na economia, dos índices de delinquência juvenil entre os rapazes, da criminalidade violenta em geral e da imprudência no trânsito. (MOORE, 1997, p.1).

Se o senso comum estivesse correto e o sexo biológico determinasse a personalidade, o comportamento e as atividades de uma pessoa, então, de um ponto de vista feminista, a única maneira das mulheres não serem subjugadas pelos homens seria eliminando-os. Nas palavras de Rubin Gayle (1993, p.1): “Assim, se a agressão e a dominação inatas masculinas estão na raiz da opressão feminina, um programa feminista deveria logicamente requerer o extermínio do sexo ofensor ou, então, algum projeto eugênico para modificar o seu caráter”.¹⁰

1.2.6 Gênero como interpretação cultural e prescrição social

Mas, já em 1935, a antropóloga Margaret Mead havia observado em três diferentes sociedades da Nova Guiné: Arapesh, Mundugumor e Tchambuli, que o temperamento de uma pessoa independia de seu sexo biológico. Segundo Mead:

¹⁰ Apesar de que, se, conforme a crença do senso comum, os hormônios determinassem o comportamento masculino, também determinariam o comportamento feminino, e sequer um projeto eugênico ou genocida seria cogitado, uma vez que o comportamento masculino não seria encarado como opressivo, mas como complementar, e uma perspectiva crítica feminista não seria possível.

o ideal Arapesh é o homem dócil e suscetível, casado com uma mulher dócil e suscetível; o ideal Mundugumor é o homem violento e agressivo, casado com uma mulher também violenta e agressiva. Na terceira tribo, os Tchambuli, deparamos verdadeira inversão das atitudes sexuais de nossa própria cultura, sendo a mulher o parceiro dirigente, dominador e impessoal, e o homem a pessoa menos responsável e emocionalmente dependente. Estas três situações sugerem, portanto, uma conclusão muito definida. Se aquelas atitudes temperamentais que tradicionalmente reputamos femininas – tais como passividade, suscetibilidade e disposição de acalantar crianças – podem tão facilmente ser erigidas como padrão masculino numa tribo, e na outra ser prescritas para a maioria das mulheres, assim como para a maioria dos homens, não nos resta mais a menor base para considerar tais aspectos do comportamento como ligados ao sexo. (MEAD, 2014, p.268)

Em suma, entre os Arapesh e Mundugumor não havia padrão de comportamento em razão do sexo, e entre os Tchambuli o havia, porém, diametralmente oposto ao que é conferido por nossa sociedade ocidental. Portanto, se por um lado a humanidade estaria dividida biologicamente entre mulheres e homens, por outro, nem todas as sociedades selecionavam padrões de comportamento em função do sexo e nem as diferenças individuais de personalidade e comportamento teriam alguma relação naturalmente necessária com o sexo biológico, mas antes “as padronizadas diferenças de personalidade entre os sexos são desta ordem, criações culturais às quais cada geração, masculina e feminina, é treinada a conformar-se” (MEAD, 2014, p.269).

Portanto, a partir do estudo de Mead, principalmente da sua etnografia entre os Tchambuli, infere-se o próximo conceito para gênero: não apenas “mulheres”, nem “dominação masculina”, mas também toda sorte de prescrição social para o comportamento em sociedade advinda da interpretação cultural do sexo. Foi isto o que observou Moore:

Foi, em parte, para avaliar e combater os argumentos do determinismo biológico que as antropólogas feministas nos anos 70 salientaram a importância da distinção entre sexo biológico e gênero. A ideia de que os termos ‘mulher’ e ‘homem’ denotam construções culturais em vez de tipos naturais fora introduzido muito antes por Margaret Mead, em *Sexo e temperamento* (1979 [1935]). (MOORE, p.2)

Se os homens não são naturalmente dominadores e misóginos em função de seu sexo biológico, qual seria então a causa da dominação masculina? Neste sentido, permitam-me uma rápida condensação dos argumentos de Scott (1989), que apresenta três hipóteses: uma, feminista e representada por nomes como Mary

O'Brien, Sulamith Firestone e Catherine Mackinnon, atribui as raízes da dominação masculina à condição reprodutiva das mulheres¹¹; outra, marxista e contando com nomes como Heidi Hartmann, atribui-a à divisão sexual do trabalho no capitalismo; por fim, a terceira e pós-estruturalista, contando com nomes como Nancy Chorodow, identifica a dominação masculina na socialização da primeira infância e no drama edipiano.

A base comum de todas estas hipóteses é a de que a dominação masculina tem uma causalidade histórica-social-cultural, isto é, de que nem a anatomia, nem a fisiologia e nem a genética determinam os modos de pensar, agir e sentir de um ser humano. Mesmo na hipótese feminista, não é simplesmente a condição biológica reprodutiva da mulher a causa da dominação masculina, mas antes e pelo contrário seriam os sistemas culturais que organizariam e dariam sentido à anatomia dos corpos, atribuindo-lhes papéis sociais e significados hierarquicamente instituídos. O mesmo se aplica para a hipótese de Chorodow que poderia dar margem à situar na mente a causa da dominação, mas o caso é que se trata antes de socialização dos papéis sociais atribuídos ao sexo.

1.2.7 Gênero como categoria diagnóstica

Porém, apesar da Antropologia, aparentemente, ser a primeira ciência a constatar que não há uma relação biologicamente necessária entre corpo e comportamento, foi a medicina quem inaugurou o uso científico do termo *gênero* para marcar este hiato. Segundo Haraway:

Em 1958, o Projeto de Pesquisa sobre Identidade de Gênero foi constituído no Centro Médico para o Estudo de Intersexuais e Transexuais, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA). O trabalho do psicanalista Robert Stoller discutia e generalizava as descobertas do projeto da UCLA. Stoller apresentou o termo "identidade de gênero" ao Congresso Internacional de Psicanálise, em Estocolmo, em 1963. Ele formulou o conceito de identidade de gênero no quadro da distinção biologia/cultura, de tal modo que sexo estava vinculado à biologia (hormônios, genes, sistema

¹¹ Na síntese de Piscitelli a este respeito: "De acordo com Firestone, o papel das mulheres no processo reprodutivo – uma vez que são os únicos seres humanos capazes de engravidar e amamentar e dado que os bebês humanos têm um período extraordinariamente prolongado de dependência física – as torna prisioneiras da biologia, forçando-as a depender dos homens." (2001, p.4).

nervoso, morfologia) e gênero à cultura (psicologia, sociologia). (HARAWAY, 2004, p.216)

Contemporaneamente às pesquisas do psicanalista Robert Stoller no UCLA, segundo Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012), o endocrinologista Harry Benjamin, assim como Robert Stoller, também pesquisava transexuais. Segundo as autoras:

Na década de 1950 foram publicados os primeiros artigos que registraram e defenderam a especificidade do "fenômeno transexual". Mas desde o início daquela década o endocrinologista Harry Benjamin se dedicava a estabelecer as ocorrências que justificariam a diferenciação das pessoas transexuais em relação às homossexualidades. [...] estabelece critérios tomados por ele [Benjamin] como científicos para que seja possível diagnosticar "o verdadeiro transexual" [...]. Em seu livro *O fenômeno transexual*, publicado em 1966, ele fornece as bases para esse diagnóstico.

Em 1972, o uso da categoria gênero como ferramenta diagnóstica já era corrente. Segundo Fausto-Sterling:

Em 1972, os sexólogos John Money e Anke Ehrhardt popularizaram a ideia de que o sexo e gênero são categorias separadas. Sexo, diziam, se refere aos atributos físicos e é anatômica e fisiologicamente determinado. Viam o gênero como uma transformação psicológica do eu – a convicção interior de que se é homem ou mulher (identidade de gênero) e as expressões comportamentais dessas convicções (FAUSTO-STERLING, 2001, p.15)

Segundo Paul Beatriz Preciado:

[...] médicos como John Money [...] começa a utilizar a noção de "gênero" para abordar a possibilidade de modificar cirúrgica e hormonalmente a morfologia sexual das crianças intersexuais e as pessoas transexuais. O "pós-moneísmo" é para o sexo o que o pós-fordismo é para o capital. O império dos normais desde os anos 50 depende da produção e da circulação em grande velocidade dos fluxos de silicone, fluxos de hormônios, fluxo textual, fluxo de representações, fluxo de técnicas cirúrgicas, e, em definitivo, fluxo de gêneros. (PRECIADO, 20--, p. 2)

A partir de então, não tardou para que as identidades trans fossem formalmente patologizadas. Segundo Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012), no mesmo ano de 1973 quando o "homossexualismo" (*sic*) deixava de constar no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais¹², o sexólogo John Money

¹² "eliminou-se, em 1973, o 'homossexualismo' do DSM e, em 1975, do CID-10" (BENTO, PELÚCIO, 2012, p.572).

cunhava o termo “disforia de gênero” para a transexualidade¹³ e em 1980 ela passa a ser incluída no CID. Segundo Bento e Pelúcio:

A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10) apresenta os códigos e a tipificação da doença que devem estar presentes em todos os diagnósticos para que tenham validade legal. O “transexualismo”, por exemplo, é definido como “transtornos da identidade sexual (F64.0)”. Além “do transexualismo”, há o “travestismo bivalente (F64.1), o transtorno de identidade sexual na infância (F64.2), outros transtornos da identidade sexual (F64.8), o transtorno não especificado da identidade sexual (F64.9)”, ou seja, eliminou-se, em 1973, o “homossexualismo” do DSM e, em 1975, do CID-10, mas o que assistimos em seguida foi a uma verdadeira proliferação de novas categorias médicas que seguem patologizando comportamentos a partir do pressuposto heteronormativo, que exige linearidade sem fissuras entre sexo genital, gênero, desejo e práticas sexuais”. (BENTO, PELÚCIO, 2012, p.572).

Grosso modo, tanto a antropologia (não só a de Mead), quanto a medicina negam que o corpo determine o comportamento de uma pessoa. Porém, é preciso fazer três ressalvas diante de tal afirmação generalizante, pois, primeiro, cada ciência convergiu para esta conclusão de modo diferente; segundo, não é ao mesmo corpo, nem ao mesmo comportamento que elas se referem; e, por fim, tampouco implica-se que elas deixaram de naturalizar a causalidade deste.

Na primeira ressalva, é preciso frisar que a constatação da autonomia do comportamento em relação ao corpo adveio, para a antropologia de Mead, da observação participante em diferentes sociedades e, para a medicina, da clínica dos casos de “transexualismo” (*sic*). Na segunda, para a antropologia de Mead, trata-se do corpo enquanto sexo e do comportamento em geral e, para a medicina, do corpo enquanto hormônios e cromossomos e do comportamento transexual em particular. Por fim, na terceira, apesar da antropologia de Mead atribuir à cultura a causalidade do comportamento de uma pessoa¹⁴, ela não deixa de verificar predisposições inatas, principalmente quando se refere aos inadaptados, separando-os em dois grupos: “[...] aqueles que são fisiologicamente inadequados. Talvez tenham intelectos fracos ou glândulas defeituosas; [...] Talvez – rara, muito raramente se encontram tais indivíduos – tenham praticamente todo o equipamento fisiológico do sexo oposto” (MEAD, 2014, p. 278) e o desajustado cultural: “indivíduos que mostram acentuadas

¹³ “A transexualidade passou a ser considerada ‘disforia de gênero’, termo cuinhado por John Money em 1973.” (BENTO, PELÚCIO, 2012, p. 571).

¹⁴ Como vimos acima: “as padronizadas diferenças de personalidade entre os sexos são desta ordem, criações culturais às quais cada geração, masculina e feminina, é treinada a conformar-se” (MEAD, 2014, p.269)

predisposições temperamentais em oposição às ênfases culturais” (idem, p.279). Da mesma forma, quando a medicina usa o termo gênero como categoria diagnóstica, ela naturaliza a causalidade ao localizar na mente a origem da transexualidade, entendida como uma patologia. Segundo a psicanalista Márcia Arán:

O discurso atual sobre o transexualismo [sic] na sexologia, na medicina, na psiquiatria e, em parte, na psicanálise faz dessa experiência uma patologia – um “transtorno de identidade” – dada a não conformidade entre sexo biológico e gênero. Alguns autores no campo da psicanálise lacaniana consideram ainda a transexualidade como uma forma específica de psicose, devido à suposta recusa da diferença sexual [...] (2009, p. 666).

Portanto, segundo as ciências de saúde, nos casos de “transexualismo”, a categoria gênero designaria uma autonomia mental patológica em relação ao próprio corpo que faria confundir a própria identidade na identificação com o sexo oposto, ou, mais sinteticamente, nas palavras de Márcia Arán: “a transexualidade caracteriza-se pelo sentimento intenso de não pertencimento ao sexo anatômico” (2009, p. 666).

Em suma, as ciências da saúde diagnosticam o “fenômeno transexual” estabelecendo uma relação imbricada entre comportamento associado ao sexo oposto com disforia crônica em relação ao próprio sexo.

Porém, embora as ciências da saúde mantenham consenso quanto a localizar na mente a identidade de gênero e os distúrbios que lhe acometem, bem como quanto ao resultado ideal do tratamento que deve reestabelecer a coerência sexo-gênero nas sínteses sexo masculino (pênis = homem) e sexo feminino (vagina = mulher), isto não significa que elas mantenham o mesmo entendimento sobre o corpo e a mente e, em razão disto, o tratamento recomendado pela medicina difere das ciências psi (psiquiatria, psicologia e psicanálise). Segundo Bento e Pelúcio (2012), para o endocrinologista Harry Benjamin:

O critério fundamental para definir o “transexual de verdade” seria a relação de abjeção, de longa duração, com suas genitálias. Para evitar que cometam suicídio, as cirurgias [de transexualização] deveriam ser recomendadas [...] Essa posição contrapunha-se à dos profissionais da psicologia, psiquiatria e psicanálise, sempre reticentes às intervenções corporais como alternativas terapêuticas. Muitos psicanalistas consideraram esse procedimento como mutilações. Benjamin, ao contrário, afirmava que para “o transexual de verdade” psicoterapias eram inúteis. Nesses casos, apenas as cirurgias poderiam representar a solução para as “enfermidades” daqueles que têm abjeção ao corpo. (BENTO; PELÚCIO, 2012, p.571)

Trocando em miúdos, nos casos de “transexualismo” (sic), embora tanto para a medicina quanto para as ciências psi o corpo seja saudável e a mente seja patológica, a medicina recomenda tratar do corpo (adequar o corpo à mente), enquanto as ciências psi da mente (adequar a mente ao corpo). Isto porque a medicina entende a mente acometida por esta “maladia” como um dado intratável, sendo, portanto, impossível a cura, restando somente ao corpo os artifícios necessários para o melhor tratamento. Este entendimento médico provavelmente se baseia nas observações do psicólogo norte-americano Robert Stoller. Segundo Miriam Grossi:

Um psicólogo norte-americano chamado Robert Stoller (1978), o qual estudou inúmeros casos de indivíduos considerados à época “hermafroditas” ou com os genitais escondidos e que, por engano, haviam sido rotulados com o gênero oposto ao de seu sexo biológico, diz uma coisa impressionante: que é “mais fácil mudar o sexo biológico do que o gênero de uma pessoa”. Para ele, uma criança aprende a ser menino ou menina até os três anos, momento de passagem pelo complexo de Édipo e pela aquisição da linguagem. (GROSSI, ?, p.8).

Já para as ciências psi a cura é possível, pois a mente, mesmo com esta enfermidade, é passível de artifícios, reservando ao corpo o status bruto da natureza.¹⁵

Em termos de obviação¹⁶, isto é, da dialética wagneriana, poderíamos sistematizar neste quadro:

Ciências da saúde	Tese	Antítese	Síntese
Medicina	Corpo saudável passível de artifício (invenção)	Mente patológica como dado (convenção)	Tratamento que produz corpos trans
Ciências Psi	Corpo saudável como dado (convenção)	Mente patológica passível de artifício (invenção)	Tratamento que produz cura

QUADRO 1¹⁷ – O ENTENDIMENTO E O TRATAMENTO DOS CASOS DE TRANSEXUALISMO (SIC) PARA AS CIÊNCIAS DA SAÚDE NOS MOLDES DA DIALÉTICA WAGNERIANA (OBVIAÇÃO)

¹⁵ Não deixa de ser intrigante que um psicólogo advogue um tratamento médico e que a medicina requeira para si o aval de um psicólogo para o tratamento com base em um diagnóstico nas frotas de sua alçada (psiquiatria-psicologia) e que psicólogos e psicanalistas, grosso modo, rejeitem o prognóstico de um cânone da própria área.

¹⁶ O conceito será abordado na próxima seção.

¹⁷ FONTE: O autor (2016)

Ambas as obviações produzem ironias conforme o contexto de controle¹⁸, pois para as ciências psi a medicina mutila um corpo saudável para tratar a doença; para a medicina, as ciências psi buscam tratar uma condição patológica que, crônica, beira ser ontológica; e, para a pessoa transexual, ainda que ambas as ciências a considerem doente, a medicina acaba por respeitá-la mais, na medida em que parte da convicção e da vontade desta, enquanto que as ciências psi procuram, no tratamento, convencê-la do contrário. Covém ainda dizer que, talvez, para as pessoas trans, aquilo que as ciências psi chamam de mutilação, elas entendam estas transformações como aquilo que Leonardo Da Vinci entendia a respeito das esculturas, conforme recupera certo trecho de Freud, por sua vez enfatizado pelo antropólogo Marcio Goldman:

Há mais de cem anos, entretanto, Freud já observava:

A maior antítese possível [...] que o grande Leonardo da Vinci resumiu, com relação às artes, nas fórmulas *per via di porre* e *per via di levare*. A pintura, diz Leonardo, trabalha *per via di porre*, pois deposita sobre a tela incolor partículas coloridas que antes não estavam ali; já a escultura, ao contrário, funciona *per via di levare*, pois retira da pedra tudo o que encobre a superfície da estátua nela contida [Freud, 1904, p. 270].

Creio que nem mesmo Alfred Gell, que abordou, em *Art and Agency*, os objectos tridimensionais, conseguiu escapar do modelo pictórico que parece dominar a antropologia da arte. A sua teoria da agência, por mais interessante e original que seja, não incorpora essa dimensão crucial das artes que operam por subtração e não por adição. Por outro lado, deve ficar claro que a distinção de Da Vinci não me parece ligada a uma operação apenas material, mas, sobretudo, a um processo de criação que pode também ser conceptual. (GOLDMAN, 2009, p.128)

Em termos metafóricos, as cirurgias de transsexualização ou de mastectomia, encaradas como mutilação pelas ciências psi e não pelos próprios agentes, seria como a escultura que surge pela subtração do mármore. Em outras palavras, a subtração seria, na verdade, um acréscimo (de revelação) ou a retirada de um excesso.

Por um lado, poderia parecer uma contradição que as pessoas trans, que reivindicam a despatologização de suas identidades, procurem o tratamento médico. No entanto, o que elas reivindicam não se trata simplesmente de uma negação do diagnóstico médico, nem de uma autodeterminação de atestado de saúde, mas sim

¹⁸ “Vou me referir ao contexto no qual se concentra a atenção de um simbolizador, independentemente de seu status ideológico, como *controle* ou *contexto de controle*, pois é esse contexto, e esse modo simbólico, que controla sua atenção ao restringir seu campo de percepção consciente” (WAGNER, 2010, p.87)

reconfigurar os cânones da medicina, uma vez que a ciência normal acaba por limitá-las na aquisição de suas modificações corporais, na aquisição de seu nome social e no estigma preconceituoso da sociedade que pesa sobre elas. A polêmica está também no desenvolvimento endógeno da medicina e das ciências psi com o diálogo da militância trans na área de saúde que, por enquanto, trabalha em colaboração com a área de saúde para facilitar o acesso da população trans à dignidade de sua autoidentificação.

1.2.8 Dialética de obviação em Roy Wagner

Antes de prosseguir, permitam-me uma breve digressão sobre o conceito de obviação em Wagner para melhor compreender este quadro e porque este recurso foi muito útil para a análise das trans não-binárias, uma vez que sua dialética transcende ao símbolo e imanente às relações, ajuda a pensar as oposições entre binário e não-binário, natural e cultural, inato e construído tão presentes na problemática trans não-binária a respeito de si mesmas. Sobre o conceito de obviação, Wagner diz:

Eu escrevi muito sobre a obviação como método e mostrei como ela é uma espécie de consumação da noção hegeliana de dialética que termina em síntese. A diferença é que com a obviação obtém-se uma síntese e então uma antissíntese, o que espelha a configuração original da dialética, a qual opunha uma antítese a uma tese. É esta a inovação que Hegel apresentou em relação à dialética grega clássica, tradicional, que era composta apenas de tese, antítese, tese, antítese... Ele acrescentou a ela a síntese, o terceiro ponto. Ora, o terceiro ponto é o ponto de definição e consumação onde o dois – a dualidade – chega ao fim. O que a obviação faz é acrescentar um quarto elemento que inverte o primeiro; um quinto que inverte o segundo; e um sexto que inverte o terceiro. (WAGNER, 2011, p.974).

Infere-se que, enquanto a dialética clássica consistia numa contraposição de ideias entre indivíduos que buscavam superar a mera opinião, Hegel busca não apenas superar a *doxa*, mas alçar uma síntese pela oposição das ideias que alcance o absoluto e o transcendental.

Antes de mais nada, quero deixar claro que o uso que faço de Hegel é relativo à cita de Wagner e interessado em função do esclarecimento do seu conceito de obviação. Portanto, não se trata de um uso rigoroso e tenho ciência de que, diante de qualquer filósofo, parecerá, para usar um eufemismo, leniente. Dito isto,

prossigamos. Para o filósofo alemão do século XIX, o conhecimento não é alcançado de modo imediato (seja pelas sensações ou pela fé), e por isso atenta para a negação como método dialético pelo qual é possível alçar o conceito pela síntese dos opostos.

No entanto, se entre os gregos parece haver uma contraposição entre enunciados postos em oposição, em Hegel o estatuto da oposição é ambíguo, pois tanto parece ser o movimento próprio ao próprio pensamento, tal como na passagem que diz que “Cada extremo é para o Outro o meio-termo, mediante o qual é consigo mesmo mediatizado e concluído” (HEGEL, 2002, p.144), quanto se reconhece que um Outro, com sua própria consciência, é necessário para o movimento dialético: “Mas o Outro é também uma consciência-de-si; um indivíduo se confronta com outro indivíduo” (HEGEL, 2002, p.144) e neste sentido, não seria apenas uma oposição, mas uma contraposição.

Parece-me que o primeiro sentido é o alvo da crítica de Deleuze, conforme o comentário da obra deste pelo filósofo François Zourabichvili:

Na relação dialética, a diferença só é pensável em função do Todo como pressuposto implícito. A alteridade, assim, envolve a infelicidade e a abstração: em vez de encontros ocasionais – alógicos, fora do conceito – num campo de exterioridade pura, ela pressupõe uma cisão, sendo tão só a sombra do Mesmo. As relações são interiores ao Todo: impelindo a diferença até a contradição, Hegel a subordina ao idêntico. (2016, p.82)

Neste sentido, toda tese implica em seu contraditório, isto é, à luz do pensamento o ser vem acompanhado de sua sombra. Deste modo, a ideia de “unidade” implica em seu oposto, “multiplicidade”.

Já o segundo sentido, verdadeiramente capaz de dialética, não se trata simplesmente de uma oposição lógica sob suspeita tautológica, mas da contraposição de pontos de vista. Isto fica patente na passagem do senhor-escravo em “A Fenomenologia do Espírito” (HEGEL, [1806] 2002), em que, na relação senhor-escravo, num primeiro momento, o senhor é independente, porque domina, e o escravo é dependente porque é dominado. Porém, estes papéis acabam por se inverter, e num duplo sentido: primeiro, porque o senhor acaba por depender do escravo que não só supre suas provisões como é aquele que é capaz de trabalhar e, daí, formar e suprir; segundo, porque ao ser objetificado, o escravo não é capaz de ser um Outro para que o senhor, através dele, desenvolva uma consciência-de-si

para uma consciência-para-si, enquanto que, para o escravo, esse movimento dialético é possível, uma vez que o senhor, não objetificado em coisa, constitui verdadeiramente um Outro em consciência-de-si, reconhecido como Outra consciência perante ao e pelo escravo, capaz de uma contraposição de mesmo nível. Portanto, é verdade que, nesta relação, o movimento dialético só é possível para um dos lados, isto é, a alteridade é unilateral e está do lado do escravo, para quem: “No senhor, o ser-para-si é para o escravo *um Outro*, ou seja, é somente *para ele*. No medo, o ser-para-si está *nele mesmo*. No formar, o ser-para-si se torna para ele como o *seu próprio*, e assim chega à consciência de ser ele mesmo em si e para si.” (HEGEL, 2002, p.150). É neste sentido que Zourabichvili diz:

Não se trata de contradizer brutalmente Hegel, afirmando que a conexão senhor-escravo não é dialética, mas de mostrar que só de um lado ela é dialética, do ponto de vista do escravo. Hegel tem parcialmente razão: ele enuncia o ponto de vista do escravo. Mas ele coloca mal o problema, pois a conexão concerne antes de tudo a *pontos de vista*. Ora, ao invocar uma relação entre pontos de vista, não somente se muda a natureza dos termos como se faz com que o ponto de vista sobre a relação se torne interior à própria relação que, assim, encontra-se desdobrada. (2016, p.83).

É, pois, daqui que retomamos Wagner, pois o que ele faz é combinar estas duas dialéticas. Se a dialética em Hegel pode ser pensada como a oposição entre dois termos (tese e antítese) que gera um terceiro (síntese) em linha, o que a dialética de Wagner faz não é tanto acrescentar um quarto elemento ao primeiro, um quinto ao segundo e um sexto ao terceiro, “espelhando” uma nova linha abaixo, mas, ao apontar para a inversão de cada termo, o autor desloca os dois primeiros termos de linha para coluna, mostrando que cada termo opera em dois níveis, figura-fundo, conotação-denotação, invenção-convenção, resultado da ação e anterior à qualquer ação (inato), enfim, cultura e natureza, liberando a segunda coluna e inaugurando as colunas como termos de alteridade entre o Eu e o Outro, entre coletivos, para uma relação necessária de alteridade com um novo termo não necessário de relação, isto é, extensão analógica e alteridade metafórica.

Em termos matemáticos, poderíamos dizer que, assim como na multiplicação de matrizes quadradas, cada linha se relaciona com cada coluna, sintetizando uma nova matriz, implícito o controle da não-simultaneidade em que estas relações ocorrem, cada qual em seu momento dialético (instanciação, na linguagem de Wagner), sendo que as linhas dizem respeito ao nível da convenção/invenção e as

colunas à alteridade, onde arbitrários culturais são relacionados e devolvem em síntese a invenção metafórica de si, capaz de dialogar com o Outro pelo pressuposto da cultura¹⁹ e pela reinvenção dos próprios pressupostos culturais, em renovação do pensamento, ao mesmo tempo inventado e comunicável, que “devolve-nos uma imagem de nós mesmos na qual não nos reconhecemos” (MANIGLIER *apud* VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p.21) de onde a relação é necessária, mas o termo relacionado não o é. Ainda, se na multiplicação a ordem dos fatores não altera o produto, podendo dar a entender que a relação entre duas culturas seria a mesma de parte a parte, nas matrizes a ordem de um elemento altera o produto, pois se a mudança de colunas implica na mudança de culturas, coletivos, consciências etc., a mudança de linha implica na mudança entre natureza e cultura e, desta forma, como diz Eduardo Viveiros de Castro “o que uns chamam ‘natureza’ bem pode ser a ‘cultura’ dos outros” (2015, p.43), ou, conforme a experiência de Wagner “o equívoco deles a meu respeito não era o mesmo que meu equívoco acerca deles, de modo que a diferença entre as nossas respectivas interpretações não poderia ser descartada com base na dissimilaridade linguística ou nas dificuldades de comunicação” (2010, p.53). Por fim, a relação de oposição entre as linhas diz respeito a uma dialética menor e a relação de oposição entre as colunas a uma dialética maior, sendo ambas as dialéticas a dialética wagneriana.

Pormenorizadamente, a primeira dialética, da linguagem, é esta implicação que cada termo existe juntamente com seu oposto (o uno e a multiplicidade, a criança e o adulto, o bem e o mal etc.), e o significado de cada termo está em função desta dialética necessária. Ainda, segundo Descola:

But what needs above all to be said here is that, contrary an opinion currently in fashion, binary oppositions are neither a Western invention nor fictions of structural anthropology but are very widely used all peoples in plenty circumstances, so it is not so much their form that should be questioned but rather the suggested universality of their content (DESCOLA, 2013, p.121)

Portanto, a dialética menor ocorre na oposição binária que sustenta, implicitamente, o significado de cada termo. Nas palavras de Wagner, “É impossível objetificar, inventar algo sem ‘contrainventar’ seu oposto” (2010, p.86). Porém, como

¹⁹ “A antropologia é o estudo do homem ‘como se’ houvesse cultura” (Wagner, 2010, p.38) e “É incidental questionar se as culturas existem. Elas existem em razão do fato de terem sido inventadas e em razão da efetividade dessa invenção” (Wagner, 2010, p.39).

a *Gestalt* demonstra, assim como não é possível atentar simultaneamente para a figura e para o fundo, assim também o significado de cada termo, por mais que implique no seu “fundo oposicional”, precisa mascarar este para aparecer. Trata-se do *contexto de controle* referido mais acima²⁰, em que a atenção do simbolizador implica o mascaramento da oposição contra a qual promove o significado. Portanto, somente através do momento dialético que a relação binária de oposição é evidenciada.

Contudo, à esta dialética estrita se acrescenta uma relação dialética aberta, necessária enquanto relação de extensão analógica e espontânea enquanto invenção metafórica com seus termos de alteridade. Esta possibilidade aberta das relações de alteridade, seria, em termos deleuzianos, o mesmo que sua síntese disjuntiva, uma vez que a própria síntese não só possui sua antissíntese, quanto possui ela própria a oposição binária de seu termo, bem como a retro-dialética com os termos que lhe deram origem “*A causa do efeito é o efeito da causa*” (WAGNER, 2010, p.240), bem como ainda as novas e infinitas possibilidades de relações dialéticas.

1.2.9 O núcleo duro do sexo e a matriz heterossexual

A concepção de tratamento das ciências da saúde está baseada em nossos pressupostos culturais de que a identidade masculina está para o corpo com pênis assim como a identidade feminina está para o corpo com vagina, sendo patológicas outras identidades para sexo (além de macho e fêmea) e para gênero (além de homem e mulher), bem como outras relações entre sexo e gênero (homens com vagina e mulheres com pênis), o que faz do convencionalmente e normativamente normal apenas uma combinação entre outras possíveis.

Neste sentido, o sexo normatizado como normal pelas ciências da saúde encerra uma indistinção entre sexo e gênero, que trata de igualar, misturar ou subsumir o gênero no sexo, isto é, fazer da biologia (sexo) não somente a origem que antecedeão a cultura (gênero), como também o destino que se lhe impõe, marcando sob o signo de patológico as outras possibilidades que fogem a este

²⁰ Página 31.

caminho vicioso e pretensamente tautológico entre natureza e cultura. Nas palavras de Judith Butler “a hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito.” (2003, p.24). Neste sentido, a decomposição analítica do núcleo duro do sexo em gênero e desejo é um recurso diagnóstico reservado apenas para os casos desviantes.

O que parece sustentar esta lógica binária quanto aos sexos e gêneros é a ideia de que a vagina existe em função do pênis e vice-versa e de que o propósito de ambos é a reprodução da espécie humana. Neste sentido, a diferença entre os sexos é também a diferença da sexualidade, isto é, mulheres e homens só existem na imposição da heterossexualidade. Em suma, o núcleo duro das ciências da saúde estabelece um *continuum* (mono)lógico entre sexo, gênero e desejo, que faz soar como truísmo que nascer com pênis implica ser homem e gostar de mulheres e, por oposição complementar, nascer com vagina implica em ser mulher e gostar de homens, reificando frases-feitas que (con)fundem sexo e gênero, tais como “sexo masculino” e “sexo feminino”.

Contudo, se a instituição da heterossexualidade seria a base dos binarismos de sexo (fêmea e macho) e de gênero (mulher e homem), funcionando como estrutura profunda de integração da sociedade e atendendo ao que seria a finalidade última desta, a saber: a reprodução de si mesma pela reprodução de seus membros que, por sua vez, reproduziriam suas instituições, resultando assim em um ciclo perpétuo, então, quando a heterossexualidade é separada da reprodução com o advento dos contraceptivos, como justificar a frequência da prática heterossexual sem fins reprodutivos senão pela normalidade do prazer? E, se é assim, como utilizar o critério da reprodução para excluir desejos tais como a bissexualidade e a homossexualidade, e práticas tais como a masturbação? (A masturbação seria hétero, homo ou bissexual? Ou ainda profundamente incestuosa? Ou outra coisa?) Além disso, justificar o sistema binário pela heterossexualidade não implica manter intacto o paralelo mimético entre sexo e gênero, como se essa relação que liga a vagina (sexo) à mulher (gênero) e o pênis (sexo) ao homem (gênero) fosse necessária para a fecundação, isto é, como se possibilidades cruzadas entre sexo e gênero (mulheres com pênis e homens com vagina) fossem impeditivas para a reprodução, sem contar o advento das tecnologias reprodutivas (reproduções *in vitro*, por exemplo) que prescindem do intercurso sexual.

Além disso, se por um lado o desejo heterossexual parece fundamentar tanto o binarismo de sexo quanto o de gênero que o acompanha, uma vez que a reprodução da espécie humana não é por partenogênese, mas necessita de pessoas com sexos opostos para que cada qual forneça o seu gameta para a fecundação, por outro o sexo parece fundamentar o desejo, na medida em que lhe constitui a referência para se orientar. No tocante à fundamentação do desejo pelo sexo, em que um parece ser a causalidade do outro, num circuito tautológico, vale a crítica de Butler:

Se gênero é a forma congelada que a sexualização da desigualdade assume, então a sexualização da desigualdade precede gênero, e gênero é seu efeito. Mas podemos conceitualizar a sexualização das desigualdades sem uma concepção anterior de gênero? Faz sentido afirmar que os homens subordinam as mulheres sem antes termos uma ideia do que do que são homens e mulheres? (BUTLER, 2004, p. 269).

Por fim, a noção de desejo vem complexificar o uso diagnóstico do termo gênero. Por exemplo, se a pessoa nasceu com pênis, tem aversão ao próprio genital, reconhece-se como mulher, porém tem desejo por homens, como sustentar ao mesmo tempo o diagnóstico transexual e que a heterossexualidade, por seus fins reprodutivos, constituiria a racionalidade que seria a base do binarismo de sexo e de gênero numa única relação paralela saudável de correspondência? Diante disto, ou os critérios médicos de identificação com o sexo oposto e de disforia com o próprio genital não seriam suficientes, ou a heterossexualidade não constitui o fundamento do binarismo de sexo e de gênero.

Em suma, a hipótese da matriz heterossexual, apesar de ter orientado tanto as ciências da saúde quanto o senso comum, não seria ela própria a responsável da lógica do binarismo de gênero, mas antes uma espécie de ideologia da lógica terapêutica.

Não é lógica porque, como vimos, não leva em consideração o prazer, uma vez que, com os contraceptivos, o sexo foi separado da reprodução e a frequência com que o fazem os heterossexuais não visa a fertilização (o sexo entre os humanos não é sazonal²¹); não antecede o gênero, uma vez que precisa desta referência para orientar o desejo pois, afinal, como o desejo mútuo entre mulheres e homens pode preceder a ideia do que é uma mulher ou um homem? Por fim, não implica na

²¹ “o amor nunca é sazonal na espécie humana” (LAQUEUR, 2001, p.196).

relação entre sexo e identidade de gênero, uma vez que, por exemplo, uma pessoa pode nascer com pênis, perceber-se mulher e gostar de homens, outra pode igualmente nascer com pênis, perceber-se mulher e gostar de mulheres, outra ainda pode nascer com vagina, entender-se homem e gostar de homens e assim por diante.

Diante disto, qual o critério para definir a heterossexualidade: atração entre sexos opostos ou entre gêneros opostos? A heterossexualidade se dá no encontro de genitais opostos ou entre pessoas de gênero oposto? Ou outro critério?

Antes de se considerar as pessoas trans não havia este problema, uma vez que o sexo designava o gênero e vice-versa. Porém, quando se começa a se considerar as pessoas trans, percebe-se que a prescrição de buscar restituir a heterossexualidade em função da reprodução e, portanto do sexo, não implica em modificar a identidade de gênero de uma pessoa. Tanto que o psicanalista Robert Stoller separa a formação da identidade de gênero de uma pessoa, atribuindo-a até os três anos de idade²², da orientação sexual dela que, “ainda segundo Stoller (1978)²³, [afirma que] a escolha do objeto sexual, de desejo, dá-se a partir da adolescência e não interfere na identidade de gênero do indivíduo ‘normal” (Grossi, [19--], p.11).

Em suma, o advento dos contraceptivos e a despatologização da homossexualidade só contribui para enfraquecer a hipótese heterossexual que, antes de ser a causa do binarismo de gênero é efeito de uma configuração política e epistemológica.

Contudo, se a hipótese da matriz heterossexual na constituição dos binarismos de sexo e de gênero e de uma única relação necessária entre eles apresentou tantas recalcitrâncias, a noção de sexo enquanto verdade da pessoa e anterior a qualquer marcação cultural demorou um pouco mais para ser questionada.

Conforme se nota, a noção terapêutica de gênero, utilizada como ferramenta diagnóstica para classificar transtornos de identidade, manteve a noção de sexo como referência natural, universal e *a priori*, base tanto do gênero como do desejo. Não se questiona o sexo de uma pessoa, dado ao nascimento, mas sim sua

²² “para ele [Stoller], uma criança aprende a ser menino ou menina até os três anos, momento de passagem pelo complexo de Édipo e pela aquisição da linguagem. (GROSSI, ?, p.8)

²³ Segundo consta na bibliografia, a obra referida nesta citação é “STOLLER, Robert. Recherches sur l'Identité Sexuelle. Paris: Gallimard, 1978 (tradução de ‘Sex and Gender’, cuja primeira edição é de 1968).

identidade de gênero e desejo, a partir do nascimento. Deste modo, o conceito de gênero, conforme forjado pelas ciências da saúde, manteve sua força, na medida em que, tanto a influência da cultura na transformação psicológica do eu não foi considerada importante o suficiente para ser levada em conta, quanto por manter intocada a noção biológica de sexo como fundamento do gênero e, portanto, do comportamento, isto é, tanto do gênero quanto do desejo, uma vez que lhes constitui a referência. Nas palavras de Moore:

embora se reconheça que as construções de gênero não são determinadas pelas diferenças sexuais biológicas [...] considera-se que essas diferenças sexuais são nitidamente visíveis nos atributos físicos do corpo humano e que são cruciais para a reprodução biológica das populações humanas. Em suma, existe uma suposição implícita de que as diferenças sexuais biológicas binárias são subjacentes às categorias de gênero, mesmo que não as determinem. (MOORE, 1997, p.2)

Logo, tanto o empreendimento de Mead em desnaturalizar comportamentos e personalidades atribuídos ao sexo, como o subsequente empreendimento feminista em desnaturalizar a dominação masculina e possibilitar as condições de uma sociedade não sexista perdiam legitimidade no âmbito acadêmico diante do conceito de gênero proposto pelas ciências da saúde, cujo pressuposto biológico que o alicerçava restava intacto. Este embate é assim resumido pela bióloga feminista Fausto-Sterling:

Money, Erhardt e as feministas colocaram os termos de tal maneira que sexo passou a representar a anatomia e funcionamento fisiológico do corpo e *gênero* passou a representar as forças sociais que moldam o comportamento. As feministas não questionavam o domínio do sexo físico; o que era posto em questão eram os significados psicológicos e culturais dessas diferenças – o gênero. Mas as definições feministas de sexo e gênero deixavam aberta a possibilidade de que as diferenças masculino/feminino em funções cognitivas e comportamentais podiam *resultar* de diferenças sexuais e, assim, em certos círculos, a questão de sexo *versus* gênero se tornou um debate sobre quanto a inteligência e alguns comportamentos estão embutidos nas conexões no cérebro, enquanto em outros casos não há remédio senão ignorar muitas das descobertas da neurobiologia contemporânea. (FAUTO-STERLING, 2001, p.16 -17).

Ora, se os corpos transexuais seviram às ciências da saúde para deslocar o conceito de gênero para a mente e forjá-lo cientificamente enquanto categoria diagnóstica para pensar o normal como uma coerência necessária entre corpo, mente e desejo (corpos com pênis = identidade masculina = gostar do sexo-gênero

oposto; corpos com vagina = identidade feminina = gostar do sexo-gênero oposto) e possibilidades cruzadas como sinais patológicos de transtorno de identidade (corpos com pênis = identidade feminina; corpos com vagina = identidade masculina, sendo o desejo, para a medicina, considerado a partir do sexo e não do gênero); os corpos intersexuais²⁴ tiveram o mérito de retornar as atenções ao corpo e tornar explícita a noção naturalizada de sexo, que divide a humanidade entre ou homens ou mulheres, em um binarismo excludente e heterossexualmente orientado. Nesse sentido:

Se uma criança nasce com dois cromossomos X, ovários, um útero na parte de dentro, mas com um pênis e uma bolsa escrotal na parte de fora, por exemplo, é um menino ou uma menina? A maioria dos médicos dirá que é uma menina, a despeito do pênis, por causa do seu potencial para dar à luz, e intervêm usando cirurgia e hormônios para confirmar sua decisão. (FAUSTO-STERLING, 2001, p. 20)

Infere-se que a intervenção médica já não é mais para adequar o corpo à mente, mas simplesmente se trata de adequar o corpo às nossas condições de inteligibilidade sobre sexo e gênero. No comentário de Butler ao livro de Foucault “Herculine Barbin: o diário de uma hermafrodita”:

A introdução de Foucault aos diários do hermafrodita Herculine Barbin sugere que a crítica genealógica das categorias reificadas do sexo é uma consequência inopinada de práticas sexuais que não podem ser explicadas pelo discurso médico-legal da heterossexualidade naturalizada. Herculine não é uma “identidade”, mas a impossibilidade sexual de uma identidade. (BUTLER, 2003, p.46)

Resta então a pergunta: qual a causalidade de nosso entendimento sobre sexo pressuposto como gabarito da normalidade para as ciências da saúde e para a hipótese da matriz heterossexual, suposta condição necessária para o binarismo e para a perpetuação da espécie humana?

1.2.10 A fissão do núcleo duro do sexo

Segundo a filósofa Judith Butler, a concepção diagnóstica de gênero das ciências da saúde é produto de uma concepção mais ampla de gênero, enquanto princípio normatizador generificado e generificante da sociedade, manifesto não só

²⁴ Antigamente denominados hermafroditas.

nas diversas instituições que o regulam, como nas práticas que o reproduzem, incluso as transgressões que o reforçam. Nas suas palavras:

Gênero não é exatamente o que alguém “é” nem é precisamente o que alguém “tem”. Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. Supor que gênero sempre e exclusivamente significa as matrizes “masculino” e “feminina” é perder de vista o ponto crítico de que essa produção coerente e binária é contingente, que ela teve um custo, e que as permutações de gênero que não se encaixam nesse binarismo são tanto parte do gênero quanto seu exemplo mais normativo [...] Gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados. (BUTLER, 2014, p.253).

Portanto, a causa do núcleo duro do sexo que estabelece o normal e o patológico não diz respeito apenas às ciências da saúde, mas trata-se de uma configuração social, produto de relações de poder.

Ora, até o século XVIII, o entendimento médico sobre o corpo era muito diferente, e essa mudança não se deveu ao aperfeiçoamento do conhecimento científico, mas à inauguração de uma outra vontade de saber social. Segundo Laqueur:

As novas formas de interpretar o corpo não foram consequência de um maior conhecimento científico específico; resultaram de dois grandes desenvolvimentos distintos analíticos, mas não históricos: um epistemológico, o outro político. No final do século XVII [...] A ciência não mais gerava as hierarquias de analogias [...] mas criava um corpo de conhecimento.[...] A política [...] criou novas formas de constituir o sujeito [...] (Laqueur, 2001: 22)

Este novo saber e este novo poder apontados por Laqueur vão ao encontro da teoria foucaultiana:

Não considerar que existe um certo domínio da sexualidade que pertence, de direito, a um conhecimento científico, desinteressado e livre [...] Se a sexualidade se constituiu como domínio a conhecer, foi a partir de relações de poder que a instituíram como objeto possível [...] Entre técnicas de saber e estratégias de poder, nenhuma exterioridade (Foucault, 2003:93)

Segundo o historiador Thomas Laqueur (2001), até o século XVIII a medicina baseava-se no isomorfismo, isto é, no entendimento de que a humanidade possuía um único sexo, e que a diferença do corpo entre homens e mulheres era de

intensidade, precisamente na diferença de calor. Neste sentido, a mulher era entendida como um quase-homem, mas que lhe faltou uma maior temperatura na sua formação e por isso seus genitais permaneceram internos, uma vez que a vagina era compreendida como um pênis ao avesso. Nas palavras de Laqueur:

Durante milhares de anos acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens, só que – como dizia Nemesius, bispo de Emesa, do século IV – “a delas fica dentro do corpo e não fora”. Galeno, que no século II d.C. desenvolveu o mais poderoso e exuberante modelo de identidade estrutural, mas não espacial, dos órgãos reprodutivos do homem e da mulher, demonstrava com detalhes que as mulheres eram essencialmente homens, nos quais uma falta de calor vital – de perfeição – resultaria na retenção interna das estruturas que no homem são visíveis na parte externa. (LAQUEUR, 2001, p.16).

Isto não significa que se ignorava as diferenças anatômicas entre homens e mulheres ou que estes tivessem o mesmo status na sociedade. O que ocorria era diametralmente oposto à nossa atual concepção, isto é, de que primeiro está o sexo biológico e depois o gênero cultural construído a partir dele. Até o século XVIII, o sexo era o que entendemos hoje por gênero. Portanto, ser homem ou mulher era antes uma questão de posição social, sendo o sexo biológico secundário nesta classificação. Novamente Laqueur:

O sexo, ou o corpo, deve ser compreendido como o epifenômeno, enquanto o gênero, que nós consideraríamos uma categoria cultural, era primário ou “real”. [...] o que nós chamamos de sexo e gênero existiam em um “modelo de sexo único” explicitamente ligados em um círculo de significados; escapar daí para um suposto substrato biológico – a estratégia do Iluminismo – era impossível. Foi no mundo do sexo único que se falou mais diretamente sobre a biologia dos dois sexos, que era mais arraigada no conceito de gênero, na cultura. Ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não ser organicamente um ou outro de dois sexos incomensuráveis. Em outras palavras, o sexo antes do século XVII era ainda uma categoria sociológica e não ontológica. (LAQUEUR, 2001, p.19).

É somente após o século XVIII que acontece o dimorfismo sexual, isto é, quando a humanidade deixa de ser compreendida a partir do modelo de um sexo único em que a diferença de corpos entre homens e mulheres de quantitativa (segundo uma maior e uma menor temperatura que faria, respectivamente os homens terem suas genitálias para fora, enquanto as mulheres a manteriam internas) passa a ser qualitativa, isto é, segundo uma dupla natureza em que cada

sexo teria o seu respectivo corpo, marcado pelos genitais, base das expectativas sociais quanto ao comportamento correspondente. Nas palavras de Laqueur:

Assim, o antigo modelo no qual homens e mulheres eram classificados conforme seu grau de perfeição metafísica, seu calor vital, ao longo de um eixo cuja causa final era masculina, deu lugar no final do século XVIII, a um novo modelo de dimorfismo radical, de divergência biológica. (LAQUEUR, 2001, p.17)

Então, a própria dicotomia natureza/cultura que sustenta a separação sexo/gênero passa a ser questionada. Originalmente por Foucault, para quem o sexo não está do lado da natureza, mas sim da cultura e sua aparente naturalidade é antes um eficaz efeito de relações de poder que se impõem sub-repticiamente através do dispositivo da sexualidade que por instâncias discursivas institui o sexo como realidade natural, apesar de ser uma construção social. Segundo ele:

A noção de “sexo” permitiu agrupar, de acordo com uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres e permitiu fazer funcionar esta unidade fictícia como princípio causal, sentido onipresente, segredo a descobrir em toda parte: o sexo pôde, portanto, funcionar como significante único e como significado universal. Além disso, apresentando-se unitariamente como anatomia e falha, como função e latência, como instinto e sentido, pôde marcar a linha de contato entre um saber sobre a sexualidade humana e as ciências biológicas da reprodução (FOUCAULT, 2003, p.144-145)

Se Foucault, Laqueur e Butler desnaturalizam historicamente o sexo no Ocidente, a antropologia também demonstra que o critério genital como fundamento do sexo é etnocêntrico. Segundo Moore:

Em muitas sociedades se acredita que as pessoas são feitas de partes ou substâncias femininas ou masculinas. Lévi-Strauss (1976) identificou o que chamou de complexo carne-osso nas sociedades do sul asiático, nas quais ossos são herdados do pai e a carne da mãe. Marilyn Strathern (1988) discutiu recentemente a natureza fragmentável e múltipla, do ponto de vista do gênero, dos corpos, conforme concepções do povo da região de Mount Hagen, nos planaltos da Nova Guiné. Os habitantes de Mount Hagen concebem o gênero como um processo, mais do que uma categoria: como alguém se torna, em vez do que alguém é [...] as pessoas podem se tornar mais femininas ou masculinas, dependendo do quanto estiverem em contato e do quanto ingeriram substâncias consideradas (por exemplo, sangue menstrual, fluidos do parto e secreções vaginais). (MOORE, 1997, p.8).

Portanto, não apenas gênero é uma construção social sobre a realidade natural do sexo biológico, mas também o próprio sexo é uma construção social.

A consequência da fissura do núcleo duro do sexo é a teoria Queer, cuja principal figura é a filósofa Judith Butler que argumenta que o sexo independe de gênero que, por sua vez, independe de desejo. Neste sentido, por exemplo, não se deixa de ser homem por ser gay e nem constitui um erro lógico ser travesti e gostar de mulheres. Para Butler, é necessário separar sexo, de gênero e de orientação sexual. Assim, nascer com tal ou qual genital não implica na autopercepção de sua identidade de gênero, que pode ser ou masculina ou feminina ou ainda não-binária. Além disso, assim como o genital não implica no gênero, ambos não implicam no desejo, que, em sua independência, pode se voltar a qualquer identidade de gênero, conforme o desejo de cada um. Nas palavras de Butler:

O primeiro movimento é separar sexualidade de gênero, de modo que ter um gênero não pressupõe que alguém se envolva numa prática sexual determinada, e envolver-se numa prática sexual determinada, sexo anal, por exemplo, não pressupõe que alguém que seja de um gênero dado. O segundo movimento relacionado à teoria queer é argumentar que gênero não é redutível à heterossexualidade hierárquica, que ele toma formas diferentes quando contextualizado pelas sexualidades queer, e que, de fato, seu binarismo não pode ser tomado como dado fora do quadro heterossexual, que gênero é internamente instável, que as vidas dos transgêneros são evidência de quebra de quaisquer linhas de determinismo causal entre sexualidade e gênero. (Butler 2014 : 269-270)

Contudo, o desmonte do núcleo duro ainda não foi reconhecido pelas ciências da saúde e, tampouco, pelo senso comum e os corpos desviantes ainda são considerados abjetos. É importante salientar que, para Butler, a identidade de gênero não é uma identidade ao lado de outras, mas é a própria condição de existência do indivíduo enquanto pessoa, garantindo-lhe inteligibilidade e dignidade. Segundo Butler (2003, p.37): “seria errado supor que a discussão sobre ‘identidade’ deva ser anterior à discussão sobre a identidade de gênero, pela simples razão de que as ‘pessoas’ só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero.” Portanto, somente os corpos normatizados possuem identidade, logo inteligibilidade, e assim são garantidas as condições de sua existência enquanto pessoa.

Neste sentido, gênero é uma categoria ontológica, em que o âmago do Ser só teria a possibilidade de se exprimir e ser cognitivamente reconhecido, se generificado. Diante disto, Butler (2003) retoma as críticas feministas que denunciam o singular na relação entre ser e gênero, isto é, apenas o homem existe. Para tanto, se me permitem uma rápida condensação, ela apresenta os argumentos de Simone

de Beauvoir e Monique Wittig, para quem o homem é universal e a categoria sexo existe para marcar as mulheres; e Lucy Irigaray, para quem a linguagem sexista sequer possibilita a representação da mulher. Nas palavras de Butler:

Irigaray afirmaria, no entanto, que o “sexo” feminino é um ponto de ausência linguística, a impossibilidade de uma substância gramaticalmente denotada e, conseqüentemente, o ponto que expõe essa substância como uma ilusão permanente e fundante de um discurso masculinista. Esta ausência não é marcada como tal na economia significante masculinista – a afirmação que se contrapõe ao argumento de Beauvoir (e de Wittig) de que o sexo feminino é marcado, ao passo que o masculino não o é. Para Irigaray, o sexo feminino não é uma “falta” ou um “Outro” que define o sujeito negativa e imanentemente em sua masculinidade.” (BUTLER, 2003, p29-30).

Portanto, o homem está do lado do ser e a mulher do lado do gênero. O Ser é *a priori* masculino e engloba o gênero. Em outras palavras, o homem é o ser generificado e a mulher é o gênero em função do ser. Neste sentido, gênero volta a significar mulher, mas numa relação de desigualdade ontológica com o homem. Diante disso, na medida em que gênero enquanto mulher se expressa como o Outro do homem e, pior, numa linguagem falocêntrica! Não seria o caso de se perguntar em que medida gênero, de fato, expressa a mulher? Dito de outro modo, se a concepção de Ser encerra o homem e subsume a mulher em sua humanidade, do mesmo modo não estaria também a noção de gênero enquanto mulher, (sub)produto da noção de Ser, paradoxalmente subsumindo as mulheres?

No compêndio de Haraway para escrever o verbete “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra” (2004), ela recupera a crítica de Audre Lorde:

Ser mulheres juntas não era suficiente. Éramos diferentes. Ser garotas gays juntas não era suficiente. Éramos diferentes. Ser negras juntas não era suficiente. Éramos diferentes. Ser mulheres negras juntas não era suficiente. Éramos diferentes... Levou algum tempo para percebermos que nosso lugar era a própria casa da diferença e não a segurança de alguma diferença em particular. (LORDE *apud* HARAWAY, 2004, p.227).

Desse modo, a noção de mulher só ganha um sentido concreto se for considerada segundo outras variáveis, tais como: classe, raça, orientação sexual etc. Segundo Piscitelli “Haraway considera que a categoria de gênero obscurece ou subordina todas as outras – raça, classe, nacionalidade – ‘outras’, que emergem

nitidamente das 'políticas da diferença'. O problema reside no gênero como identidade global (e central)." (2001, p.13).

Em suma, a "política da diferença", ao inagurar ao falante legitimidade e autorepresentação em razão de seus marcadores tais como sexo/raça/nacionalidade, recupera o sentido inicial de gênero enquanto classe, tipo, categoria. Nas palavras de Haraway: "Mas é precisamente da "alteridade" e da "diferença" de que "gênero" trata "gramaticalmente", um fato que constitui o feminismo como uma política definida por seus campos de contestação e repetidas recusas das teorias dominadoras." (2004, p.245).

Neste sentido, retornamos ao conceito de conceito que introduz o conceito de gênero, segundo o qual um conceito é constituído por componentes que se relacionam com outros componentes de outros conceitos e que diante de um problema definido, inagura novos conhecimentos conforme a assinatura de sua concepção. Complementarmente às relações rizomáticas de um conceito para se arvorar numa nova fonte de conhecimento do bem e do mal, e fazendo uma aproximação entre Deleuze e Wagner, este nos adverte que a conotação é também a raiz da palavra, pois a denotação é também metáfora, isto é, toda convenção é resultado de um movimento de territorialização e impulsiona sua própria desterritorialização ao obviar a si mesma para a invenção, ao resistir a si mesma enquanto convenção.

No caso, como vimos, o conceito de gênero significa, conforme suas relações componentes: categoria, mulher, dominação masculina, prescrição cultural ao sexo, ferramenta diagnóstica para o desvio mental da autopercepção sexual, epistemologia para normatização dos corpos, ontologia, dominação ontológica masculina e, por fim, categoria enquanto diferença para a alteridade. Fica patente pois as extensões metafóricas entre os conceitos, bem como as analogias entre dominação masculina e dominação ontológica masculina ou entre gênero como categoria e gênero como diferença para alteridade, sínteses de obviação que recuperam teses iniciais. Nas palavras de Wagner: "Então, obviação é a versão sequencial da metáfora. O que é uma metáfora estendida? Pegue uma metáfora, faça uma metáfora dessa metáfora, faça uma metáfora dessa metáfora e assim por diante. Até onde se chega? O resultado é uma obviação de início." (2011, p.975)

2. TRAJETÓRIA EM CAMPO

*They said they respect me
Which means
Their judgement is crazy
I've had my face dragged in
Fifteen miles of shit
And I do not
And I do not
And I do not like it
So how can anybody say
They know how I feel
When they are they
And only I am I
So how can anybody possibly think
They know how I feel
Everybody look
See pain
And walk away*

Morrissey

Minha aproximação com o tema das pessoas trans ocorreu em meados de 2014, quando, como professor de sociologia da Rede Estadual de Educação do Estado do Paraná, buscava aperfeiçoar minhas aulas sobre gênero²⁵. Para tanto, solicitei alguma bibliografia para colegas do Facebook, e como ninguém soube indicar, passei a procurar na própria rede social, acabando por curtir²⁶ a página *Travesti Reflexiva*, que promove reflexões sobre gênero. A partir daí, o algoritmo do Facebook me sugeriu aderir a um grupo que também refletia sobre gênero, o Transevidência, sendo o nome alusão às pessoas trans e à intenção de fazer visível as suas demandas²⁷.

²⁵ No Paraná, a temporada de “caça ao gênero” ainda não havia logrado êxito em retirar do Plano Estadual de Educação a *Estratégia* 7.35, onde, de acordo com a Secretaria de Educação do Estado do Paraná, constava-se: “Produzir e distribuir materiais pedagógicos que promovam igualdade de direitos e afirmação da diversidade, contemplando a realidade das populações negra, LGBT, do campo, cigana e em situação de itinerância, dentre outros segmentos, conforme suas especificidades.” (2015, p.77).

²⁶ Botão que quando clicado passa a incluir as publicações da página em sua “Linha do Tempo”, permitindo assim que acompanhe as atualizações de conteúdo.

²⁷ No Facebook, a diferença entre uma página e um grupo é que, na primeira, somente a pessoa responsável pode postar seu conteúdo e, no segundo, qualquer membro do grupo o pode, sendo que, em ambos, as pessoas que acompanham podem curtir e comentar as postagens.

2.1 O GRUPO TRANSEVIDÊNCIA

Diferentemente da página *Travesti Reflexiva*, que posta de modo mais formal o seu conteúdo, e conforme as reflexões de uma única pessoa (a psicóloga Sofia Favero), no grupo *Transevidência* as postagens partiam de diversos membros, conforme suas necessidades e variavam desde promover reflexões sobre gênero, passando por desabafos, divulgação de notícias sobre pessoas trans na mídia, até informações sobre o que chamam de *transição*: conselhos sobre “sair do armário”²⁸, sugestões de nomes para o nome social²⁹, hormônios, cirurgias etc.

É preciso dizer que grande parte destas postagens era precedida por um aviso com palavras-chave sobre o assunto que seria abordado, a fim de evitar que alguma pessoa fosse surpreendida com algo que a pudesse ofender, perturbar ou machucar. Por exemplo: “TW PARA GENITAIS”, ou “TW: disforia”, ou “Aviso: homofobia, lesbofobia, transfobia e etarismo”, ou “Conteúdo: relacionamento amoroso; transição; questionamento do próprio gênero.”. O “TW” para este tipo de aviso vem da expressão inglesa *Trigger Warning*, que literalmente significa “aviso de gatilho”, isto é, “cuidado com a possibilidade do conteúdo da postagem lhe despertar disforia”.

A princípio, as configurações de privacidade do grupo *Transevidência* permitiam o acesso de todas as pessoas. Depois, o status do grupo passou a ser fechado, isto é, apenas membros poderiam visualizar as postagens. Por fim, passou a ser secreto, isto é, somente membros poderiam encontrar o grupo no Facebook.

Por um lado, esta progressiva restrição tinha por objetivo proteger os membros a fim de criar um espaço seguro em que pudessem expor seus pensamentos, ansiedades, dúvidas etc.; por outro, esta restrição não se limitou apenas ao “plano operacional”, pois as pessoas trans para o qual o grupo era voltado eram as travestis, transexuais e os homens trans, excluindo assim aquelas que não se identificam somente como homem ou mulher, as trans não-binárias. Dito de um modo simplista, as pessoas que se sentiam contempladas pelo grupo eram

²⁸ Assumir publicamente a ruptura com as expectativas públicas a respeito da própria identidade de gênero ou identidade sexual.

²⁹ O nome social é o nome que a própria pessoa escolhe em substituição ao nome de batismo, sendo que algumas instituições, como o Banco do Brasil, reconhecem-no e emitem documentos com o nome social escolhido, mantendo no cadastro o nome de batismo relacionado ao nome social. Mais a respeito na seção 2.11

apenas as mulheres que nasceram com pênis e os homens que nasceram com vagina, pessoas ditas trans *binárias* pelas trans *não-binárias*.

Diante disto, era comum que as postagens fossem problematizadas e que os diálogos nos comentários virassem discussões que, por sua vez, passavam para acusações, geralmente acompanhadas de *prints*³⁰ pinçados com a intenção de provar a acusação e difamar a outra pessoa, o que acabava por resultar em banimento ou em autoexclusão. Não se trata tanto de um espaço para debates, mas de acusações. Além disso, protestos contra alegados desmandos da moderação somados, principalmente, à intenção de incluir trans não-binárias, culminaram num cisma, isto é, na criação de um novo grupo, o *Transevidência Não-Binária*.

Logo que o novo grupo foi criado, mandei mensagem solicitando participar e fui prontamente incluído. Por alguns meses, foi comum o trânsito de membros entre os dois grupos, até o grupo *Transevidência* ser, ele mesmo e por ele mesmo, excluído.

2.2 O GRUPO *TRANSEVIDÊNCIA NÃO-BINÁRIA*

O grupo *Transevidência Não-Binária* foi criado em agosto de 2014 e nele é possível não só o aprendizado dos conceitos relativos às trans não-binárias, mas também, através dele, o desenvolvimento de uma sensibilidade manifesta num *ethos* e ética. Não deixa de constituir uma contradição o fato de que no grupo elas relatem intimidades, mas pessoalmente sejam reticentes quanto às próprias vivências. Atualmente (setembro de 2016), o grupo conta com aproximadamente 700 membros (696) e tem a seguinte autodescrição:

DESCRIÇÃO

Grupo focado em pessoas trans não-binárias e genderqueer.
Este é um espaço misto, que aceita pessoas binárias.

*** NOVOS MEMBROS! ***

Acelerem sua adição ao grupo enviando mensagem privada para algumx administradorx quando fizerem seu pedido de inclusão!

REGRAS DO GRUPO:

1 – Não serão aceitos atos de binarismo, transfobia, misoginia, gordofobia,

³⁰ Print é a captura de imagem presente na tela do aparelho eletrônico (notebook, tablet, celular etc.).

racismo, etarismo, elitismo ou qualquer outro tipo de preconceito, além de tokenização, DENTRO OU FORA DO GRUPO. Os envolvidos nesses atos terão uma chance de se retratar, desculpar-se e desconstruir, caso não o fizerem, é ban.

2 – Apesar de sabermos que misandria é uma tática de luta contra o patriarcado, também não será aceita dentro do grupo, porque acaba atingindo homens trans e trans não binários masculinos.

3 – Não serão aceitas acusações sem fundamento. Quando for acusar alguém, fale diretamente para a moderação, com provas concretas (links e prints), para que a mesma possa debater sobre o assunto e agir da melhor forma possível.

4 – Não serão aceitos qualquer tipo de xingamento e agressividade. Peço que não confundam reação do oprimido com violência gratuita.

5 – Sempre que um oprimido te acusa de ser opressor, escute e desconstrua. Apenas negar não te faz menos opressor, muito pelo contrário.

6 – Qualquer ato de assédio a qualquer membro do grupo também não será tolerado.

7 – Respeitem quando houverem posts direcionados apenas a algum grupo específico. Se não pertence a esse grupo, NÃO COMENTE. Nem com "ac", nem para dar a sua opinião sobre o assunto, nem para dizer que não acha justo não poder comentar. SIMPLEMENTE NÃO COMENTE, respeite os espaços que não lhe dizem respeito.

8 – QUALQUER tipo de relativizações devem ser evitadas, seja de opressão, seja de qualquer outro assunto (como pedofilia, por exemplo).

9 – Não esqueçam de usar TW, por consideração ao próximo. Respeitem sempre os triggers alheios.

10 – Aprendam que o Transevidência e o Transevidência Não Binárias são grupos DIFERENTES. Caso haja discussões, mantenha-as no grupo de origem, ao invés de continuar esse leva-e-trás que só é prejudicial a ambos os grupos.

11 – É proibido vazar prints de grupo para fora do grupo e vice-versa, sem autorização dos printados³¹.

12 – É proibido bloquear QUALQUER membro da moderação, porque impede que façamos nosso trabalho eficientemente.

13 – QUALQUER tipo de problema, marque a moderação IMEDIATAMENTE, para que possamos consertar antes de tomar maiores proporções.

Eis os 13 mandamentos do grupo. Eles são menos um legalismo em que os administradores procuram impôr ordem, do que a expressão orgânica do *ethos*³²,

³¹ O dilema ético é evitado porque aqui não se trata de prints, mas de transcrições preservando o anonimato das pessoas envolvidas.

³² Vivência.

ética³³ e etiqueta³⁴ das trans não-binárias, baseada nas experiências de conflito que tiveram no antigo grupo Transevidência. De um modo geral, pode-se identificar dois eixos que orientam as regras: primeiro, fobia de fobias, não no sentido do preconceito envergonhado que se manifesta no espaço privado ao invés do espaço público, mas a aversão tanto a oprimir quanto a despertar disforia; segundo, respeitar o *lugar de fala* da pessoa oprimida, abstendo-se de redarguir, atitude vista como arrogante silenciamento do oprimido.

2.2.1 Regras um, seis, sete e nove – discriminação dos lugares de fala

Nelas, vemos o cruzamento dos diversos preconceitos que são utilizados como marcadores para localizar o *lugar de fala*: “binarismo, transfobia, misoginia, gordofobia, racismo, etarismo, elitismo ou qualquer outro tipo de preconceito, além de tokenização”. Se binarismo é o preconceito contra pessoas trans não-binárias; transfobia, contra pessoas trans; misoginia, contra mulheres; gordofobia, contra pessoas gordas; racismo, contra pessoas negras; etarismo, contra pessoas muito jovens ou idosas; elitismo, contra pessoas pobres; o que seria a *tokenização*? Seria procurar deslegitimar a existência destas opressões através de alguma pessoa que, classificada em uma ou mais destas minorias, ou é bem-sucedida apesar delas, ou não reconhece sobre si estas opressões. Há também o inverso, quando uma pessoa se enquadra somente em uma ou poucas categorias de minoria social em meio à diversas outras em que mantém privilégios, mas convenientemente ignora estes e usa aquelas, buscando legitimar seu *lugar de fala* com a multidão de pessoas que participam daquela mesma ou daquelas mesmas categorias, porém sem os mesmos privilégios nas outras. Enfim, trataria-se de apropriar do *lugar de fala* de outras posições de modo convenientemente sub-reptício, deixando a impressão implícita de que participa destas posições também.

Ora, percebe-se que o *lugar de fala* é determinado pelo Outro, enquanto inimigo. Não se trata de aceitar o estigma imposto pelo Outro, mas de reconhecer que a estigmatização se faz pesar. O estigma aqui, pode ser entendido nos termos

³³ Guia de como o indivíduo deve agir diante da moral do grupo.

³⁴ “Ética menor”. Regras formais que sinalizam boa-fé diante da falta de intimidade. No caso, de redobrada importância no meio virtual, uma vez que a entonação nem sempre é legível para a pessoa leitora em momento de desatenção.

do sociólogo Erving Goffman: “sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava” (p.11). Mais adiante: “deixamos de considerá-lo [o ser humano estigmatizado] criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída (idem, p.12). E, por fim: “Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem” (idem, p.13).

2.2.2 Regras dois e quatro – a violência do oprimido

A segunda regra reconheceria a aversão aos homens como estratégia de combate à dominação masculina, numa espécie de assimetria compensatória, visto que, se ao longo de séculos as mulheres foram oprimidas pelos homens, então, para equilibrar esta desigualdade de poder caberia, mesmo que simbolicamente, contra-atacá-los a fim de estabelecer, senão uma igualdade de direitos, uma igualdade de opressões, forçando um senso de alteridade através da dor que não provoca solidariedade, ou melhor, que solidariza no sentimento de repugnância ante o abjeto. Não se trata de simples revanchismo, mas também de dar a oportunidade de empatia. Porém, na medida em que isto implica um ataque aos homens trans, ou aos trans não-binários masculinos (àqueles que, mesmo se identificando também como mulher, expressam sua identidade através de convenções masculinas de gênero), esta consequência não desejada desautorizaria o seu uso.

Enfim, se a opressão ao opressor é válida enquanto estratégia, apesar de inócua diante da atual conjuntura histórica e das estruturas de poder (o que impede conclusões precipitadas como a de que o feminismo seria o machismo ao contrário, ainda que, ao longo da história, essas configurações possam mudar e até inverter) ela é imediatamente sentida como opressiva por estes coletivos trans oprimidos sob a homonomia de homens ou de masculinos. É neste sentido o seguinte diálogo postado na página pessoal de Daniel (até então, homem trans):

Daniel Santos: “Me irrita o machismo e a misoginia de algumas mulheres transexuais e travestis. Sério. E o fato delas sempre quererem apontar os homens trans como machistas e misóginos, simplesmente porque temos o termo ‘homem’ em nossa identidade, como se isso nos fizesse ‘naturalmente’ opressores.”

Akira Lee: “Por algum motivo, lá nas gringas, acham que homens trans são o grande inimigo das mulheres trans. Acham que a partir do momento que você se declara homem, ou não-mulher, você não sofre mais misoginia, não sofre mais os efeitos do machismo.

Além disso, a razão do oprimido que encontra seu álibi na própria opressão em vez da lógica do argumento, também não deixa de ser questionada:

Stefany Galvão “Vocês todos que amam defender qualquer baboseira (muitas vezes danosa ao nosso próprio progresso) só porque quem falou é oprimido, com essa epistemologia absolutamente nonsense, mal-embasada e mal-aplicada de que oprimido (enquanto indivíduo!) sempre sabe mais.

2.2.3 Regras três, cinco e oito - Acusações

As regras falam sobre acusações, sendo os *prints* considerados provas concretas para embasá-las. Resta ao acusado aquilo que foi indicado na regra um e na regra cinco, isto é, respectivamente: “se retratar, desculpar-se e desconstruir” e “escute e desconstrua. Apenas negar não te faz menos opressor, muito pelo contrário.” Nesse sentido, haverá perdão se assumir a culpa, mas haverá banição se a negar. Se o Outro das trans não-binários é um objeto abjeto que busca negá-la como abjeta no não-reconhecimento de sua indetidade, não deixa de haver uma relação de predação interespecífica, em que não apenas “eu sou o Oposto do meu Oposto”, mas a multiplicidade de opressões pode levar à sínteses disjuntivas³⁵ de lugares de fala, capazes de deslocar uma pessoa aliada numa opressora, uma vez que uma mulher pode ter sororidade com outra mulher, mas uma mulher negra não participa do mesmo *lugar de fala* que uma mulher branca.

2.2.4 Regras dez, onze, doze e treze – Moderação do grupo

A regra dez faz alusão ao descontentamento com o antigo grupo Transevidência, do qual surgiu o Transevidência não-binária. Um post representativo a respeito foi publicado por Vee Park Sol em 8 de agosto de 2014:

Recado para as pessoas binárias, alienadas e com preconceito contra n-b que estão lotando o grupo Transevidência...

(Alguns comentários dessas pessoas do Transevidência que adoram ditar como deve ser a não-binaridade: "assim como você ta destilando preconceito contra binários... você percebe isso?", "binary tear isso é tãaaao transfóbico", "enquanto genderfluid e bigênero são binaristas, pelo próprio nome e definição", "não-binário sugere justamente ausência de gênero, que é o mesmo que agênero", "não posso oprimir não-binários").

Uma coisa é não se encaixar em todos os estereótipos binários de gênero (ou seja, as noções normativas do que é o feminino e o masculino), outra coisa totalmente diferente é SER gênero não-binário.

Percebe-se duas queixas bem pontuadas no post: a primeira, argumenta que a identidade de uma pessoa ou grupo não pode ser definida por outra pessoa ou grupo. No entanto, o segredo aqui para impedir autodeterminações absurdas, tais como “eu sou um unicórnio”, com as quais já foram acusadas em tom de deboche por certas feministas, é que é preciso o reconhecimento (de um e) do próprio grupo ao qual diz pertencer ou a aquisição do *habitus* do grupo não-binário que balise a autodemarcação identitária conforme referências pertinentes ao grupo. A segunda, que não é porque as trans binárias são oprimidas que elas não podem ser opressoras. No primeiro argumento, esta heteronomia para designar a identidade de outra pessoa é referida no comentário subsequente ao post como “cagar regra”: “gente que não sabe o que é ser não-binário querendo ditar a definição de não binário e cagando a regra...”. Já o segundo argumento diz que ser oprimido não funciona como álibi contra poder se tornar opressor, conforme consta em outro comentário subsequente: “a pessoa acha que só porque está em um grupo oprimido jamais poderia agir como opressor... quando, na verdade, se você tiver uma atitude opressora com alguém que não está te oprimindo, o resto vira detalhe, é o que eu penso”. Esta também é a situação descrita na quarta regra do grupo, que diz que a *reação do oprimido* é diferente de violência gratuita.

2.3 O POST FIXO

A primeira postagem do grupo é fixa e nela consta o seguinte:

LEIA ANTES DE POSTAR:

Quem é você? Se você é uma pessoa não-binária, fale de suas identidades, de suas vivências... você se vê apenas como não-binária ou se autodefine em outras identidades dentro desse guarda chuva? Se você não for TNB e for só um BIADINHO, poste ainda assim (piada interna)

PESSOAS NÃO BINÁRIAS DO GRUPO! Postem como querem ser chamadas e tratadas aqui: [endereço eletrônico]

ATENÇÃO: Não toleramos qualquer falta de respeito, opressão ou preconceito. NÃO SUPONHA O GÊNERO DE NINGUÉM; evite táticas de misandria aqui dentro, algumas pessoas TNB masculinas se sentem atingidas, e certos homens trans binários também. A misandria tem seu lugar como tática operacional, mas não aqui.

O grupo tenta ser um lugar de acolhimento, debates, exposições e dinâmicas. A gente tenta ser lúdico com gêneros para subverter pouco a pouco o Cis-Tema Binarista e para relaxar um pouco diante de tanta transfobia binarista lá fora e tanta disforia em nós.

Participe de nossa ENQUETE [endereço eletrônico]

[...]

O prefixo “cis” em Cis-tema, advém do latim e significa “da parte de cá”, conotando a conformidade com aquilo que é instituído. Portanto, Cis-tema é a releitura crítica de sistema, conotando a imposição social de gênero pela sociedade na qual a maioria das pessoas está em conformidade com o gênero que lhe foi atribuído conforme o sexo e é também o antônimo de trans.

O link referente à Enquete propõe que as pessoas assinalem a que identidade de gênero pertencem, entre 12 categorias disponíveis, sendo possível que se classifiquem em mais de uma. Estas opções são precedidas pelo seguinte texto:

Pensei muito antes de fazer essa enquete e LEMBRE QUE NADA ESTÁ ESCRITO EM PEDRA e que a ideia não é encher isso aqui de milhões de identidades e sim de marcar os conceitos nos quais você se enquadra, pode ser mais de um. Se quiser dizer como se identifica nos comentários, faça isso, se não, também de boa.

Enfim, conforme o post, seguem as 12 categorias com o respectivo número de integrantes que se classificaram, em ordem decrescente, lembrando que muitos se classificaram em mais de uma:

Nº.	Categorias	Quantidade
1.	fluidez de gênero (<i>genderfluid</i> ou gênero fluido)	56
2.	epicênias (agênero, <i>neutrois</i> , <i>andrógines</i>)	39
3.	Queer	29
4.	espectro neutro (agênero + neutrois + demigênero)	22
5.	pessoa trans binária	22
6.	demigeneridade (demigêneros, demiboy, demigirl, etc.)	21
7.	pessoa cisgênero	19
8.	multiplicidade de gêneros (bigênero, trigênero, poligênero, pangênero)	14
9.	espectro ambíguo (epiceno + andrógino _ demigênero + neutros demienby)	10
10.	sobreposição de gênero (ou outra noção “espacial” de gênero)	8
11.	outrogeneridade (terceiro sexo; gênero étnico, sem definições maiores)	4
12.	Travesti	0

QUADRO 2³⁶ – CATEGORIAS DE IDENTIDADE DE GÊNERO NO GRUPO TNB

É interessante notar que as categorias com maior quantidade de identificações dizem respeito primeiro à fluidez e, em seguida, ao gênero neutro, isto é, se não é um devir, tampouco é uma arborescência. Em segundo lugar, se há pessoas binárias e não há travestis resta que, ou se trata de transexuais³⁷ ou de homens trans, sendo estes os mais prováveis.

Posteriormente, a respeito do entendimento destas categorias, conversei com Judy, autora da postagem, que respondeu:

rs as doze categorias... então, originalmente só haviam quatro categorias bem amplas, mas começaram a colocar um monte de outras coisas que eram inclusive cobertas pelas já existentes, digamos que só poderia responder por aquilo que eu pus lá originalmente rs.

³⁶ FONTE: O autor (2016)

³⁷ De um modo geral, em minha experiência em campo, travestis é mais uma categoria que não se pretende mulher, mas outrogeneridade ou terceiro sexo e transexuais se refere mais a categoria de travestis que que realizou a cirurgia de transexualização.

Portanto, segundo Judy, as quatro categorias originais e que dariam conta das demais seriam: multiplicidade de gênero, fluidez de gênero, epicênias e demigeneridade. A respeito delas, Judy diz que “multiplicidade de gêneros” se refere a quem tem mais de um gênero; “fluidez de gênero” (“eu noto que toda pessoa trans n-b tem”) é quando pessoas mudam de identidade com o passar do tempo, e compara com a “multiplicidade de gêneros”, dizendo que esta é mais fixa; “epicênias” é para designar a quem não tem identidade de gênero ou é uma identidade de gênero mais neutra; “demi-generidade” se refere a pessoas entre agênero e uma identidade de gênero mais forte.

Judy ainda faz uma ressalva, dizendo que há duas modalidades de categorias: a primeira utilizada entre pessoas trans, que no caso seriam as quatro categorias desdobradas nas 12 da enquete; e a segunda, voltada às pessoas que não são trans, para reivindicações de políticas públicas, e que deveriam ser mais simples, a fim de facilitar o entendimento e a mobilização com pautas bem definidas.

Judy aponta o caso de Nash, uma pessoa trans que se declara menino publicamente, mas que no meio trans se apresenta como demi-menino, isto é, mais menino do que menina. Judy diz de si mesma que é bigênero, isto é, 100% menino e 100% menina ao mesmo tempo, mas se declara trans, e que se estivesse numa transição mais avançada, se declararia travesti (a razão para ter interrompido sua transição é por causa de depressão e pânico).

Interessante notar que das quatro categorias originais que Judy propôs e que compreenderiam as demais, e apesar da diferenciação entre autotaxonomias internas e externas ao grupo, Judy, no próprio questionário que propôs se classificou como Queer, isto é, não utilizou nenhuma das quatro categorias que havia proposto originalmente e, no seu perfil do Facebook³⁸ consta: “feminino”, “masculino”, “transgênero”, “tírsias”, “transgênero não-binário”, “bigênero”, “genderqueer” e “transfinge”.

Ainda, sobre a quantidade de identidades de gênero, ela não deixa de causar certa estranheza no próprio meio trans não-binário:

³⁸ “Em 2014, a rede social passou a oferecer como opção uma lista de categorias diversas mas pré-definidas como: sem-gênero, andrógino, masculino, feminino, pangênero, transsexual, bigênero, não-binário, cis-gênero, neutro, inter-sexual e outros. Agora [fevereiro de 2015] a liberdade é total” CATRACA LIVRE. Disponível em: < <https://aoquadrado.catracalivre.com.br/impacto/agora-facebook-preencher-livrementee-o-campo-de-genero/>>. Acesso em: 20/04/2016.

Stefany Galvão “Identidade não humana tem que ser respeitada. É um absurdo não levarem a sério meu gênero catfluid :/”

Esther Armstrong “otherkins-fluidflux não tem visibilidade nenhuma no meio né?”

Stefany Galvão “Não, as pessoas cis nos silenciam muito”

Ju Berkower “Sou demonfluid”

Marcos de Andrade “Acho que ela está zutando o Pedro William”

Monique Arruda “A questão é: quem é Pedro William?”

Emili Augusta “É um rapaz que, toda vez que fala sobre sexualidade, especifica muito ela, entende? Usa vários termos para se explicar – e não que isso seja errado, só que é estranho pra muita gente (e inaceitável pra rad).

Marcos de Andrade “Um cara adulto que tem delírios de gênero bem loucos”

Por fim, a título de ilustração da postagem fixa que solicita a apresentação dos membros do grupo, segue a apresentação de Dione Sarconi, em 15 de dezembro de 2014, conforme a etiqueta que recomenda com qual pronome a pessoa deseja ser chamada, a fim de que a identidade de gênero da pessoa seja respeitada. Por exemplo,:

Oi, pessoal! Estou no grupo há um tempo mas nunca interagi, então acho que é uma boa hora parar me apresentar...

Anyways, podem me chamar de Jhow ou Jhonny, mas preferencialmente o primeiro \o Sou neutrois, grey-asexual panromântico; costumo usar pronomes neutros ou masculinos, principalmente nas internets da vida, e femininos apenas em público.

Eu não sei direito o que falar aqui, é bem esquisito me apresentar tbh D: Eu falaria do que eu gosto, mas são muitos fandoms asdjkl E como eu estou desorientado nesse bagulho, vou parar antes que fique chato que

É isso, prazer em conhecê-los! Eu ia ter feito isso ontem, mas tive problemas técnicos </3

~medo de enviar~:

Os termos “neutrois”, “gray assexual” e “panromântico”, referem-se respectivamente à: identidade de gênero, orientação sexual e orientação romântica, mas tudo isto será melhor explanado na sequência de posts didáticos publicado por Vee Park Sol no grupo.

2.4 NÃO-BINARIEDADE

Para entender melhor a diferença entre trans binárias e não-binárias e todas estas categorias, convém citar um post com fins didáticos publicado por Vee Park Sol em 29 de novembro de 2014 em que procura apresentar diversos conceitos.

Quanto à binariedade e à não-binariedade:

Gêneros binários – os dois gêneros: feminino (mulheres) e masculino (homens). Uma pessoa binária é aquela que se identifica estritamente com o gênero feminino OU com o gênero masculino, sempre de forma separada, sem fluidez e em totalidade. Pessoas binárias podem ser cisgênero (cis) ou transgênero (trans).

Gêneros não-binários: são todos gêneros que não são nem 100% feminino e nem 100% masculino. Inclui formas de neutralidade, ambiguidade, multiplicidade, parcialidade, ageneridade, outrogeneridade e fluidez de gênero. São infinitos gêneros. Pessoas não-binárias são sempre trans.

Grosso modo, enquanto as trans binárias são tanto as pessoas que nasceram com pênis e se percebem mulher quanto as pessoas que nasceram com vagina que se percebem homem, as trans não-binárias são as pessoas que podem se entender 100% homem e 100% mulher ao mesmo tempo (bigênero); ou mais mulher do que homem (demigirl); ou mais homem do que mulher (demiboy), ou nem homem e nem mulher (agênero), ou transitar por estas categorias (genderfluid) ou outra identidade de gênero ainda, pois, de acordo com o post, estas seriam infinitas.³⁹ Neste sentido, em conversa de campo, disseram-se que, assim como há sete bilhões de pessoas, haveria sete bilhões de gêneros.

Nos comentários, a pessoa autora ainda postou representações simbólicas:

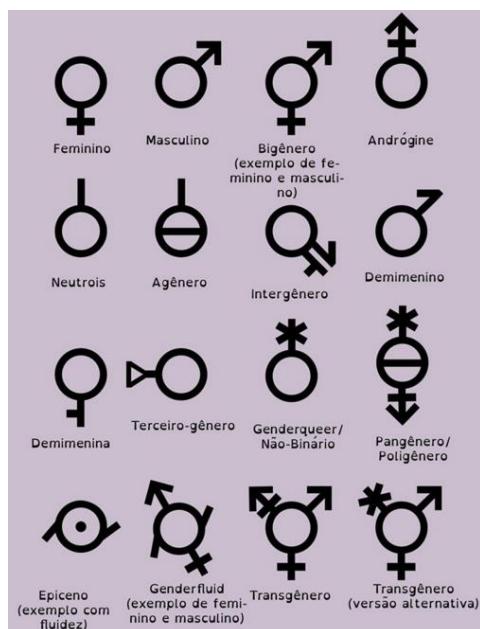


FIGURA 1 – SÍMBOLOS DE GÊNEROS
FONTE: Vee Park Sol (2014)
(Imagem retirada do grupo TNB)

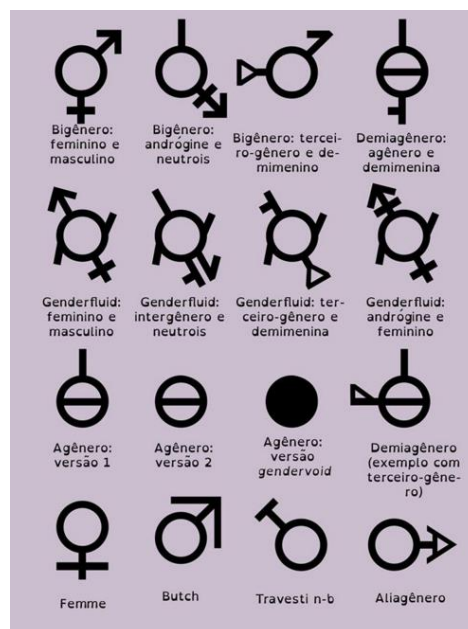


FIGURA 2 – SÍMBOLOS DE GÊNEROS
FONTE: Vee Park Sol (2014)
(Imagem retirada do grupo TNB)

³⁹ Para se ter uma noção dessa infinitude, confira uma lista com 349 tipos de gênero no seguinte site: <http://pastebin.com/VKuXFvqk>

Além destes símbolos, existem bandeiras também para representar sua identidade de gênero. Para se ter uma ideia, em 26 de janeiro de 2015, Fabio Alur perguntou que bandeira seria a que segue abaixo:



FIGURA 3 – BANDEIRA GENDERFLUID
 FONTE: WIKIPEDIA (2015)
 (Imagem retirada do grupo TNB)

E teve a seguinte resposta de Giulliana Fontes: “Gente, é a bandeira genderfluid <3 O rosa representa a feminilidade, o branco a ausência de gênero, o roxo a combinação de feminilidade e masculinidade, o preto representa todos os gêneros e o azul representa a masculinidade”.

2.5 CISGÊNERO

Com relação ao termo cisgênero, quando o post menciona que “pessoas binárias podem ser cisgênero”, o autor também se preocupa em explicá-lo da seguinte maneira:

Identidade de gênero/gênero: É a experiência subjetiva de uma pessoa a respeito de si mesma e da relação dessa pessoa com os outros gêneros. É como alguém sente sua própria essência do “ser”. Não depende dos genitais e também não se limita a mulher e homem (há inúmeros gêneros não-binários). Cada pessoa sente seu gênero de sua própria maneira. Ninguém escolhe o seu gênero!

Gênero designado/ gênero imposto: Gênero que foi forçado à pessoa desde seu nascimento. Tal gênero é imposto pela medicina e pela família, baseando-se somente nos genitais externos (se tiver vagina, designam como menina; se tiver pênis, designam como menino).

Cis/Cisgênero/Cissexual – Cis vem do latim e significa “do mesmo lado”. Logo, cisgênero significa: pessoa cujo gênero EQUIVALE [sic] ao gênero designado/imposto.

Trans/Transgênero/Transexual – Trans vem do latim e significa “do outro lado”. Logo, transgênero significa: pessoa cujo gênero DIFERE [sic] do gênero designado/imposto.

Como se nota, o grupo faz uma diferença entre “identidade de gênero/gênero” e “gênero designado/gênero imposto”, reservando ao primeiro a autopercepção e ao segundo os condicionantes sociais.

Comparando estes conceitos nativos com a literatura sobre gênero, penso que a maior aproximação se dá com Mead, onde o conceito nativo de gênero estaria para as predisposições inatas do temperamento e o “gênero designado/ imposto” estaria para o argumento de que é a cultura que condiciona os comportamentos em função do sexo genital (ou de outro critério, conforme a sociedade).

Com relação ao termo “cisgênero”, ele subverte o termo trans, ao deslocar seu caráter patológico com que foi empregado no âmbito terapêutico e reconceituá-lo como complemento antônimo ao termo *cis*. Neste sentido, cisgênero é a pessoa que está de acordo com o gênero que lhe foi designado pelas convenções da sociedade ao nascimento e transgênero é a pessoa que não está de acordo.

É interessante notar que, assim como o termo transgênero surge antes do termo cisgênero, assim também o termo homossexual surge antes do termo heterossexual. Segundo Fausto-Sterling “A homossexualidade pode ter nascido em 1869, mas o heterossexual moderno levou mais uma década em gestação. A palavra *heterossexual* fez sua aparição pública em 1880 na Alemanha, numa obra que defendia a homossexualidade” (2001, p.47). Nesse sentido, aquilo que é considerado normal é pressuposto e o que é desviante precisa ser marcado.

Outra observação é que se poderia depreender que sobre todo cisgênero recairia a suspeita de que se é potencialmente trans, uma vez que sua identidade não seria autêntica, já que foi imposta pela socialização e cultura. Entretanto, comentando a própria postagem em 2 de dezembro de 2014, Vee Park Sol diz: “pessoas cis [...] também recebem um gênero forçado e depois descobrem que o gênero delas condiz com o gênero designado, mas isso não quer dizer que pessoas cis apenas sigam cegamente o que lhes foi forçado”. Neste sentido, assim como as pessoas trans, as pessoas cis também tomam consciência de sua identidade posteriormente, ainda que esta tomada de consciência se traduza mais em um sentimento de adequação, pois as pessoas cis, por não sofrerem resistência social, tendem a naturalizar como universal a sua identidade.

Contudo, se está claro que as travestis não são cisgênero, poderíamos pensar que elas seriam necessariamente binárias, uma vez que seriam mulheres, mas o post prossegue dizendo:

Quanto às travestis:

As travestis são pessoas que se identificam com feminilidade/mulheridade e que desde sempre foram erroneamente assinaladas como homens, porém NÃO SÃO HOMENS. Há muitas travestis que não se identificam como trans/transgênero/transexual e isso deve ser respeitado, portanto não se pode dizer que “todas as travestis são trans”. Travesti pode ser um gênero (por exemplo, “eu sou travesti”) ou simplesmente uma identidade não-gênero (por exemplo, “eu sou travesti e sou mulher”). Travesti é uma vivência exclusiva do contexto histórico-social do Brasil. Travestis devem ser tratadas no feminino e NUNCA no masculino!

Travestis binárias/mulheres – São travestis que se identificam em totalidade com o gênero feminino, ou seja, se identificam estritamente como mulheres. Geralmente, travestis binárias usam “travesti” como uma identidade não-gênero, enquanto que o gênero delas é o feminino (mulher).

Travestis não-binárias – São travestis que se identificam fora do binário de gênero ou que se expressam de forma não-binária. Pode ser um gênero não-binário. Exemplos: travestis genderfluid, travestis que são terceiro gênero, travestis que são mulher e homem simultaneamente, travestis que dizem ter corpo masculino e alma feminina etc.

A objeção que se seguiu nos comentários a esta postagem é a de que, afora as possibilidades do post, existem travestis que preferem ser tratados no masculino, o que recebeu a anuência da pessoa autora. E foi o que verifiquei em campo também.

2.6 ORIENTAÇÃO SEXUAL – IDENTIDADE SEXUAL

Apesar do termo orientação sexual ser utilizado pelas trans não-binárias, é comum também que elas utilizem o termo identidade sexual. Se o termo *orientação sexual* veio a substituir o termo *opção sexual* combatendo o sentido de que a atração/desejo não seria uma questão de escolha, mas inato; o termo identidade sexual veio reforçar isto, combatendo uma possível conotação de orientação sexual como condicionamento social sobre a sexualidade, ao invés de direção para a qual a energia sexual inata estaria canalizada.

Dito isto, a multiplicidade de gêneros gerou outras questões no grupo. Em 20 de agosto de 2015, Nix Polaris perguntou: “Sexualidade também pode fluir?” As respostas subsequentes foram todas afirmativas.

Ainda sobre sexualidade há o post de Nix Polaris de 14 de janeiro de 2016:

Pesquisando, encontrei um termo que tem sido utilizado lá fora, que descreve uma sexualidade fluída:
 Abrossexualidade - Pessoas abrossexuais vivenciam fluidez de sexualidade. Sua sexualidade flui de uma orientação para outra, podendo ser duas ou mais orientações. Cada pessoa abrossexual apresenta sua própria fluidez. Tem até bandeira, achei uma graça e super me identifiquei, pois vivencio fluidez de sexualidade (pansexual para androssexual), só não sabia que já existia um termo para isso <3



FIGURA 4 – BANDEIRA ABROSSEXUAL
 FONTE: Nix Polaris (2016)
 (Imagem retirada do grupo TNB)

É intrigante que o termo bissexual, apesar de romper com o monossexismo da atração (atração por um único sexo, seja heterossexual ou homossexual), não é comumente pensado em termos de fluidez, mas sim como uma potência simultânea, isto é, a bissexualidade não é comumente compreendida como uma fase na vida de uma pessoa, em que gostou de um gênero e depois passou a gostar de outro. Ainda a respeito do termo bissexual, Akira Lee publicou em três de fevereiro de 2015:

Bissexualidade pode ser definida como: atração por mais de um gênero, atração por dois gêneros, atração pelo próprio gênero e o gênero alheio, etc. Na prática, a bissexualidade e a pansexualidade podem ser a mesma coisa - atração por pessoas de múltiplos gêneros.

Portanto, é interessante notar que, diante de uma multiplicidade de gêneros, a heterossexualidade, para fazer sentido, ou mantém sua conotação de atração entre gêneros opostos e limita-se às relações binárias entre mulher e homem, ou passa a conotar atração entre gêneros diferentes, o que não parece ser usual, pois em meu campo, as pessoas não-binárias não costumam se referir a si mesmas como heterossexuais, mesmo na acepção de diferença. Neste sentido, apesar da homossexualidade comumente significar atração por gêneros iguais, na medida em

que ela seria o oposto da heterossexualidade, ela também deixa de fazer sentido diante da não-binariedade e cai em desuso neste contexto.

Neste sentido, em 21 de setembro de 2015, Alex pergunta: “sabendo que não existem apenas dois gêneros, pode existir uma heterossexualidade? Qual seria então o gênero ‘oposto’, se existe um leque abrangente de opções?” E os comentários subseqüentes foram:

Bianca Globo: Por isso os rótulos são tão ruins...

Pedro William: Na militância bi, muitos definimos bissexualidade como a combinação de atração por gêneros similares (atração homossexual) e diferentes (atração heterossexual).

Akira Lee: Se você pensar não em “oposto”, mas em “diferente do seu próprio”, fica melhor! :D

Maria Nike: “Hétero” significa diferente :3 o oposto foi criado pelo cissexismo binarista mesmo.

Sofia Anna: A heterossexualidade só existe dentro da linguagem binária do sexo, assim como a homo [...]

Estas considerações ajudam a compreender a sequência dos posts didáticos de 29 de novembro de 2014:

Quanto à atração sexual e às sexualidades:

Atração sexual é o sentimento de desejo de ter relações sexuais com uma pessoa.

A identidade sexual/ Orientação sexual de uma pessoa diz respeito por quais gêneros tal pessoa pode sentir atração sexual. Ninguém escolhe a sua identidade sexual!

Assexualidade: não há atração sexual. Pessoas que não vivenciam atração sexual.

Bissexualidade: atração sexual por 2 OU mais gêneros (pode ser até todos).

Escoliossexualidade: atração sexual por gêneros não-binários e genderqueer.

Heterossexualidade: atração sexual por 1 gênero diferente do próprio.

Homossexualidade: atração sexual pelo mesmo gênero.

Pansexualidade: atração sexual por todos os gêneros ou independente de gênero.

Polissexualidade: atração sexual por muitos gêneros, porém não todos.

Também existem outras identidades sexuais como androssexualidade, ginossexualidade e demissexualidade.

Os comentários que se seguiram faziam menção à confusão pela quantidade de termos “Dá pra misturar Polio com Escolio e outras orientações? HSUAHUSHAUS É sério :/”, “Alguém poderia me ajudar? Qual a diferença de bissexual que se interessa por todos os gêneros pra Panssexual?”

A respeito dos termos androssexualidade e ginossexualidade referidos no post, Nash, em 3 de fevereiro de 2015 fez a seguinte solicitação: “Gente, alguém

poderia me ajudar com os conceitos de andro/ginessexual? Não achei nenhuma definição que consegui entender de fato o que seria isso na prática.” Entre os comentários a respeito, segue abaixo:

Bernardo Ourinhos: Androssexual seria alguém que se atrai por masculinidade, independente do gênero da pessoa de fato. Homens, lésbicas butch, pessoas n-b com características masculinas, etc. Ginossexual é a mesma coisa em relação à feminilidade. Eu, por exemplo, sempre tinha me considerado homossexual. Mas um dado momento eu parei pra pensar “pera, eu sou n-b e me atraio majoritariamente por homens, então eu não me atraio por pessoas do mesmo gênero que eu, não sou homossexual”. Daí eu fui dar uma pesquisada e descobri o conceito de androssexual, é o que eu me considero atualmente rs”

A respeito destes termos também, Nix Polaris, em 06 de setembro de 2015 utilizou-os para tentar entender a própria orientação sexual:

Nix Polaris - Estou com problemas com minha sexualidade. Sempre me vi como pan, sempre achei que era pan, mas pensando tudo cheguei a conclusão de que não sinto atração por mulheres cis e trans. Agora não sei se me enquadro melhor como androssexual, polissexual ou gay...

Como se nota, a fissão do núcleo duro de sexo que opera a Teoria Queer, preconizando a independência entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual se justifica somente em função da relação supostamente necessária (na verdade, arbitrária) estabelecida pelas ciências da saúde como prerrogativa de seus tratamentos. Em outras palavras, não é tanto que sexo, gênero e desejo sejam categorias independentes, como quer fazer supôr a Teoria Queer de Judith Butler, mas sim romper com uma relação específica entre estes termos, que considera normal apenas a conexão binária heterossexual para cada sexo que estabelece que quem tem vagina é mulher e gosta de homens e quem tem pênis é homem e gosta de mulheres⁴⁰. No entanto, na medida em que a orientação sexual implica a identidade de gênero, pois se trata de uma relação de atração entre gêneros, isto pode gerar a confusão a respeito da própria identidade ou insatisfação entre o descompasso entre a quantidade de identidades de gênero e de orientação sexual, conforme segue:

⁴⁰ Mais a respeito foi tratado no capítulo 1.

Giulliana Fontes “Um problema que a gente ainda tem é termos inúmeros termos para definir nossas identidades, mas pra sexualidade os termos, na prática, ainda são binaristas, quer a gente queira ou não. Eu não posso falar por todo mundo, mas que eu saiba a gente se atrai pela leitura que a gente faz da pessoa. Respeitar a identidade é outra coisa. E acho que é essa é uma das revoluções que a gente que é nb trouxe, é bagunçar essa ordem, confundir todo mundo. Eu não me incomodaria de ficar com um cara gay, por exemplo, na atração dele eu não mando, só quero que ele respeite minha identidade, e bora :)”

O problema referido acima é o *misgendering*, isto é, confundir ou supôr a identidade de gênero de uma pessoa, gafe que pode ser considerada transfóbica. É o que aparece na sequência dos comentários ao mesmo post:

Giulliana Fontes: Mas tem um ponto delicado, que eu levantei uma vez, quando me considerava ginossexual: eu tenho preferência pelas ditas características femininas, mas antes eu achava que era só por elas... mas seria extremamente provável eu me interessar por uma pessoa que não se identifica como mulher, eu me identificar como ginossexual e essa pessoa ficar extremamente ofendida, por considerar que eu estaria cometendo *misgendering*. Mas eu acho que o problema vai além, tá tudo no mesmo saco do binarismo dos termos, por isso é interessante buscarmos sempre formas melhores de nos identificar, pois, como também já disse: uma coisa é o que a pessoa é por dentro, a identidade de gênero dela, e outra coisa é a forma como a gente a vê, que vem da nossa identidade sexual. São ambas identidades, por isso, legítimas, e podem ter conflito uma com a outra, complicado isso o.O

Estes dilemas apareceram também na página pessoal de Nash:

Nash “Oi, gente, eu sou uma pessoa transmasculina e me relaciono com uma mulher lésbica. Se você, homem trans, mulher lésbica, pessoa bissexual ou cara gay (?) tem qualquer problema com isso, ou acha que ela não é lésbica, ou que eu não sou trans por isso, já me deleta que é mais fácil para todo mundo. Valeu.”

Nash “Eu já cansei de falar ‘nunca mais fico com lésbica’. Olha só onde tô agora rs o mais foda pra mim é que por eu ser “passável” me deixam em paz e vão encher o saco dela. Meu, que saco!”

Rafaela Madri[ugueira “Eu sou nb, minha namorada é lésbica e tem um relacionamento com um cara também. Dá no saco. A galera não entende que a pessoa é quem decide sobre qual termo que reivindica pra sua sexualidade. Eita povo chatô!”

Nash “Segundo GGGG transfóbico e binarista ou ela não é lésbica ou vocês são tudo mulher. GGGG falou, tá flado, hein?” Tá tudo cassado! Ces são tudo queer querendo chamar atenção HAHAHAHA

Rafaela Madrueira “Prisioneira do queer”

Nash “Misógina e lesbofóbica que não se aceita”

O comentário acima aponta para um refinamento do esquema do desejo conforme postado por Vee Park Sol. A orientação sexual não seria tanto entre gêneros, mas entre percepções de gênero. Neste sentido, como posso respeitar ao

mesmo tempo o meu desejo conforme minha percepção e a identidade de gênero de outra pessoa conforme ela se identifica e se apresenta quando há conflito entre a intenção e a recepção da identidade e entre o que o desejo deseja e o como o que é desejado se entende?

Conforme se vê, o *misgendering* não é simplesmente um engano, como se houvesse uma confusão a ser prontamente esclarecida sobre a identidade de gênero do Outro ou como se fosse o caso de uma pessoa andrógina a se averiguar a identidade, pois saí se trata dos mesmos pressupostos em jogo. O que, de fato, ocorre é que os pressupostos das pessoas trans não-binárias não são os mesmos pressupostos do senso comum, ou “The Other of the Other is Always other. If the equivocation is not an error, an illusion or a lie, but the very form of the relational positivity of difference, its opposite is not the truth, but the *univocal*, as the claim to the existence of a unique and transcendent meaning” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p.10).

Outra polêmica que envolve a orientação sexual é se a atração pode ser em função do sexo, além de ser em função do gênero. No post de 23 de outubro de 2014, Robert Lopes fez a seguinte pergunta: “a orientação da pessoa Y é definida pelo sexo ou pelo gênero da pessoa X que ela sente atração?” As respostas que seguiram foram as seguintes:

Akira Lee: Eu diria que pelo gênero, Fê [...]

Vee Park Sol: é pra ser pelo gênero, mas tem gente transfóbica que só se atrai, por exemplo, por mulheres que tenham vagina (o que é transfobia mascarada).

Robert Lopes: [...] Por exemplo, você falou que gostar só de mulheres que tenham vagina é transfobia... Então, o meu problema é justamente esse, mas não exclusivamente com mulheres trans, homem cis e até homem trans se for operado comigo não rola... Mas não que eu tenha transfobia, jamais DE VERDADE, é porque eu tenho uma certa fobia com STR [Sistema Reprodutor Testicular]... Então qualquer pessoa que tenha SRT eu não consigo me relacionar :/ Mas em questão de gênero não tenho problema NENHUM mesmo!

Vee Park Sol: ahh entendo o que quer dizer. Tem outras pessoas que sofrem com essa mesma fobia a um certo genital :(aí eu não sei dizer o que é... mas cuidado em dizer isso muito abertamente, porque pessoas podem sim dizer que você é transfóbica x_x

De um modo simplista, a polêmica poderia ser colocada nestes termos: se uma pessoa gosta de mulheres, mas não gosta de travestis porque possuem pênis, a pessoa é considerada: ou fetichista, e gosta do genital e não da pessoa (às vezes

acusada com a forte expressão “bucetista”); ou é considerada transfóbica porque não consideraria, de fato, travesti uma mulher⁴¹.

Outro ponto importante deste diálogo é a escusa de fobias sociais utilizando o recurso de fobias biológicas. No caso, Robert Lopes não seria transfóbica (fobia social), porque teria “fobia com STR” (fobia biológica), argumento aceito.

Enfim, parece que, por mais que a teoria Queer defenda a independência entre sexo, gênero e desejo, a melhor crítica dela está em desconstruir a pretensa relação clínica normativa e necessária de normalidade entre estas categorias porque, uma vez que o desejo ocorre entre identidades de gênero, ou entre pessoas, sendo que, conforme Butler (apontada por no capítulo um), estas possuiriam uma relação ontológica com a identidade de gênero, a identidade de uma pessoa estaria em relação com a orientação sexual, isto é, a identidade não deixa de ser relacional. Talvez daí esse desconforto que quase todas as trans não-binárias sentem em assumir um estereótipo, pois as identidades também são reveladas conforme as relações de desejo estabelecidas com os Outros. A pessoa seria heterossexual até que encontre alguém do mesmo sexo para uma relação homossexual. Além disso, o que a sociedade vê como homossexual em função do sexo, as trans vêem como heterossexual (ou outra categoria), em função da identidade de gênero. Enfim, a pessoa trans não-binária, na relação com outras pessoas, descobriria a potência que há em si, de se tornar quem se é, através da relevação da relação com a outra pessoa. Essas relações de desejo entre os indivíduos acabam contribuindo para a composição de sua identidade, como se aquela pessoa que te despertou desejo te transmitisse a indeterminação da sua identidade até então para, ao mesmo tempo, uma nova identidade depois de então. Neste sentido, o antropólogo francês Philippe Descola diz:

De todos modos, sea cual fuere la cantidad de componentes inmatrimiales de la persona – ya sean innatos o adquiridos; transmitidos por el padre, por la madre, por accidente o por una entidade benevolente u hostil, y temporários, perdurables o eternos, inmutables o sometidos al cambio – todos estos principios generadores de vida, conocimiento, pasión o destino tienen una forma indeterminada (DESCOLA, 2012, p.188).

⁴¹ Não ignoro que muitas travestis não se considerem mulher, mas um terceiro gênero. Porém, em meu campo, as travestis organizadas em militância virtual se consideram mulheres e, portanto, daí a acusação de transfobia.

Neste sentido, o antropólogo francês Philippe Descola diz que: “En México, por ejemplo, los índios tzeltales de Cancue atribuyen hasta diecisiete “almas” distintas a una misma persona, mientras que los dogones, más modestos, se conforman con ocho”. (DESCOLA, 2012, p.188). Não se poderia pensar nas trans não-binárias, uma vez que essencializam a identidade de gênero e a orientação sexual, como espécies de alma? Como componentes que constituem a pessoa? A questão da expressão de gênero e do sexo seriam expressões corporais e construções sociais, enquanto que a identidade de gênero e a orientação sexual, embora revelada na relação com o Outro, seria, diferentemente do senso comum que vê nisso uma escolha, inato. Segundo Descola:

[...] algunos pueblos han hecho proliferar los elementos internos de la persona, al destinar un juego completo a cada parte del cuerpo o un juego diferente a cada sexo [...] En México, por ejemplo, los índios tzeltales de Cancuc atribuyen hasta diecisiete “almas” distintas a una misma persona, mientras que los dogones, más modestos, se conforman con ocho.

De todos modos, sea cual fuere la cantidad de componentes inmateriales de la persona – ya sean innatos o adquiridos; transmitidos por el padre, por la madre, por accidente o por una entidad benevolente u hostil y temporários, perdurables o eternos, inmutables o sometidos al cambio -, todos estos principios generadores de vida, conocimiento, pasión o destino tienen una forma indeterminada, están hechos de una substancia indefinible y suelen habitar en lo más recóndito de los cuerpos. (DESCOLA, 2012, p.188)

Do mesmo modo, podemos pensar a identidade de gênero e a orientação sexual como duas espécies de alma inatas nas trans não-binárias, mas que só se manifestam e se revelam na relação com os outros, seja pelo reconhecimento que a alteridade predatória procura se impor em opressão, seja nas relações de aliança, com que o desejo do Outro não faz vacilar a própria identidade, mas o seu próprio desejo, ao respeitar a identidade de gênero do Outro (e, nisto, reconhecer nele as convenções *cisnormativas* de gênero), fazem, indiretamente, redescobrir a própria alma, isto é, almas: a própria identidade de gênero e orientação sexual. Neste sentido, Marilyn Strathern escreveu a respeito dos Garia que:

Não há relações que não estejam submetidas a sua definição por parte da pessoa, logo, o que a pessoa contém é uma apreensão dessas relações que ele ou ela ativa externamente. Se são preexistentes, elas o são como diferenças internas no interior de seu próprio corpo compósito. (STRATHERN, 2014, p.247)

Portanto, para as trans não-binárias, não se trata de negar as convenções de gênero da sociedade em favor da escolha individual sobre qual identidade performar pois, se o gênero não está no sexo, ele também não está na cultura, seja nas ressignificações simbólicas, seja nos objetos. O gênero não seria nem as imposições sociais sobre o sexo e nem a autodeterminação em escolher o próprio gênero. O gênero é um afecto, uma potência, um modo de estar, experimentar e atuar no mundo, uma percepção, que independe do sexo, dos corpos, das convenções e das ressignificações. O gênero entre as trans não-binárias seria uma potência interior manifesta e tornada consciente na disforia com o próprio corpo e com o corpo social (convenções de gênero), bem como diante do reconhecimento estigmatizado dos Outros opressores e do equívoco entre o desejo pelo Outro, que faz vacilar o próprio eu, e o desejo do Outro que, na resistência com que se apegava à própria identidade de gênero, contrapõe um embaraço.

Neste sentido, as trans não-binárias são as xamãs de seu próprio significado⁴² e, por exemplo, o gênero mulher independe do sexo, do corpo, das convenções de gênero e das próprias escolhas pessoais. Nos termos de Descola, seria uma espécie de animismo, uma vez que trata de uma mesma interioridade em diferentes fisicalidades e uma vez que, por exemplo, a travesti não seria a interpretação de uma mulher num corpo masculino (tal como nossa representação naturalista de uma mesma natureza interpretada conforme a diversidade de culturas), mas sim mulher em seu próprio corpo.

[...] há uma continuidade entre sua interioridade e aquele dos seres que existem ao seu redor, ao passo que suas fisicalidades os distinguem [...] *animismo* [...] o que caracteriza o conjunto das existências não é o homem como espécie, mas a humanidade como condição, isto é, uma interioridade humana com tudo o que a ela habitualmente associamos: a capacidade de significar, de se perceber como humano, de ter instituições, valores humanos, e, eventualmente, um sistema ritual análogo àquele das sociedades que atribuem este gênero de comportamento aos não-humanos [...] uma dissociação de corpos, os corpos sendo concebidos como pacotes de funções biológicas e de ferramentas que permitem agir no mundo. Desse modo, cada espécie – entendida, aqui, em sentido amplo – não tem uma representação do mundo, mas o constrói como um prolongamento dos órgãos dos quais ela se serve para agir nesse mundo.” (2006, p.15)

⁴² “O homem é o xamã de seus significados. A ambiguidade [...] coincide com o poder que tal conceito tem nas mãos de seus intérpretes, os quais empregam os pontos de analogia para manejar e controlar os aspectos paradoxais” (2010, p.72)

Porém, diferentemente de Descola, que confere ao corpo a capacidade de ter diante de si o seu próprio mundo a ser interagido sob a mesma cultura, aqui a interioridade de uma mesma noção de gênero mulher, a despeito dos corpos (tanto do próprio, quanto da fisicalidade humana), se situa no afecto manifesto na relação.

É neste sentido, por exemplo, diante dos equívocos e dos enganos quanto à identidade de gênero de uma pessoa e diante da relação entre desejo e identidade de gênero que muitas se classificam como pansexuais, pois estas se apaixonam por pessoas e a própria orientação sexual não fica confusa por se apaixonar por alguém que não corresponderia à própria identidade sexual. Porém, há também os casos em que o desejo não informa a identidade de gênero de uma pessoa. Por exemplo:

Conversando com meu marido homem cis, que casou comigo quando eu ainda me considerava mulher cis e ele se considerava hetero... Me assumi não-binária em 2013, a princípio como agênera, mas acabei me descobrindo demiboy com o tempo. Ele já sabia que eu era agênera e hoje falei que sou demiboy, perguntei se ele ficava chateado, e ele me respondeu isso:

Augusto

22/5/2015

11:47

Pepe, Eu já disse e repito, eu amo você, não seu gênero ou sexo. O processo de identidade é longo e cheio de curvas e não posso trilhar com você ou por você, eu nunca vou te julgar ou pensar menos de você pelos percalços que você passa nesse caminho, eu estou aqui pra te apoiar e ajudar no que pedir.

Talvez os contantes *misgendering* ou o hiato entre a autopercepção da própria identidade de gênero e a identidade sexual na relação com o Outro aponte não só para a insuficiência de categorias, como também para a tolerância de um certo tipo de *misgendering* que respeita a identidade sexual do outro e coexiste com a contradição.

2.7 AFAB/AMAB – AFAN/AMAN

Outros termos de uso comum entre as trans não-binárias é afab/amab; afan/aman que, segundo um glossário postado por Vee Park Sol em 15 de outubro de 2014, significa “- AFAB e AMAB: *assigned female at birth*, ou seja, designada como mulher no nascimento. *Assigned male at birth*, ou seja, designada como homem no nascimento.” Usam-se também as expressões traduzidas como AFAN e

AMAN, respectivamente Assinalada Feminina Ao Nascimento e Assinalado Masculino Ao Nascimento. Estes termos vão ao encontro da famosa frase de Simone de Beauvoir “a gente não nasce mulher, torna-se mulher” e um dos sentidos de se tornar, não seria pela autodeterminação, mas pela imposição social dada ao nascer em função do genital.

2.8 ROMANTICIDADES

Por fim, há ainda a questão da afetividade em uma relação. O post didático de Cri Rez Lobo explica assim:

Quanto à atração romântica e às romanticidades
 Atração romântica é o sentimento de desejo de ter relações românticas com uma pessoa.
 A identidade romântica/ Orientação romântica de uma pessoa diz respeito por quais gêneros tal pessoa pode sentir atração romântica. Ninguém escolhe a sua identidade romântica!
 Arromântica: não há atração romântica. Pessoas que não vivenciam atração romântica.
 Birromântica: atração romântica por 2 OU mais gêneros (pode ser até todos).
 Escoliorromântica: atração romântica por gêneros não-binários e genderqueer.
 Heterromântica: atração romântica por 1 gênero diferente do próprio.
 Homorromântica: atração romântica pelo mesmo gênero.
 Pan-romântica: atração romântica por todos os gêneros ou independente de gênero.
 Polirromântica: atração romântica por muitos gêneros, porém não todos.
 Também existem outras identidades românticas como a identidade androrromântica, a ginorromântica e a demirromântica.

Estas categorias procuram separar sexualidade e sentimento. A sexualidade, assim como o romance, se dá entre identidades de gênero, porém o romance implica em sentimento e, não necessariamente, em desejo sexual. Contudo, o uso destas categorias mal aparecem no grupo etnografado.

2.9 EXPRESSÃO DE GÊNERO

Essas questões ficam melhor compreendidas após apresentar o próximo conceito nativo do post didático de 29 de novembro de 2014. Segue:

Quanto à expressão de gênero:

Expressão de gênero/ Performance de gênero é o conjunto de vestimentas, acessórios, modificações corporais (tatuagens, piercings), maquiagens, estilo de cabelo, depilação ou não, comportamentos (modos de agir, modos de falar) por quais uma pessoa exterioriza a sua identidade. Embora a sociedade e o mercado generifiquem os objetos em feminino e masculino, coisa de mulher, coisa de homem, na verdade, as coisas (por si sós) não tem gênero. Quando você veste uma roupa, aquela roupa passa a ser o SEU gênero, porque é VOCÊ que a está usando. Enfim, não é a expressão de uma pessoa que define se ela é trans ou cis, se ela é de tal gênero ou outro! O que define isso é a própria pessoa!

Este conceito é oposto ao de performance postulado por Judith Butler, para quem a pragmática implica uma ontologia em devir, isto é, há atos performativos que não apenas agem sobre a realidade como criam a própria realidade durante a ação e a consagração desta pela repetição. No comentário de Sara Salih à obra da autora temos que: “O gênero é um ato que faz existir aquilo que ele nomeia: neste caso, um homem ‘masculino’ ou uma mulher ‘feminina’.” (2015, p.91) e nas palavras da própria Butler: “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados.” (2003, p.48). Em outras palavras, para Butler não há independência entre identidade de gênero e expressão de gênero.

Em suma, para as ciências da saúde, o senso comum e as feministas radicais, as categorias de sexo e gênero se confundem e há as possibilidades cruzadas de orientação sexual, despatologizadas na década de 1970. Segue:

Ciências da Saúde, senso comum e feministas radicais	Sexos	Gêneros	Desejos
	Pênis →	Homem →/↘	Mulher Homem
	Vagina →	Mulher →/↘	Homem Mulher

QUADRO 3⁴³ – CATEGORIAS DE IDENTIDADE ENTRE FEMINISTAS RADICAIS

Já para as pessoas transgêneros e a teoria Queer, há possibilidades cruzadas não apenas na orientação sexual, quanto na identidade de gênero, pois se reconhece independência entre sexo e gênero.

⁴³ FONTE: O autor (2016)

Teoria Queer e pessoas transgêneras	Sexos		Gêneros		Desejos
	Pênis	→/↘	Homem	→/↘	Mulher
			Mulher	→/↗	Homem
	Vagina	→/↘	Mulher	→/↘	Homem
			Homem	→/↗	Mulher

QUADRO 4⁴⁴ – CATEGORIAS DE IDENTIDADE ENTRE TRANS BINÁRIOS

Por fim, as trans não-binárias, para quem não só há independência entre sexo, gênero e desejo, como não é necessário performar gênero nenhum e a binariedade impossibilita a sua existência.

Trans não- binárias	Sexos	Gêneros	Desejos	Expressão de Gêneros
	Pênis, vagina, Intersexo, outros	Homem, mulher, demi- homem, demi- mulher, agênero, bigênero, genderfluid, outros	Heterossexual, homossexual, bissexual, polissexual, pansexual, assexual, outros	agênero

QUADRO 5⁴⁵ – CATEGORIAS DE IDENTIDADE ENTRE TRANS NÃO-BINÁRIOS

2.10 O PIQUENIQUE

Na medida em que ia acompanhando todos estes conceitos, surgiu uma postagem, por parte de Nash, propondo que fizéssemos um piquenique a fim de que o pessoal se conhecesse pessoalmente (pelo menos parte do pessoal, já que o grupo é composto por pessoas de diversos estados brasileiros).

O piquenique foi um evento diacrítico para meu mestrado, pois foi através dele que decidi que não apenas me aprofundaria em identidade de gênero para

⁴⁴ FONTE: O autor (2016)

⁴⁵ FONTE: O autor (2016)

melhorar minhas aulas no ensino médio, mas que o tema me era suficientemente motivador para me acompanhar por todo o mestrado.

Cheguei ao museu perto das 11h. Caminhando pelo amplo pátio, procurei reconhecer algum participante. Porém, não sabia quem iria e, por isso, não havia algum rosto em específico que eu buscasse reconhecer. Andei para lá e para cá algumas vezes, passando pelos transeuntes e buscando algum olhar cúmplice. Foi então que vi uma pessoa negra, com cerca de 16 anos, estatura baixa, cabelos pretos cacheados, usando roupas largas, sentada e recostada junto a um pilar. Nossos olhares ansiosos se encontraram e me aproximei.

- Oi, você é do grupo Transevidência Não-Binária?

Após a afirmativa, passamos a conversar sobre se fazia muito tempo que aguardava ou se conhecia mais alguém que viria. Mas Mahal não estava ali para conversar banalidades e logo se apresentou dizendo que seu pronome de tratamento era “ele”. Eu já havia lido em posts do antigo grupo Transevidência que a etiqueta trans recomendava perguntar pelo pronome de tratamento, a fim de que, durante uma conversa, o interlocutor possa saber como se referir à pessoa e não desrespeitar a identidade de gênero dela, portanto, aquilo não me casou surpresa, mas, infelizmente, não consegui evitar certa confusão após sua apresentação, pois, apesar de Mahal pedir para trata-lo no masculino, ele não só aparentava ser convencionalmente uma menina como também, por vezes, referia-se a si mesmo no feminino. Então, perguntei por que ele se referia a si mesmo no feminino (em frases como “eu sou cabeleireira”, por exemplo) se preferia o pronome de tratamento no masculino e ele me respondeu: “eu posso me referir a mim mesmo no masculino ou no feminino, mas quero que os demais se refiram a mim no masculino”. Contudo, no decorrer do dia, confundi algumas vezes não só o pronome dele, como também dos demais participantes que, por não inferirem má-vontade ou desrespeito de minha parte, relevaram.

Em seguida apareceu o Nash, o homem trans que sugeriu o encontro naquele sábado, no gramado que fica entre o Museu Oscar Niemeyer e o Bosque do Papa, um dos pontos de encontro entre os jovens de Curitiba, no Paraná. Nash vinha de São Paulo e estava de passagem por Curitiba para prestigiar a formatura de uma ex-namorada, então aproveitou a oportunidade e sugeriu o piquenique para que ao menos parte do grupo do Facebook se conhecesse pessoalmente. Bem articulado, puxou assunto de forma descontraída, e adiou o assunto dos pronomes de gênero,

dizendo ser melhor esperar os demais participantes para que todos se apresentassem de uma vez só. Nash é alto e, na época, era magro, usava óculos e tinha cabelos castanhos curtos e cacheados. Atualmente, ainda estuda Letras e trabalha lecionando inglês, porém fez cirurgia de mastectomia e passou a fazer musculação e muay thai, conquistando um corpo musculoso.

Depois apareceu Adriano, que se aproximou timidamente, mantendo distância e silêncio. O caráter reservado de Adriano era também manifesto em sua aparência, tanto na camisa xadrez abotoada até seu pescoço claro, como nos curtos cabelos escuros e nos grossos óculos que usava. Neste momento, não suspeitava que após o piquenique não só voltaríamos juntos e o acompanharia até seu ponto de ônibus, como também manteríamos contato, tornando-se ele um dos meus interlocutores.

Daí apareceu Giullian, uma pessoa quase albina, com cerca de 40 anos (uma das poucas pessoas adultas neste piquenique e, certamente, aquela com mais idade), calva, magra, usando óculos. Tinha uma disposição simpática, buscando ser gentil com as demais. Giullian se entendia agênero, mas atualmente se entende mulher trans não-binária e mudou seu nome para Giullian.

Logo, apareceu um casal de adolescentes com cerca de 16 anos, homens trans não-binários, ambos brancos e magros. Parker tem cabelo preto e Lui cabelos ruivos e sardas. Posteriormente, Parker e Lui viriam a se separar de um modo bastante emblemático para se pensar as controvérsias no meio trans.

Outro casal apareceu, Khan e Flam, ambas as pessoas com cerca de 22 anos. Ambas também brancas e magras, mas enquanto Khan usa cabelo comprido, Flam usa cabelo curto. Além de mim, Khan era o único homem *cis* a participar do piquenique e, em razão disto, trocamos meia-dúzia de palavras, recomendando-me apenas acompanhar e observar, visto que aquele seria um momento delas (das pessoas trans) e não deveríamos interferir, ainda que ele reconhecesse que costumava ser inconveniente de vez em quando, ao que Flam prontamente concordou.

Assim reunidos, nos dirigimos ao gramado, estendo toalhas e depositando os alimentos. Tudo muito natural e vegano: sucos, bolachas e bolos. Um tempo depois apareceu mais umas seis travestis. O piquenique transcorreu sem nenhuma conversa explícita sobre gênero, a despeito de alguns, como Mahal, estarem ansiosos para isso. Curiosamente, o círculo ao redor da comida, estava dividido entre homens trans numa metade e travestis na outra.

No decorrer, uma travesti veio me perguntar se eu também era trans. Respondi que, se num sentido amplo ser trans é quem não se identifica com as convenções ortodoxas de gênero, eu poderia ser assim classificado, mas que eu mesmo não me classificava trans. Esta resposta não tardou a ter consequências, pois no final do piquenique, uma travesti me perguntou se eu também iria à festa. Não sabia do que se tratava, mas disse que gostaria de ir. Porém, logo outra interveio dizendo que a festa não era para cisgêneros. Porém, outra pessoa retrucou que fulana era *cis* e iria, ao que a primeira argumentou: “é *cis* mas é lésbica!”. Por fim, eu disse que tudo bem e que compreendia, mas Adriano, com quem fui embora depois, comentou comigo que não deveria haver problema se eu tinha “mente aberta”.

2.11 PASSABILIDADE

Quanto à possibilidade de uma pessoa não-binária ser lida como cis, Lui Oliveira, em 15 de agosto de 2015, postou o seguinte em sua página pessoal:

Vamos falar sobre isso de “passabilidade” de homens trans? Vamo. Eu vi gente dizendo que homens trans que atingem um visual mais “passável” (isso é, mais parecido com o que seria o socialmente visto como masculino para um homem cis) recebem os mesmos privilégios de um homem cisgênero pela sociedade. E isso é ridículo. Um homem trans, mesmo com sua transição permitindo que ele pareça mais com o esperado de uma “figura masculina” pela sociedade jamais vai ter toda a vivência pré transição apagada, quando sofria tanta misoginia quanto todas as mulheres cis que desqualificam sua vivência pautadas apenas no que veem depois da transição dele. Isso sem nem tocar no tratamento que pessoas trans em geral recebem da sociedade, que nunca vai ser o mesmo para homens trans do que é para homens cisgêneros. Então, façam o favor de parar de arranjar desculpa esfarrapada pra tirar voz e espaço de grupo que já é tão oprimido quanto o seu só porque seu ego não aguenta se manter em silêncio.

Lui mesmo se viu envolvido em uma polêmica quanto à passabilidade. Lui e Rain formavam um casal adolescente. Lui é não-binário, identifica-se com pronomes de tratamento masculinos e tem seu desejo voltado para mulheres. Já Rain (veio a ser Parker e, atualmente, é Juliana), é homem trans, também se identifica com pronomes de tratamento masculinos e, apesar de não ter seu interesse (sexual-

afetivo) especificado (ao menos no Facebook), certamente gosta de mulheres, pois depois de Lui veio a namorar uma menina cis.

Em suma, ambos gostam de mulheres, se identificam com pronomes de tratamento masculino, possuíam passabilidade feminina e formavam um casal. Quanto à passabilidade de ambos, Lui, sendo não-binário, não promoveu modificações corporais de adequação ao gênero, e é comum que use objetos convencionalmente generificados como femininos pela sociedade (batom, vestidos, etc.). Rain, apesar de investir em modificações hormonais, ainda não eram, de modo algum, aparentes, e usava roupas mais folgadas e escuras, além de *binder*⁴⁶. Enfim, não tive oportunidade de esclarecer como se dava entre eles a questão sobre como lidavam com relação ao respeito da identidade de gênero ou da relação afetiva-sexual entre eles, se, hipoteticamente, estava além das categorias com as quais se compreendem...

Antes de prosseguir, há de se fazer uma ressalva aqui com a direta identificação de hormonização e cirurgia com passabilidade, pois mesmo pessoas trans que passaram por este processo, não necessariamente adquirem passabilidade. Enquanto travestis e transexuais costumam investir em silicone nos seios e bunda, além de maquiagem, sendo que as transexuais ainda realizam a cirurgia de transexualização, os homens trans almejam uma voz rouca, barba e a mastectomia.

Tive a oportunidade de conhecer pessoalmente o casal em um piquenique. O casal, como se diz de casais recém-formados ou adolescentes, não se misturava muito com os demais, apesar de Rain manter um olhar mais público e cumprimentar com sorrisos. Lui, de aparência frágil (em contraste com o vigor de seu ativismo na internet), manteve distância mesmo depois que o casal veio a se separar e pude reparar nisso quando o encontrei outras vezes, como na Marcha das Vadias.

A notícia da separação veio da seguinte forma. Certo dia, no Grupo Transevidência, havia um longo e magoado post de Rain declarando publicamente que havia rompido com Lui, não apenas por razões (des)amorosas, mas principalmente políticas.

O que sucedeu foi o seguinte: Lui havia traído Rain com uma menina cis. Não bastasse o drama da traição, a menina quis sobrecarregar a humilhação de Rain

⁴⁶ Faixa que cobre o peito utilizada com a intenção de disfarçar seu volume.

com posts onde ridicularizava sua identidade de gênero (“menina que pensa que é homem”). Rain, então, acusou Lui de hipocrisia, uma vez que ele, sendo um ativo militante na internet pela causa trans, havia se coadunado com uma menina transfóbica.

Posteriormente, comentando a respeito com Adriano, ele disse que Lui usou de passabilidade como menina para ficar com uma lésbica e que, no caso em questão, negar a sua própria identidade de gênero ou a de Rain era secundário diante do seu desejo. Ainda sobre passabilidade, diz Nash:

Nash “Pra quem não sabe, mesmo minha capa GRITANDO isso, eu sou Não Binário.

Pra entrevista de emprego eu não só já fiz cisplay de mulher cis, como faço cisplay de homem cis, SIM. Passo a entrevista inteira sem nem mencionar que sou trans, quem dirá não binário. E depois que sair a minha retificação dos documentos, o que não tá longe, vou fazer EM DOBRO se precisar.

Só quem sabe de mim no trampo atual são minhas chefes, e elas sabem que sou ‘homem trans’, porque nem isso elas sabiam que existia. Imaginem eu falando de gênero não binário e exigindo tratamento neutro e banheiros neutros.

E se liguem que no futuro, dependendo da empresa, nem quem me contratar vai ficar sabendo que sou trans. E isso se chama necessidade. Se chama transfobia. E se chama ‘NINGUÉM PAGA MINHAS CONTAS’.

Podem caçar minha carteirinha de trans e de militante agora que ces sabem de tudo isso.

[...]

Ces acham que eu curto me passar por homem cis? Ces cham que eu tenho outra escolha?

A trans não-binária não era para os outros aquilo que ela é para si. A angústia não consiste em se desconhecer como é vista pelo outros, mas em que os outros não a vejam como ela se vê. No entanto, diante da insistência com a qual sua identidade de gênero é ignorada, ela não desconfia de si e se pergunta quem realmente é, mas questiona os outros e as convenções de gênero e afirma a própria identidade diante disso. Inclusive, elas não aceitam que os outros não as identifiquem, e mantêm suspeitas de transfobia diante de práticas de misgendering. No entanto, não deixa de ser paradoxal que o Lugar de Fala implique a impossibilidade de que outra pessoa conheça a própria interioridade e, ao mesmo tempo, haja a cobrança para seja reconhecida pelos outros como a si mesma se percebe. Se a identidade é autodeterminada no reconhecimento da própria substância a despeito das convenções de gênero para isso, como condenar o misgendering? Talvez depois que se apresentem, e digam quem são e se expliquem,

mas até mesmo de se explicar há reclamações. Neste sentido, Iú Silva, em 22 de janeiro de 2015 disse: “Miga, eu to tão cansado... A sociedade é tão estúpida, machista e transfóbica que eu já não tenho mais paciência pra me explicar, eu não quero me explicar, eu só quero ser eu mesmo “. Então, como requerer que o outro os compreenda?

Com relação ao conflito com que uma pessoa é lida em razão da expressão de gênero Larice Barbosa em 29 de dezembro de 2014 diz o seguinte:

Gente,
como vocês lidam com sexualidade própria e de outras pessoas em relação a vocês? Por exemplo, vejo que pode ser um pouco complicado ou difícil pra uma pessoa nb se relacionar com alguém hetero, sabem? Eu sou afab e sinto que quando um cara cis hetero se aproxima, ele me lê como o gênero que fui designada, confesso que isso me incomoda um pouco e me deixa meio estranha. Queria entender e saber melhor como pessoas nb se relacionam (ou não) com pessoas ht, ou melhor, com pessoas monossexuais em geral.

Se as trans não-binárias desgnerificam os signos, como identificam o próprio gênero? Se partem da crítica ao binário e das convenções de gênero, em que medida estas não constituem o fundo de sua identidade? A este respeito, em 28 de setembro de 2015 conversei com Allan pelo Facebook:

Eu - Fiquei pensando então: se as travestis se percebem travestis porque se identificam com o gênero feminino de acordom com o que a sociedade convencionou feminino e s homens trans se identificam com o gênero feminino de acordo com as coisas que a sociedade convencionou como masculino, como acontece a autopercepção entre os não-binários, uma vez que não aceitam as convenções sociais?
Allan Reis - eu acredito q nos trans binarios é diferente a concepção de gênero eu não poderia te falar sobre como é pq não sei eu só posso falar pelos nb
Eu - sim, e como é nos trans não binários?
Allan Reis - nos trans nb a questão é que você não se encaixa em nenhum dos generos impostos pela sociedade
então por isso a gente tem mais "liberdade" pra se vestir e tudo mais
pq a gente ja ta fora do que a sociedade impôs então criamos nossa indentidade que é geralmente exotica

2.12 NOME SOCIAL

Em 13 de março de 2015, Nix Polaris escreveu:

Meus queridos, ignorando essa onda de ódio e negatividade que tem sido jogada no nosso colo, hoje tô bem feliz, pois encontrei meu nome social ❤️ <3Tao é ótimo mas será sempre um apelido, então adotarei como nome social"Paule". Podem me chamar tanto de Tao quando de Paule, ambos me fazem feliz ❤️ <3 Uma boa tarde pra todos vocês e não deixem ninguém estragar nossa alegria e ditar a forma como devemos nos portar.

O nome social é o novo nome que passam a usar em substituição ao nome de batismo. É comum que, na experiência de descoberta do próprio gênero, transitem por vários nomes. Por exemplo, Allan passou a se chamar Mahal. Rain passou a Parker e depois a Juliana.

O nome social não é um codinome, como um artista usaria. O codinome do artista não deixa de ser uma maneira até de manter um anonimato, de esconder outra identidade ou de conviver com identidades, mas o codinome não é a mesma coisa que um próprio nome.

Ao forjar o próprio nome em substituição ao nome de batismo, parece haver um duplo movimento em favor da própria identidade: primeiro, negar as convenções de gênero impostas sobre si a partir do nome, antes de nascer; segundo, tornar singular a própria identidade, pois o nome de alguém é aquilo que o singulariza e, ainda que haja homônimos: primeiro, a palavra do nome não é traduzível e; segundo, o mesmo nome não se refere ao mesmo ser. Segundo o filósofo franco-magrebino Jacques Derrida:

Ora, um nome próprio, enquanto tal, permanece sempre intraduzível, fato a partir do qual pode-se considerar que ele não pertence, rigorosamente, da mesma maneira que as outras palavras, à língua, ao sistema de língua, que ela seja traduzida ou traduzante. (DERRIDA, 2006, p.21)

Portanto, uma coisa é você receber um nome e outra coisa você se autôn timer. Receber um nome é ser imediatamente reconhecido, ainda que talvez a pessoa mesma não se reconheça nele ou procure se reconhecer no próprio nome, naquilo que te reconhecem. Agora você se autôn timer, é você buscar ser reconhecido. Poderia-se dizer que é você ser reconhecido por si mesmo e buscar esse reconhecimento pelos demais. Mas, penso que esse reconhecimento por si

mesmo é suspeito, porque parece uma espécie de falácia falar de si. É Sempre suspeito de parcialidade e de autoengano. É necessário outrem para ser.

2.13 FOBIAS SOCIAIS E FOBIAS NATURAIS

Conforme vimos, a relação de alteridade predatória das trans não-binárias, ao mesmo tempo singulariza elas na sua opressão e dessubjetiva o outro pólo como fonte de multiplicidade de opressões. Portanto, com a preocupação de respeitar o Lugar de Fala de cada um, elas tem uma política de intersseccionalidade que busca combater as mais diversas fobias sociais: elitismo, racismo, gordofobia, transfobia, homofobia, lesbofobia, bifobia, capacitismo, etarismo etc.

No entanto, quando se veem elas mesmas na condição de réu diante destas acusações, costumam contrapor fobias naturais para justificá-las, como no exemplo acima⁴⁷ de que não se tratava de transfobia ser lésbica e não ficar com travestis, porque tinha fobia com o SRT (sistema Reprodutor Testicular). No mesmo, quando uma mulher foi acusada de transfobia ela respondeu assim:

Não sei como uma mulher neuroatípica que tem crise sempre pode ser ameaça pra alguém. Na hora, de juntar para falar mal de mulher todo [mundo] vai. Na hora de, pelo menos perguntar se estou bem, ninguém aparece. Parem de ser escrotos e vão cuidar da vida de vocês que eu não estou cuidando da de ninguém aqui. Enquanto estou tentando manter bem por ter perdido vários amigos (quem tem borderline, sabe como é foda). Vocês estão aí achando que estou caçando vocês expondo, chamando piroco e sei lá mais o que, vão se fuder.
Arthur de Oliveira - Bom, você tem borderline e eu paranóia, então... ferrou.
Marcella Matos - Sofrer ameaça, medo, exposição... Nada que de novo sobre o sol patriarcal! Se precisar, chama.

Portanto, uma mulher cis acusada de transfobia justifica-se alegando que é neuroatípica com bordeline e retruca acusando de misoginia a pessoa trans que a acusou, que, por sua vez, se justifica dizendo que também tem borderline e paranoia.

A maioria das pessoas trans que etnografei tem idade entre 16 e 25 anos, foram designadas mulher ao nascimento e, diferente do esteriótipo de que a adolescência e juventude é tempo de curtição e rebeldia, elas apresentam uma profunda crise existencial, geralmente alegando depressão e transtorno bipolar e tomando remédios para isto. Segue algumas postagens:

⁴⁷ seção sobre Orientação sexual, p.66

1ª – Arthur - “pode ser que eu suma da internet por uns dias. Sem preocupações, eu não vou me matar ainda.

2ª - Mahal - “puta merda acordei com uma crise de ansiedade fodida. Jurei que ia morrer.”

3ª - Mahal compartilha - “Ter depressão não é bonito. Dormir mais de 12 horas por dia não é bonito, a casa suja, comer muito ou não comer nada por dias, não tomar banho ou ficar sentado por horas no chuveiro até alguma coisa parecer normal, não se reconhecer mais, não ser mais humano, só existir. E a vida não para, a faculdade não para, as contas, as pessoas que se fastam”

4ª - Juliana (Parker) - “Ces acha que eu compartilho meme niilista porque acho engraçadinho mas eu só queria morrer mais do que qualquer coisa mesmo”

2.14 PÓS-PIQUENIQUE – DIFICULDADES EM CAMPO

As consequências de eu não ser trans se fizeram sentir em meu trabalho de campo. Isto pode parecer uma lamúria, mas já que iniciei, quero contar que, imediatamente após o piquenique, enviei solicitações de amizade, pelo Facebook, aos comensais: alguns recusaram; outros aceitaram para, logo em seguida, desfazer; e, por fim, alguns aceitaram e mantiveram, mas com distanciamento. Ficou claro para os participantes que não só eu era *cis* como, se não bastasse, era heterossexual, com o agravante de ser homem. Numa escala de distância baseada nas categorias de sexo, gênero e desejo, eu poderia ser classificado como a antípoda das trans não-binárias, conforme segue no esquema abaixo:

trans-não-binárias → homens-trans-homo (homem trans) → homens-trans-hetero (mulher cis) → homens-trans-hetero (mulher trans) → homens-trans-homo (homem cis) → travestis/transexuais – hetero (homem trans) → travestis/transexuais – homo (mulher cis) → travestis/transexuais – hetero (homem cis) → mulher-cis-lésbica → mulher-cis-hétero → homem-cis-gay → homem-cis-hétero

Outros marcadores da “política da diferença”⁴⁸ tais como classe e raça não foram acionados, possivelmente porque os demais participantes também eram de classe média e, à exceção de Mahal, todos eram brancos.

Quem, porventura, perdeu as informações biográficas que revelei no piquenique, certamente o soube mais tarde, pois manifestei a intenção de ir para um segundo piquenique que estavam organizando e, na sondagem junto a meus contatos para consultar a respeito da conveniência de participar, recebi de Giullian

⁴⁸ conforme vimos assinalados por Haraway no capítulo 1.

algo como “eu, particularmente, não me importo, mas tem outras pessoas sim que se sentem desconfortáveis e não querem a participação de pessoas cis, então é melhor não ir”.

Apesar de tudo isto, o começo de minha trajetória parecia promissor: eu não só acompanhava a intimidade da vivência trans através do grupo Transevidência Não-Binária, como ainda tinha contatos via Facebook com quem poderia combinar conversas. E mais, estes contatos permaneceram após eu os convidar a participar de minha pesquisa de mestrado a respeito deles. Apenas um destes contatos não topou imediatamente participar e ficou de pensar a respeito e pressupus que seu silêncio após ter visualizado um novo convite a respeito foi uma negativa, mas não o suficiente para ter desfeito a amizade comigo e me impedir de acompanhar suas postagens militantes.

Uma dificuldade geral que tive diante da adesão dos interlocutores em participar da pesquisa foi frustrar suas expectativa de que eu estava imbuído de um questionário e que começaria uma sabatina não tanto sobre suas vivências, mas de seus conhecimentos a respeito de A Questão Trans.

Não havia me preparado para este “choque cultural”, para esta pressuposição da imagem do Cientista Social como coletor de dados de pesquisa, à moda de um censor, estatístico ou repórter. Meus interlocutores não eram antropólogos acadêmicos e sequer desconfiavam do que eu esperava quando aceitaram participar da pesquisa.

Diante disso, expliquei melhor qual era meu objetivo de pesquisa, a saber, compreender como eles mesmos compreendiam a própria identidade de gênero, isto é, sua autopercepção enquanto pessoa trans; entender sua visão de mundo; sua trajetória.

Depois expliquei o tal do “método etnográfico”⁴⁹, que não consistia num questionário a ser aplicado uma única vez e respondido num curto período de tempo, mas que este era apenas uma pequena parte, prescindível e utilizado conforme a situação. A observação participante consistiria mais numa convivência, numa conversa, porque meus pressupostos para perguntar mais induziriam as respostas e

⁴⁹ “Nada tem sido mais prejudicial à etnografia do que sua representação à guisa de “método etnográfico”. Obviamente, a etnografia tem seus métodos, mas *não* é um método. Não é, em outras palavras, um conjunto de meios processuais formais concebidos para satisfazerem os fins da investigação antropológica. Trata-se de uma prática de direito próprio – uma prática de descrição verbal.” (INGOLD, 2015, p. 345).

me faltava informações para saber o que de fato perguntar, o que de fato eu queria saber, o que de fato se apresentava para mim. Não cabia a mim conduzir a conversa, mas ser conduzido; não cabia a mim supôr, mas aprender; Não cabia a mim procurar, mas se deixar encontrar pelo que viria.

Depois desse “deixe-me conviver com você”, desse quase pedido de casamento, a postura mudou um pouco. Os menores de idade disseram que poderiam participar, mas apenas virtualmente. A princípio, encarei isso como um obstáculo, pois entendia que as informações de maior qualidade viriam de conversas cara a cara. Inclusive, apesar de saber que esta simples aproximação constaria no diário de campo, não a considerava importante como dado de pesquisa a contribuir para a teoria ou interpretação da subjetividade trans. Por isso, resolvi dar um tempo, apostando na possibilidade remota que deixaram entrever para realizar uma conversa frente a frente. Ia dizer pessoalmente, porque inconscientemente tinha comigo que conversas pessoais são a dois, sem se ocupar de outros afazeres e frente a frente, mas depois percebi que perdi tempo e que estava impondo ao campo um jeito certo de se aproximar, ao invés de aproveitar a oportunidade que tinha pelos chats inbox.

Mas confesso que senti muita frustração quando quase nenhum trans quis se encontrar comigo. Entendia que eles tinham razões pra isso, afinal, quem gostaria de expôr sua vida a um estranho e ter sua vida reduzida a um objeto de estudo interpretado senão arbitrariamente, heteronomicamente? Além disso, além de causas altruístas como contribuir para a despatologização das pessoas trans, para sua inclusão social, eu tenho ganhos muito concretos e biográficos com esta pesquisa, pois ganharei o título de mestre que me angaria status, maior salário e novas possibilidades de emprego, e quanto às trans, além das causas altruístas, que ganho pessoal elas teriam em dedicar seu tempo livre para meu trabalho? Por fim, e principalmente, eu encarno o tipo Outro das trans: homem cis e hetero, ou, na linguagem nativa, sou um omi/ mascu, qual a coerência então delas entregarem suas vivências sob risco de violência simbólica a ser estendida também para dentro da academia?

Mas apesar de compreender todas essas razões, não deixei de ficar deprimido. Mesmo quando passei a explorar as conversas pelo chat inbox, era comum a conversar se interromper logo no início ou mesmo nem começar, com a

pessoa apenas visualizando meu cumprimento ou pergunta e não responder, nem na hora, nem depois.

Além disso, era comum postarem coisas como: “Cis só fala merda”; “Cis tem que morrer”; “Quem é branco ou cis, por favor, me exclua” etc. Pensei comigo que nesses legítimos desabafos, decorrentes da violência sistemática que sofrem por pessoas cis, ainda assim, me davam alguma credibilidade, pois que senão teriam me excluído como tantos outros já o haviam feito de antemão. Por isso, não seguia os conselhos de excluir e mantive amizade, deixando a cargo delas essa decisão prática. Mas, em parte, segui o conselho, pois nunca solicitei participar de grupos estritamente trans.

Diante destas resistências e preso à ideia de que minha experiência de alteridade seria de melhor qualidade se imergisse cara-a-cara em campo, não flutuei ao sabor da interação com que o campo me oferecia e passei a tentar outras abordagens. Passei a frequentar alguns bares e boates LGBT. Entre os bares: Amarelinho e Jack Bar; mas também complexos de bares nas imediações do Largo da Ordem, mais especificamente aqueles das ruas Trajano Reis com Paula Gomes e da Rua São Francisco. Entre as boates: Cats e Side.

Tanto nos bares como nas boates, era mais fácil identificar as travestis. Homens trans são facilmente confundidos com butchs, e trans-não-binários podem ser lidos como cis, ainda mais porque nesse circuito “alternativo”, não só cis homossexuais possuem uma linguagem (vestuário, corporal, vocabulário etc) não convencional, como os próprios cis héteros não encarnam a heteronormatividade com rigor.

Entretanto, mesmo quando eu suspeitava que se tratava de pessoas trans, como “abordar” a pessoa? Diferentemente dos alertas que recebi de amigos de que as travestis poderiam me assediar, desconfio que, algumas vezes, foram elas que se sentiram assim quando, do nada, puxei assunto.

Outras vezes, sequer desconfiava que se tratava de pessoas trans. Certa vez eu estava numa região boêmia de Curitiba, a rua São Francisco, bebendo em um bar, sentado na calçada. Próximo a mim, havia diversas pessoas também sentadas no meio-fio, bebendo. Saí deste bar e fui para outro, onde tinha acesso ao *wi-fi* e, quando acessei meu FB, vi na minha Linha do Tempo uma foto das pessoas que estavam sentadas próximas à mim no outro bar, com a legenda de que se tratava de um encontro de pessoas trans-não-binárias. O que quero dizer é que não se

identifica pessoas trans não-binárias por sua aparência física, expressão de gênero, comportamentos ou lugares que frequenta.

Atualmente tenho 20 amigos trans no Facebook. Destes, oito são contatos do piquenique; outros cinco também conheci pessoalmente, nestes circuitos que frequentei. Os restantes foram contatos de internet, através de solicitações de amizade que vieram até mim, ou que eu tenha enviado. Passei, então a etnografar as trans não-binárias, que ainda possuem pouca visibilidade no meio acadêmico.

3. O MÚLTIPLO SEM O BINÁRIO

*Ninguém sabia e ninguém viu
Que eu estava a teu lado então
Sou fera, sou bicho, sou anjo e sou mulher
Minha mãe e minha filha,
Minha irmã, minha menina
Mas sou minha, só minha e não de quem quiser
Sou Deus, tua Deusa, meu amor*

1º de Julho, Legião Urbana

Em “Do Um sem o Múltiplo”, Pierre Clastres (2003), a respeito da cosmologia da sociedade Guarani, sustenta que, para eles, o Um representa o corruptível, o finito, o passageiro, o transitório, a podridão, o próprio mal e esta concepção seria o fundamento metafísico que os leva a rejeitar a concentração de suas forças em um Estado centralizado que os conduziria. Segundo ele:

A desgraça se engendra na imperfeição do mundo, porque de todas as coisas que compõem o mundo imperfeito, pode-se dizer que são uma. Ser um: é a propriedade das coisas do mundo. Um: é o nome do Imperfeito. Em suma, resumindo a virulenta concisão de seu discurso, que diz o pensamento guarani? Ele diz que o Um é o Mal. (CLASTRES, 2003, p. 189).

Contudo, Clastres nos adverte que “Uma interpretação [...] deve ser afastada: a do Um como Todo. O sábio guarani declara que ‘as coisas em sua totalidade são uma’; mas ele não menciona o Todo, categoria talvez ausente desse pensamento” (2003, p.190). Em seguida, o antropólogo diz que o oposto do Um, também referido por ele como o não-UM e que representa a abolição do esforço inútil, da doença e da morte, não é o múltiplo, mas o *dois*, isto é, o um e o seu outro, formando um par completo (talvez o Todo?). Em suas palavras:

Na região do não-Um, onde a infelicidade é abolida, o milho cresce sozinho, a flecha traz a caça àqueles que não têm mais necessidade de caçar, o fluxo regrado dos casamentos é desconhecido, os homens, eternamente jovens, vivem eternamente. Um habitante da Terra sem Mal não pode ser qualificado univocamente: ele é um homem, sem dúvida, mas também o outro do homem, um deus. O Mal é o Um. O Bem não é o múltiplo, mas o *dois*, ao mesmo tempo o um e seu outro, o *dois* que designa verdadeiramente os seres completos. *Ywy Mara-ey*, destinação dos Últimos Homens, não abriga mais homens, não abriga mais deuses: somente iguais,

deuses-homens, homens-deuses, tais que nenhum dentre eles se diz segundo o Um. (CLASTRES, 2003, p.191)

Em resumo, na apresentação de Clastres da cosmologia Guarani o Mal coincide com o Um e o Bem com o não-Um que é o *dois*, sendo que o Todo e o múltiplo estão ausentes. Estes elementos da cosmologia guarani inspiram, de certo modo, uma analogia extensiva para compreender os conceitos nativos das pessoas trans não-binárias segundo seu próprio pensamento.

Entretanto, os elementos da cosmologia trans não-binária seriam rearranjados em outro esquema: o Um negativo (Mal), representado pelo *cistema*, e seu oposto, o Um positivo (Bem), representado pelo *lugar de fala*. Desta contradição resultam duas sínteses disjuntivas, a que resiste à tese, o múltiplo; e a que resiste à antítese, o binarismo (*dois*).

3.1 O PENSAMENTO NÃO-BINÁRIO

Por um lado o Um é o dispositivo da sexualidade, o *cistema*, com seus discursos médicos, legais, pedagógicos etc. que buscam normalizar os corpos e impor a cis-heteronormatividade. Por outro lado, o Um é a individuação da pessoa, em subversão das convenções de gênero. O primeiro Um é epistemologia e o segundo Um é ontologia. O primeiro Um se contrapõe ao múltiplo, entendido como uma multidão de Ums no segundo sentido: 7 bilhões de corpos, 7 bilhões de gêneros, 7 bilhões de identidades, vivências, a multidão Queer que se nega a ser o Um normatizado, que resiste aos discursos. Nas palavras de Preciado:

a política da multidão *queer* não repousa sobre uma identidade natural (homem/mulher) nem sobre uma definição pelas práticas (heterossexual/homossexual), mas sobre uma multiplicidade de corpos que se levantam contra os regimes que os constroem como "normais" ou "anormais": são os *drag kings*, as *gouines garous*, as mulheres de barba, os transbichas sem paus, os deficientesciborgues... O que está em jogo é como resistir ou como desviar das formas de subjetivação sexopolíticas. (PRECIADO, 2011, p. -)

Por outro lado, o primeiro UM é também múltiplo, é uma multidão, é um corpo indiferenciado, que camufla diversos corpos. É a concentração dos privilégios, de brancos, héteros, cis e de todos aqueles encampados por este discurso: o Um que é

o múltiplo que não é capaz de alteridade, como reprodução do mesmo na repetição das diferenças. Mas, lembrando que o poder opera sobre as individualizações, para que possa se exercer de modo mais produtivo: saberes sistematizados sobre a subjetivação, incorporados em discursos patologizantes, criminalizantes, anormalizantes, é também um modo de multiplicação: a fauna e a flora dos anormais, o excesso de exceções, os contágios epidêmicos, o múltiplo como doença. Portanto, sob a concentração intensiva do sistema heteronormativo há uma multiplicidade de categorias privilegiadas (brancos, héteros, cis, ricos, magros etc.), e uma multiplicidade de corpos transgressores e também uma multiplicidade de instituições para se impôr: medicina, psicologia, psicanálise, pedagogia, direito etc.

Agora, no segundo um ou no segundo múltiplo, a resistência e a desterritorialização, a dor que singulariza, as opressões que discriminam a existência do diferente como existência singular, o gênero não só como categoria da sexualidade, mas como casa da diferença, da individuação. Seria ele apenas a invenção a partir da convenção? Estaria em função do discurso hegemônico? É possível além da linguagem dominante? Ou a linguagem hegemônica é frágil e precisa de tantas instituições para se constituir? Uma vez que a cristalização institucional é antes um tempo lento de grande intensidade de relações de produção, de produção de relações, de um devir de longa duração?

Modalidade	Tese	Antítese	Síntese/ Anti-síntese
Epistemologia	O Um como <i>cistema</i> (convenção)	O múltiplo como multidão queer (invenção)	Matriz binária do sexo, gênero e desejo
Ontologia	O Um como <i>lugar de fala</i> (invenção)	O múltiplo como multidão de instituições (convenção)	Rizoma não-binário de sexo, gênero, desejo e expressão de gênero

QUADRO 6⁵⁰ – OBVIAÇÃO BINÁRIA E NÃO-BINÁRIA

Na modalidade epistemológica, compreendida conforme Foucault como uma política da vontade de saber sobre o sexo e conforme Butler como relações de poder generificadas e generificantes ⁵¹, apenas pessoas binárias existem enquanto pessoas, pois sua identidade está baseada em convenções inteligíveis, e as identidades fora do binarismo designam corpos abjetos ou condições anormais,

⁵⁰ FONTE: O autor (2016)

⁵¹ Mais a respeito no capítulo 1.

desvios, termos marcados no sentido lingüístico, definíveis (de modo não simétrico) só por oposição aos termos não marcados (heteronormatividade).

Já na modalidade ontológica, compreendida mais como um devir⁵² do que uma substância, “a sexualidade [...] se explica mal pela organização binária dos sexos, e não se explica melhor por uma organização bissexuada de cada um dos dois.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.75). Segundo as trans não-binárias, as pessoas não-binárias não corresponderiam a um espectro cinza entre o preto e branco que corresponderiam à mulher e ao homem. Nesta metáfora, os não-binários seriam uma explosão de cores. Como vimos, não se trata mais de pensar em pares, em opostos, mas em coletivos, em multidões, em diferenças. As identidades não-binárias não constituem simplesmente possibilidades combinatórias das categorias mulher/homem, nem suas orientações sexuais podem ser assim conhecidas. Contudo, entre a síntese e a antissíntese, o Outro do múltiplo não-binário é o dois binário, o “dois” seria a “malignidade” e a anti-síntese do “múltiplo”.

3.2 REFLEXÕES SOBRE O USO ANALÍTICO DE CONCEITOS NATIVOS

Após a exposição dos conceitos analíticos presentes na literatura e da apresentação contextual dos conceitos nativos empregados pelo grupo e pelas pessoas trans não-binárias que etnografei, a pessoa leitora notou que estas não utilizam apenas conceitos canônicos para se expressarem e quando o fazem, não os utilizam no mesmo sentido. Por exemplo, vimos conceitos nativos como cisgênero, cistema, cisprivilégios, afab, amab, expressão de gênero etc.; e o uso particular do conceito trans, que é deslocado do âmbito terapêutico e passa a significar as pessoas que não se conformam com a designação de gênero com a qual foram assinaladas ao nascimento, em antonímia aos cisgêneros. Em outras palavras, elas desenvolveram conceitos próprios e uma apropriação idiossincrática de conceitos canônicos. Portanto, na exposição dos conceitos, fez-se necessário não só o cuidado de separar os diversos conceitos sob a mesma homonomia, como o de

⁵² “Devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica. Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir uma filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda a sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a ‘parecer’, nem ‘ser’, nem ‘equivaler’, nem ‘produzir’.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.20).

separar conceitos analíticos, condição para o conhecimento das vivências nativas, dos conceitos nativos, condição de autoconhecimento, além de assinalar os usos nativos dos conceitos analíticos.

Resta um porém, emblemático na teoria Queer, que nasce no ativismo e posteriormente é incorporada pela academia, mas que ainda mantém uma relação dialética ativismo-academia⁵³ e um estatuto ambíguo entre conceitos nativos e analíticos. No rastro da teoria Queer e da proposta de uma antropologia simétrica, parece-me possível não só usos nativos de conceitos analíticos, como também usos analíticos de conceitos nativos, isto tanto na reelaboração de um conceito analítico a partir de um conceito nativo, quanto na reelaboração de um conceito nativo para possibilitar seu uso analítico. Nas palavras de Marilyn Strathern “In anthropologizing some of these issues, however, I do not make appeals to other cultural realities simply because I wish to dismiss the power of the EuroAmerican concepts of hybrid and network. The point is, rather, to extend them with social imagination” (1996, p. 521) e ainda, nas palavras de Latour: “Não devemos presumir que os atores possuam uma linguagem enquanto os analistas dispõem de uma *metalinguagem* na qual a primeira está ‘inserida’.” (2012, p.79).

Mas, nestas alianças dos conceitos nativos com os conceitos analíticos para a percepção de Outrem (que, por sua vez, é a própria condição da percepção⁵⁴), ousa a possibilidade também do conceito nativo produzir conhecimento no mesmo registro do conceito analítico. No caso, penso que a categoria nativa de “expressão de gênero” pode ser utilizado analiticamente. Sobre isso, cabe a dúvida: estaria eu seduzido pela teoria nativa e escusando-me de minha responsabilidade como pesquisador ao tomar como explicação aquilo que eu deveria explicar? Ou, nas palavras de Lévi-Strauss em sua Introdução à obra de Marcel Mauss: “Não estamos aqui diante de um desses casos (não tão raros) em que o etnólogo se deixa mistificar pelo indígena?” (2003, p.34)

⁵³ “La llamada teoría queer [...] no surge como um saber elaborado o académico. Aparece a finales de los años ochenta vinculada a um movimiento social contestatario, supone una forma de autodenominación que procede principalmente de lesbianas negras y chicanas del sur de California, que se rebelan contra una especie de ‘identidade gay’ que se había instaurado com fuerza em Estados Unidos a lo largo de los años setenta y ochenta: el gay Blanco, varón, de clase media-alta, com um estilo de vida vinculado al consumo y a la moda. Estos sujetos rebeldes – mujeres, lesbianas, pobres, de color, chicanas, com otras prácticas y formas de vida – se negarán a reconocerse como gays, y decidirán denominarse ‘queer’.” (SAEZ, 2004, p.10-11).

⁵⁴ “Outrem é sempre percebido como um outro, mas, em seu conceito, ele é a condição de toda percepção, para os outros como para nós” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.26).

Penso que, ao levar a sério o discurso nativo e buscar simetrizar as relações de poder entre ciência e *doxa*, não é preciso deixar de colocar em perspectiva o conceito nativo dentro do quadro teórico mais amplo da abordagem antropológica, isto é, não deixar de expor seu duplo estatuto: simultaneamente como conceito analítico e como conceito nativo e nisso uma forma de justiça tanto na autoria, quanto na alteridade.

Portanto, a pessoa leitora pode observar que não apenas apresentei a categoria nativa de expressão de gênero como a utilizei analiticamente para demonstrar a autopercepção das pessoas trans não-binárias. Vimos que o conceito de expressão de gênero funciona como uma quarta categoria, ao lado de sexo, gênero e desejo, elencadas pela Teoria Queer, mas em contraposição à esta no que diz respeito à performar o gênero conforme convenções de gênero. As trans não-binárias se valem do fundo convencional para inventar suas próprias identidades conforme reconhecem a si mesmas.

4. OS OUTROS

Nos Argonautas do Pacífico Ocidental, Malinowski observa que:

se algo dramático ou importante ocorre, é imprescindível que o investiguemos imediatamente, no momento em que acontece, pois então os nativos naturalmente não podem deixar de comentar o ocorrido, estando demasiado excitados para ser reticentes e demasiado interessados para ter preguiça mental de relatar os detalhes do incidente. (MALINOWSKI, 1978, p.22)

Também o sociólogo Bruno Latour não só é da mesma opinião, como radicaliza o argumento, recomendando, diferentemente do funcionalismo, que não se deve delimitar o grupo ao qual se vai estudar, nem o pressupor como um todo social, mas que é preciso partir das controvérsias, para então mapear a rede dos atores envolvidos. Segundo Latour:

A tarefa de definir e ordenar o social deve ser deixada aos próprios atores, não ao analista. É por isso que para recuperar certo senso de ordem, a melhor solução é rastrear conexões *entre* as próprias controvérsias e não tentar decidir como resolvê-las. A busca de ordem, rigor e padrão não é de modo algum abandonada, apenas reposicionada um passo à frente sob a forma de abstração, para que os atores possam desdobrar seus próprios e diversos cosmos, pouco importa quão irracionais pareçam. (LATOUR, 2012, p.44)

Supostamente, as controvérsias se dariam com os inimigos, mas, no caso das trans não-binárias, o câmbio dos *lugares de fala* conforme as correspondências de opressão podem deslocar a pessoa que estaria numa relação de sororidade em um nível, para opressora no acionamento de outra qualidade de opressão que faria a justaposição de outro lugar de fala. Portanto, antes de seguirmos para as relações de inimizade supostamente diretas, vamos comentar um pouco a respeito das relações de aliança entre as pessoas trans não-binárias.

4.1 ALIANÇAS

Primeiramente, as “alianças matrimoniais”. Em geral, as trans não-binárias que se relacionam com pessoas cis, já se relacionavam antes de começarem a própria transição. Em 19 de dezembro de 2015, Gabi Bianchini disse

“ME AJUDEM [...] sou trans mulher tenho um namorado homem cis, Mas surgiu um problema que não estou sabendo mais como lidar, ele é machista diz que odeia feminismo Não se trata disso [de acgar algo melhor]... se trata de estar envolvida com a pessoa. Achar que é uma coisa e ela começa a se revelar outra, mas aí você já ama e já está envolvida até o pescoço.”

Em geral, as pessoas etnografadas que iniciaram nova relação após a transição, acabaram por o fazer com mulheres cis bissexuais ou lésbicas, caso de Nash, Lui, Adriano, Juliana Alves e Mahal. No mais, Giullian e Judy, com quem converso, estão solteiras.

4.2 CONFLITOS

4.2.1 Omis, Mascus e esquerdomachos

Com relação aos conflitos, existe a rivalidade com os homens cis héteros. Estes, costumam ser classificados em duas categorias: omis/mascus e esquerdomachos. A primeira categoria se refere aos homens cis, geralmente héteros, politicamente conservadores, sexistas, machistas e misóginos com possíveis outros preconceitos relativos à raça, etnia, classe etc. A segunda, refere-se aos homens cis, geralmente héteros, que se dizem feministas ou apoiadores da causa feminista, mas que são encarados como infiltrados que usam desta aparência para ter acesso privilegiado e reproduzir formas eufemistas de machismo. Mas, se por um lado os homens cis héteros estão na maior distância social das trans não-binárias, o fato deles já estarem pressupostos como inimigo padrão, não constitui novidade uma guerra explícita, declarada e cotidiana contra eles.

4.2.2 Gays

Contudo, se a relação com o homem cis hétero é de guerra presumida, a relação com os homens cis gays é de guerra fria pois, apesar de certa proximidade em virtude da orientação sexual não-normativa e com a devida precaução para não recair em homofobia, pesaria sobre eles a socialização masculina que conduziria à

práticas machistas. Enfim, a partir disto, duas são principais críticas dirigidas à comunidade LGBT. A primeira é que a comunidade mistura orientação sexual (lésbicas, gays e bissexuais) com identidade de gênero (transgêneros). A segunda, é que a representatividade da comunidade acaba se voltando apenas para os gays e, em razão disto, parodiam a sigla LGBT para GGGG. Assim ela aparece no comentário de Nix Polaris em 24 de dezembro de 2014:

O homem cis é gay, se diz super politizado, alternativo e se denomina feminista. Aí numa conversa ele vai e diz que é gay pq tem nojo de vagina (oi), que gêneros não binários são invenções e que "o ruim do feminismo é ter muita mulher mal amada e feia". Tá certinho, mega politizado. Troféu GGGG pra ele.

4.2.3 TERFs, RadFems e Ex-Trans

Se a relação com homens cis héteros é de guerra declarada; com gays, de guerra fria; com feministas radicais, também chamadas de TERFs (Trans Exclusionary Radical Feminists, isto é, Feministas Radicais Trans-Excludentes) ou RadFem (Feministas Radicais) e ex trans, a relação agonística não parece tanto de guerra, quanto de uma espécie de vingança, em razão da paixão com que fazem as críticas diante daquilo que consideram uma espécie de traição. Se, aparentemente, o homem cis hétero seria o Grande Outro das trans não-binárias em razão de seu distanciamento social, o que ocorre de fato é que as ex-trans o são e, nisto, as TERFs, pois as trans não-binárias costumam dizer “você tem o direito em deixar de ser trans e ser ex-trans, o problema é você se tornar rad”, porém, para as trans não-binárias, as ex-trans sempre se tornam rad, ainda que elas mesmas não se considerem. Assim, com as rads, o ódio é muito maior do que com homens cis, porque é muito mais intensa a batalha ali.

	Substância/Inato	Devir
RadFem/TERFs	Exterioridade (corpo)	Interioridade (cultura)
Trans não-binárias	Interioridade (alma)	Exterioridade (corpo)

QUADRO 7⁵⁵ – O INATO E A INVENÇÃO NAS FEMINISTAS RADICAIS E NAS TRANS NÃO-BINÁRIAS

⁵⁵ FONTE: O autor (2016)

Enquanto para as feministas radicais o paradoxo consiste em você ser mulher porque tem o sistema reprodutor feminino ao mesmo tempo que normas sociais prescrevem um comportamento convencionado feminino contra o qual a mulher deve contrapor sua própria autonomia e se tornar a mulher que é para si mesma; as trans não-binárias consideram que sua identidade de gênero é inata e que, à medida que tomam consciência dela contra o fundo convencional de gênero, tornam-se quem já eram através de modificações corporais. Em suma, o inato para as feministas radicais é o corpo e as transformações ocorrem no plano da cultura e para as Trans não-binárias o inato é a “cultura” e as transformações ocorrem no plano da “natureza”.

O primeiro contato que tive com uma ex-trans foi logo que comecei a etnografia. Orion Ravi , então homem trans não-binário, adolescente do Rio de Janeiro, era transativista no Facebook, uma líder, seguida por diversas pessoas, escrevia posts com excelente retórica e, assim que tentei contato através de chat inbox, ela publicou um posto avisando que estava saindo do Facebook, que sua decisão era pessoal e que não representava uma causa política.

Então, foi a vez de Gale Azul.

Gale Azul - até o povo que me tem como amiga tá falando de mim na timeline de boas kkkkk primeiro que não sou trans muito menos ex trans, sou mulher, sempre fui mulher e vou morrer mulher. Não importa como eu me identifique, eu sempre sofri misoginia por ser mulher, não por ser trans e, segundo, não existe privilégio cis mesmo, se eu que conheci a transfobia digo isso, não sei porque você mulher acha um absurdo.

No final de 2015, pessoas da rede de amigos das trans não-binárias com que mantinha contato se tornaram ex-trans, gerando uma espécie de fenômeno por contágio, a ponto de Nash publicar em sua página pessoal “STOP EX TRANS 2015”.

Nesse momento, percebi que Orion Ravi , a quem admirava a retórica, havia retornado ao Facebook com o nome de Anna Lisboa (repare a ausência de epiceno, não se trata de AnnE, mas nome próprio feminino AnnA) e, neste momento, já cursava biologia na UFRJ. Mande novamente mensagem inbox e ela me passou seu contato por Whatsapp para conversarmos: “Vou conversar sim, porque o movimento trans queer é muito para mulheres, principalmente lésbicas e já passou da hora de alguém falar sobre isso”.

Então, Anna passou a me contar que sofreu abuso sexual em sua infância. Que seus pais a reprimiam por ela ser lésbica na adolescência. Que passou a sentir vergonha do próprio corpo e da própria voz e, de repente se deparou com a teoria Queer, que dizia que a revolução era individual e só dependia dela e que bastava ela querer, que ela não precisava mais ser mulher, que bastava ela se identificar como homem que ela seria homem e assim o foi. Mas, então, ela percebeu que gênero não é uma identidade entre milhões de outras, mas uma questão de categorias, criada pelo patriarcado, dividindo a humanidade entre homens e mulheres e delegando privilégios ao primeiro grupo às custas do segundo. Tratava-se de uma dominação de classe e que era necessário para combater o gênero não sua radicalização numa multiplicidade de identidades, mas, paradoxalmente, assumir que é a dominação da categoria dos homens sobre a categoria das mulheres para que, através da consciência desta dominação baseada no gênero enquanto classe, abolir o gênero e suas distinções.

O feminismo radical quer a abolição da identidade de gênero, entendida como uma categoria, a dos homens, que oprimem outra categoria, a das mulheres. Com a aniquilação do gênero, as mulheres não estariam mais sendo concebidas numa linguagem falocêntrica, não se socializaria mais as crianças conforme papéis sexuais, nem a divisão sexual do trabalho, nem haveria mais relações de poder dos homens sobre as mulheres, num tráfico de mulheres para a produção da humanidade, espaço público e privado etc. No entanto, até que ponto a categoria gênero não estaria relacionada com outras categorias, enquanto ela como signo so significaria enquanto relacionada a outros signos? Como espaço público e privado talvez ou outros mais associados intrinsecamente. Além disso, se tivesse que ser reinstituída toda uma cosmologia e o gênero fosse abolido e os indivíduos, nem homem e nem mulher, resultantes que seriam? Dois resultados, uniformidade entre as pessoas despolitizando as relações pessoais, humanas de poder entre os indivíduos. Ou no segundo resultado uma hiper individualização que é o que ocorre com a profusão de categorias generificadas com queer e trans não binários e o resultado seria o mesmo. Seria a aniquilação da categoria gênero uma utopia? E até que ponto seria desejável a despolitização na homogeneidade dos indivíduos ou até que ponto ela não resultaria naquilo que ela combate agora contra a teoria queer e trans não binária, a moda de uma ideologia neoliberal, fazer uma hiper individualização de cada indivíduo.

Então, foi a vez de Rute Pfizer, judia, paulista, muitas vezes com dificuldade de encontrar emprego e humilhada nas entrevistas, chegou a trabalhar como atendente de telemarketing. Denise não apenas é da etnia judaica como praticante da religião e frequentava uma sinagoga em que se sentia aceita. Porém, um dia, Denise publicou na página de seu perfil que sua identidade trans era um engano, pois um espírito maligno a havia confundido. Então, desfez suas amizades e tornou privada todas as configurações de sua página pessoal, inclusive retirando sua foto de perfil.

Por fim, veio a emblemática história de Daniele Santos, paulista, com cerca de 25 anos, era militante do movimento trans, há vários anos fazendo hormonização, fez mastectomia, chegou a sair na imprensa por um caso de transfobia que sofreu na faculdade particular que estudava e também era referência para dar entrevistas para documentários sobre transgeneridade. Porém, certo dia Daniele, então Daniel, postou o seguinte:

Dan Santos - Oi. Estou destransicionando. Lembra quando vocês começaram a transição e pediram para respeitar seus nomes e pronomes? Lembra como foi difícil? Então, estou no mesmo processo, só que ao contrário. Não sejam uó. Obrigada, de nada. Quem tiver qualquer problema com isso pode me tirar da lista de amigos, não vou me importar não, sério mesmo. Vejamos até onde vai a sua 'cabeça aberta', 'desconstrução' e 'tolerância'.

Dan Santos - É bizarro como a sociedade não aguenta o empoderamento de uma mulher que bate no peito e se diz mulher mesmo masculinizada, mesmo fora de tudo o que a indústria dita do que significa ser mulher. As pessoas estão literalmente desrespeitando meu gênero e meu nome de nascimento. EU TENHO BOCETA CARAIA. MEU NOME SEMPRE FOI DANIELE. EU NASCI E CRESCI MENINA. NÃO TENHO A PORRA DO DIREITO DE SER MULHER?

Logo que Daniele postou isto, seguiram-se comentários de pessoas trans criticando a associação que ela fez entre mulher e boceta pois, uma das premissas das trans não-binárias é que o sexo biológico não só não informa a identidade de gênero de uma pessoa, como é ele próprio uma construção social. Seguiu-se não apenas críticas, como acusações de transfobia:

Felipe Rocha "Sobre você ter boceta não muda em nada. Eu mesmo tenho e nem por isso sou uma mulher"

Edu França "Você está sendo transfóbica... Sua boceta é só um órgão!! Não seu gênero!! Não entendo..."

Airam Aimé “Tudo bem destransicionar, outra coisa é o que você está fazendo que é deslegitimação de uma comunidade inteira. Você sentiu na pele a diferença entre ser trans e cis e me vem com essa, por favor né querida”

João Pedro “Você pode ser o que quiser, agora, usar a genitália para isso está meio errado gata”

No entanto, diversas feministas também vieram dar apoio:

Vinícius De Vita “Força! <3”

Karol Ayres “Dan... Eu sei muito bem o que você está passando! A mesma coisa que as lésbicas masculinas passam, o que eu sofro por não estar em um padrão que não é feminino. Nós temos o direito de ser quem somos e isso só interessa a nós mesmos. Seja forte! <3”

Débora Stevaux “Força, Sá! Você é uma mulher forte, de longe uma das mais fortes que eu já tive o prazer de conhecer. Estamos juntas, estou do seu lado.”

Luíza Fazio “Tem todo o direito, por mais que seja difícil pra boceta ser mulher. Tem que ser forte demais <3”

Seguiu-se também o benefício da dúvida e cogitou-se se o perfil teria sido hackeado ou se Daniele teria cometido um equívoco:

Fernando Ribeiro “Alguém hackeou esse perfil? Porque [quero acreditar que] não estou lendo isso... Respeito é via de mão dupla gente.”

Gabriel Thomazini “Cada um encontra sua forma de se encontrar, mas dizer isso, vindo de você, não faz sentido nenhum.”

Pepe Trentino Di Oliveira Danjaza “Nem toda mulher tem boceta e nem todo homem tem pau... Não podemos genitalizar as coisas porque senão acaba sendo um *close* [recorte em foco] mega errado...”

Kairós Diniz “Gente, para de apedrejar a menina. Ela só se equivocou. Dan, você virou radfem? Não, tipo, na moral mesmo, sem te xingar ou te apedrejar, mas você não parece”

Airam Aimé “mano, ela não se equivocou. Isso não é equívoco, é discurso de ódio mesmo.”

João Pedro “Se equivocar é uma coisa, atacar é outra”

Kairós Diniz “Benefício da dúvida, ao menos”

Kyem Araujo “Não acho que se enganou não, se o perfil não foi rackeado (*sic*), essa relação que fez foi totalmente intencional.”

Se o equívoco não era um erro conforme a hipótese levantada, mas uma decepção, conforme as redarguições, era, com certeza o conflito entre dois

pressupostos sobre o que é natureza e o que é cultural em ser mulher. Então, segue-se a associação entre ex-trans e feminista radical:

João Guilherme Magalhães “Mano, eu nem me importo com destransição, na moral. Me importo quando começam a usar esse discurso de “tenho boceta sou mulher” e “gênero de nascimento”, coisa que há um tempo você não usava e inclusive criticava. Ótimo que tenha se achado, mas lembre-se que um dia a militância Trans quem te deu os braços quando você tava caindo e as Rdas que te xingavam.”

Christian Cavallera “Por que toda CRIATURA que destransiciona adere ao discurso rad de ‘genital=gênero’? -.- Dá pra destransicionar e levar tudo o que passou como aprendizagem sem fuder o role todo.”

João Guilherme Magalhães “E ah, antes de virar rad e destilar toda a transfobia que fizeram contra você, lembra um pouquinho o que você sofreu e veja como a gente sofre também. Não seja desonesta nem esdrúxula de assumir que mulheres trans e travestis sem privilégio masculino e homens são mulheres com síndrome de Estocolmo e lésbicas. Tenha um pouco de empatia e pensa um pouco antes de ser levada por isso. :)”

Christian Cavallera “sabe, eu mesmo já quis destransicionar várias vezes, mas voltar pro armário seria morrer. Eu entendo o que se passa na cabeça de alguém que destransiciona, é muita pressão social.

Giu Nonato “Sabe quando o Harry Potter coloca o chapéu seletor, e pensa ‘sonserina, não! Sonserina, não!’? Quando eu vejo um homem trans destransicionando eu penso ‘RadFem, não! RadFem, não!’”

Karol Ayres “E tem o fato de que genital é uma coisa e identidade de gênero é outra!”.

Segue então controvérsias a respeito do lugar de fala e acionamentos das respectivas acusações e opressões conforme o lugar que se ocupa:

Anna Lisboa “Acho engraçado que o mesmo povo que acredita em local de fala é o povo que diz que mulher não pode definir o que é ser mulher, ué?”

João Pedro “Ih as rad chegaram!”

Anna Lisboa “essa porra desse rolê autoidentitário tá pouco se fodendo pra mulher”

Anna Lisboa “Mano na moral, vão se foder. A mina faz post desabafando e vocês vem atacar! Não fazem a menor ideia do que o radical fala e ficam distorcendo, chamando de transfobia. Vocês acham que a Daniele não sabe bem o que seria a tal da ‘transfobia’? Tenham o mínimo de respeito mano, destransicionar não é fácil não. Bando de hipócritas, o carinho de vocês só vale até onde a mina concorda com vocês, daí surge uma divergência teórica e vocês já vem atacar! Toda força e todo amor pra você Sá!”

Calíí Jensen “Um dia ainda quero entender quando alguém chama ‘eu tenho boceta sou mulher’ de divergência teórica.

Calí Jensen “chama de culto trans, mas quem mais parece igreja é quem? Que comece a evangelização ‘radfem te acolhe!!!!’”

Bianca Kalil "Igreja rad converteu mais uma pessoa, aleluia. Porque lésbica também não se fode na sociedade, né?"

Anna Lisboa "Maneiro, Ikaro. Continua comparando lésbicas (a grande maioria do radical) com quem persegue lésbicas. Você tá fazendo isso direitinho mesmo, mostrando essa tua misoginia e lesbofobia que nem todo batom e saia do mundo esconde"

Calí Jensen "Não vem querer me evangelizar porque eu não me aproprio da saia e batom à força. Você não é mulher, eu uso mais batom que você, saiba."

Andressa Albuquerque "Da série mais feminista que eu? Agora vem o 'mais mulher que eu?' HAHHAHAHA

João Pedro "que desnecessária tratando as pessoas no oposto que elas são, então AnnO"

Anna Lisboa "Quero evangelizar não querido, quero é distância. Mas tá certo mesmo, não uso batom nenhum, devo ser macho. Faz sentido nessa psicodelia ideológica de vocês."

Calí Jensen "Querido, Anna, aqui não é igreja univerad, gato, não sou sustentada pelo queer rentável à toa."

Anna Lisboa "Tô acostumada a ser tratada como macho, Victor. Sabe como é né? Sapato é sempre tratada assim. Aquela famosa lesbofobia."

João Pedro "Que coisa né? Então você deveria, no mínimo, fazer o mesmo com trans e travestis, respeitar a identidade e pronomes de cada. Que tal, macho alfa?"

Anna Lisboa "Gênero não é identidade, galera. É hierarquia! Não me identifico como mulher não, nunca me identifiquei. Isso foi IMPOSTO a mim."

Calí Jensen "Eu também não me identifico, gatinho, eu sou uma e não é porque você usa meu nome de registro que, saiba, não me envergonha nem um pouco e que me trata no masculino que eu deixo de ser. :)"

Anna Lisboa "Amo você mozoona Aline <3 Sapato"

Anna Lisboa "Queer: o incrível mundo em que humano é dragão, mina é gato, macho é fêmea, pinto é boceta e biologia não existe. Acho que a Xuxa tinha um programa sobre isso: o mundo da imaginação ou algo assim, sei lá."

Calí Jensen "macho é macho e fêmea é fêmea' SILAS MALAFAIA OU RADFEM?" Difícil essa.

Andressa Albuquerque "Compara mais essa sapato maravilhosa, com propagadores de uma religião que prega a submissão das mulheres. Tá certin essa misoginia aí.

Calí Jensen "'queremos abolir gênero. Homem é pinto, mulher é buceta'".

Bianca Kalil "Tem mulher com pau, com buceta (cis ou trans cirurgiada), tem mulher sem ovários, e existem homens com buceta. Aceitem. Sem contar que tem homem trans que também tem pênis."

Jessica Solaris “Destransição – quando o apoio trans acaba”

Anna Lisboa “E por falar em falta do que fazer: vocês ganham o que atacando a Daniele? O patriarcado vai cair assim? Hmmmmmm acho que não. Então, assim, vocês bem que podiam meter o pé né? Só acho.”

Sam Bess “Vocês atacando pessoas trans não faz nem cócegas no patriarcado. Não banca a revolucionária extrans e toda a ladainha rad diz”

Andressa Albuquerque “Vocês são tão acostumados com a misoginia de vocês que não perdem a oportunidade de escrachar mulher no primeiro post, porque né? Ter buceta é ofensivo, não pode... Daniele, força! Tu não está sozinha não.

Joey Salistrini “Ela tem total direito de swer e fazer o que ela quiser, como eu também tenho este direito. A diferença é Eu nunca jamais ofendi a identidade dela. Ela, em seu discurso transfóbido, sim, fera a minha.

Kadin Borel “A Daniele achar que a buceta dela faz dela mulher não faz ninguém menos trans, não. Também não dá aval para ninguém achar isso. Ela é ela. Tem meu apoio, sim! E se achar de mudar de ideia, um dia, é direito individual, não é regra coletiva.

Andressa Albuquerque “Vocês não entenderam, né? Ela não precisa de apoio/ aval/ opinião/ achismo de ninguém. Numa sociedade onde mulheres não falam de suas bucetas, algumas nem conhecem a própria anatomia, falar de buceta é revolucionário sim. Daí vai ter que engolir porque vai ter buceta pra tudo que é lado sim”

Sam Bess “E o token que vai rolar? Olha salvamos essa moça da transição...”

Devon Furlan “O Daniel pelo menos não desrespeitava as mulheres como a Daniele desrespeita as pessoas trans” Print com ima gem do Daniel acompanhado do seguinte texto. “Pra mim, ser homem é lutar todos os dias para existir dentro de minha identidade marginal e invisível. Ser homem é ter boceta, e não saco, pra aguentar essa sociedade machista e misógina todos os dias. Ser homem é ter coragem e força para amar e me orgulhar do meu corpo do jeitinho que ele é: TRANS”

[print da página pessoal de Daniel com sua imagem e a seguinte frase acompanhando:] “hoje me mandram virar homem. O fato de isso ter saído da boca de um homem trans ao invés de um cara cis é pior ainda”

Infere-se que a acusação constrói a pessoa e faz parte de seu modo de relação de produzir diferenças. Além disso, há uma incompatibilidade ética: é possível que a eleição social de critérios biológicos para informar a identidade não seja transfobia? É possível que cada um seja quem é sem implicar em desrespeitar a identidade do outro? É possível que o critério que vale para um, permaneça circunscrito? É possível dizer que se é mulher porque tem vagina e respeitar no mesmo nível que outra pessoa que não tem vagina é igualmente mulher?

Morgan Sax “Mês que vem tu vais ser o quê? Por mim, sinceramente tu podes ser o que tu quiser ser! Não me atrapalhando, eu quero mais é que tu sejas feliz. Só não vem deslegitimar uma comunidade que com muito sangue e suor aos poucos tem tido visibilidade. Afinal, não sei se tu te lembras quantos de nós foram mortos por esse tipo de reprodução, que tu mesmo já sentiu na pele.”

Pepe Trentino “Eu como trans homem, estou bem chocado lendo isso. De verdade. Destransicionar: OK. Teve até uma época em que dei uma pausa na minha devido à problemas pessoais. Mas dizer que quem tem boceta é mulher e quem tem pau é homem, é tão transfóbico, genitalista... Que nem parece que estou lendo isso vindo de você. Nos homens trans e transmasculinidades sempre estávamos ao seu lado, seja na militância pessoalmente ou virtualmente. Uma comunidade INTEIRA esteve ao seu lado, te apoiando. Eu ainda te falei inbox que você tem o direito de se re-identificar e se auto-conhecer melhor sim. Mas esse discurso que você deu foi tipicamente rad-fem. Você pode destransicionar sem deslegitimar uma classe inteira de pessoas. Porque, olha, eu já tive uma treta enorme com a radfem Carol Wojtyla por causa de discursos e posicionamentos assim, é muito contraditório ouvir isso vindo de você, ainda mais alguém que militou junto ao IBRAT e sabe muito bem como a transfobia dói. Damos apoio à você quando houve aquele negócio lá na Casper, a comunidade vem sempre dando apoio, visando a inclusão: mas agora, nessa atitude, você está fazendo a exclusão de toda uma comunidade T. Nunca pensei que estaria falando isso, ainda mais para você. Mas isso que você falou foi de cair o cu da bunda.

Ezequiel Dantas “Caralho, a gente se espelha numa pessoa para dar dessas depois”

Anna Lisboa “O engraçado é que em momento algum no post ela disse que ser mulher é ter boceta e que só mulher tem boceta (apesar de ser isso mesmo). Ces tão é dispostos a atacar mulher a qualquer momento por qualquer motivo mesmo. Mulher não pode estar de boa como o próprio corpo que incomoda a beça.”

5. CONCLUSÃO

A identidade dada por antagonismo é semelhante ao regime de alteridade predatória encontrado nos povos indígenas da Amazônia. Segundo Viveiros de Castro:

Economia da alteridade predatória como constituindo o regime basal da socialidade amazônica: a ideia de que a “interioridade” do corpo social é integralmente constituída pela captura de recursos simbólicos – nomes e almas, pessoas e troféus, palavras e memórias – do exterior. Ao escolher como princípio de movimento a incorporação de atributos do inimigo, o *socius* ameríndio é levado a se “definir” – determinar – segundo esses mesmos atributos. É o que se podia ver no grande momento ritual da vida dos Tupinambá, a execução do cativo, em que o lugar de honra era reservado à figura gemelar do matador e de sua vítima, que se refletiam e reverberavam ao infinito. Enfim, eis o essencial da “metafísica da predação” de que falava Lévi-Strauss: a sociedade primitiva como uma sociedade sem interior, que não é senão *fora de si*. Sua imanência coincide com sua transcendência. (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p.161-161).

Se entre os povos indígenas da Amazônia o canibalismo seria o extermínio (*ex terminis*, para além do fim) do Outro para consumir os atributos dele para si mesmo, fazendo a imanência de si na imanência do Outro pelo ato transcendente do canibalismo, isto é, englobando o Outro *marcado* na própria gente *universal*, a economia do regime de alteridade predatória entre as trans não-binárias conserva a predação, mas sem o canibalismo. O predador passa a ser a pessoa opressora que se pretende universal pela expulsão do mercado, e a presa passa a ser a pessoa oprimida, que reconhece que foi marcada, mas é diante desta marcação que constitui sua subjetividade e remarca negativamente a universalidade do Outro, não para assumir (num canibalismo metafísico) sua subjetividade, mas para dessubjetivá-lo, fazendo do universal o fundo antagônico de uma natureza hostil indiferenciada.

Em outras palavras, a noção de pessoa entre os povos indígenas do Brasil Central “Se apreende como sujeito a partir do momento em que vê a si mesmo através do olhar de sua vítima, ou melhor, em que pronuncia sua singularidade pela voz de sua vítima. Perspectivismo.” (Viveiros de Castro, 2015, p.144) e mais adiante “é não somente um perspectivismo, como também um inimiguismo” (idem, p.208). Aqui, a pessoa, em sua *logos* (racionalidade e linguagem e, neste sentido, por que não voz, fala?), intencionalidade, consciência, agência é aquela que se constitui através de uma relação de predação com uma pessoa de outra natureza, em que a

primeira é a predadora, e que, devido aos afectos de seu corpo, é incapaz de perceber como pessoa o Outro como pessoa em seu próprio corpo. Porém, caso a pessoa de predadora passasse à presa, converteria-se⁵⁶ em animal diante da outra pessoa em sua outra natureza.

Portanto, na cosmologia ameríndia, é pessoa aquela que é capaz de, através de seu corpo⁵⁷, ocupar um ponto de vista diante das naturezas (potencialmente pessoas em seu próprio ponto de vista relativo ao próprio corpo) em que ele é o predador.

O oposto ocorre na cosmologia trans não-binárias, pois é pessoa aquela que ocupa o lugar de presa, isto é, aquela contra a qual se atenta contra sua vida, enquanto que o Outro agressor é incapaz de alteridade ou empatia.

Cosmologias	Pessoa	Outro (Natureza)
Ameríndia	Predador	Presa
Trans não-binária	Presa	Predador

QUADRO 8⁵⁸ – COSMOLOGIA AMERÍNDIA E TRANS NÃO-BINÁRIA NA NOÇÃO DE PESSOA PELA RELAÇÃO DE ALTERIDADE PREDATÓRIA

Outra diferença em relação ao perspectivismo é que, neste, a perspectiva advém do corpo, que ocupa um ponto de vista. Entre as trans não-binárias não se trata tanto dos afectos do corpo, mas da dor que experimentam em seu local de fala. Neste sentido “todo dolor remite a um sufrimiento, y por tanto, a um significado y a una intensidad propia del individuo em su singularidade” (LeBreton, 1999, p.21) e ainda “El sufrimiento se transforma em caminho de acceso al ser, en la manera elegida de instalarse fisicamente em el mundo” (LeBreton, 1999, p.55).

Portanto, um dos aspectos da noção de pessoa trans não-binária, diz respeito ao seu “Lugar de Fala” que, por sua vez, diz respeito ao tipo de opressão que ela sofre, sendo este sofrimento aquilo que a individualiza e aquilo que lhe confere voz e propriedade para falar.

Neste sentido, há uma sobredeterminação de paradoxos, pois quanto maior o acúmulo de opressões, mais irrestrito é o “Lugar de Fala” e quanto maior o acúmulo

⁵⁶ “A metamorfose corporal é a contrapartida ameríndia do tema europeu da conversão espiritual” (Viveiros de Castro, p.132).

⁵⁷ “O que estou chamando de ‘corpo’ [...] é um conjunto de afecções ou modos de ser que constituem um habitus.” (p.128)

⁵⁸ FONTE: O autor (2016)

de privilégios, menor o direito à palavra, pois a voz que parte do pólo do privilégio é a voz que silencia o pólo do oprimido. Pode o subalterno falar? Nesta ética, somente ele pode falar e o privilegiado, por não sofrer opressões mas, pelo contrário, tender a agredir, não tem direito à voz, visto que as condições de sua voz são entendidas às custas do silenciamento da pessoa oprimida .

Isto seria semelhante à relação do senhor-escravo descrita por Hegel e vista acima⁵⁹, onde, assim como somente o escravo oprimido é capaz de ser-em-si e para-si, assim também somente a trans não-binária oprimida, é capaz de Ser em um sentido profundo. Contudo, em Hegel, o senhor não é capaz de ser num nível mais profundo porque passou a depender do escravo e o objetificou, não sendo mais possível entre eles uma contradição de mesmo nível, enquanto que o escravo, ao reconhecê-lo como uma outra consciência em-si, teve a possibilidade da contradição de alteridades. Porém, entre o Outro opressor das trans não-binárias e elas mesmas, também elas não o reconhecem como alteridade capaz de alteridade, pois não se trata de reconhecer a própria alteridade no Outro (assim como eu sou uma consciência-em-si, o Outro é uma consciência em-si), mas de reconhecimento negativo de que, assim como para o Outro eu não sou, assim também para mim ele não é e, justamente, nesta dupla negação do ser do Outro, é que é possível uma alteridade de mesmo nível, pois, como bem observou Viveiros de Castro a respeito da anedota⁶⁰ das Antilhas contada por Lévi-Strauss:

O formato da lição lévi-straussiana é familiar, mas isso não a faz menos mordente. O favorecimento da própria humanidade às custas da humanidade do outro manifesta uma semelhança essencial com esse outro desprezado: como o outro do Mesmo (do europeu) se mostra ser o mesmo que o outro do Outro (do indígena), o Mesmo termina se mostrando, sem se dar conta, o mesmo que o Outro. (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p.35).

Infere-se que o Outro é o comum etnocêntrico entre europeus e indígenas, ainda que a suspeita do Outro dos europeus era de que os indígenas fossem animais e a suspeita do Outro dos indígenas era de que os europeus fossem espíritos. Mas o caso é que:

⁵⁹ Seção 1.2.8 Dialética de obviação em Roy Wagner, p.22.

⁶⁰ “Nas Antilhas, alguns anos após o descobrimento da América, enquanto os espanhóis despachavam comissões de inquérito para saber se os indígenas possuíam alma ou não, estes tratavam de submergir prisioneiros brancos, para verificar, com base numa longa e cuidadosa observação, se seus cadáveres apodreciam ou não.” (Lévi-Strauss *apud* Viveiros de Castro, 2015, p.35)

No tempo em que Lévi-Strauss escrevia essas linhas, a estratégia para se vindicar a plena humanidade dos selvagens era a de mostrar que eles faziam as mesmas distinções que nós: a prova de que eles eram verdadeiros humanos é que consideravam que somente eles eram humanos verdadeiros. (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p.124)

Outro paradoxo é que, se o diálogo só é possível entre pessoas de mesmo nível de opressão ou quando referente ao mesmo nível de opressão, então, no limite, o lugar de fala que mais acumular opressão, portanto, mais irrestrito no direito de voz, torna-se, praticamente, incomunicável.

Deste modo, nesta relação entre a (não-)pessoa opressora (na perspectiva da pessoa oprimida) e a (não-)pessoa oprimida (na perspectiva da pessoa opressora), a ênfase no objeto (não-pessoa opressora, segundo a perspectiva da pessoa oprimida) resultou numa multiplicidade de pessoas oprimidas que, para além do reconhecimento de sujeito e objeto em Descartes, da tentativa de superação destes pólos na dialética hegeliana, até o abandono de qualquer tentativa de superação e a afirmação da radical exterioridade entre sujeito e objeto pelos pós-modernos, tornou incomunicável cada existência na singularidade de sua dor.

Analogamente, Latour também havia assinalado que, entre as províncias ontológicas da cultura e natureza, a ênfase em um dos pólos, típica dos modernos, ocasionou que:

Os críticos desenvolveram três repertórios distintos para falar de nosso mundo: a naturalização, a socialização, a desconstrução. Digamos, de forma rápida e sendo um pouco injustos, Changeaux, Bourdieu, Derrida. Quando o primeiro fala de fatos naturalizados, não há mais sociedade, nem sujeito, nem forma de discurso. Quando o segundo fala de poder sociologizado, não há mais ciência, nem técnica, nem texto, nem conteúdo. Quando o terceiro fala de efeitos de verdade, seria um atestado de grande ingenuidade acreditar na existência real de neurônios do cérebro ou dos jogos de poder. (LATOUR, 1994, p.11)

Em suma, nestas tentativas, o que se viu foi uma ênfase demasiada em um dos pólos ou na relação entre eles, purificando uma destas partes, ao mesmo tempo em que se multiplicava híbridos de todas as partes. Este foi o paradoxo dos modernos, pois “quanto menos os modernos se pensam misturados, mais se misturam. Quanto mais a ciência é absolutamente pura, mais se encontra intimamente ligada à construção da sociedade” (Latour, 1994, p.47).

Episteme	Pólo	relação	Pólo
Modernos	Natureza	Hiper – incomensurabilidade (pós-modernos)	Cultura
Trans não- binárias	Objeto	Hiper- Incomunicabilidade	Sujeito

QUADRO 9⁶¹ – ANALOGIA ENTRE A HIPER-INCOMENSURABILIDADE DOS PÓLOS NATUREZA/CULTURA NOS PÓS-MODERNOS APONTADA EM LATOUR COM A HIPER-INCOMUNICABILIDADE DOS PÓLOS SUJEITO/OBJETO NA COSMOLOGIA TRANS NÃO-BINÁRIA

Parafraseando Voltaire, que diz “Posso não concordar com o que diz, mas tem o direito de dizê-lo”, o aforismo aqui seria: “Não posso discordar com o que diz, pois só você [com o acúmulo de opressões] tem o direito de dizê-lo”.

Pierre Bourdieu, em sua teoria sobre os campos, estabelece homologias estruturais entre eles. O campo seria um espaço de forças sociais, onde cada agente ocupada uma posição hierarquicamente determinada por suas condições sociais, que variam desde a origem social do agente, até sua trajetória, com o acúmulo de seus diversos capitais (econômico, político, social etc.). Neste sentido, no campo da Arte, por exemplo, os subcampos da literatura e da pintura apresentariam homologias estruturais em que, grosso modo, o escritor estaria para o editor, assim como o pintor estaria para o *marchand*. Apesar de Bourdieu ter desenvolvido a noção de poder simbólico⁶², ele não elaborou uma homologia estrutural de suas condições, em que, por exemplo, o racismo estaria para o antissemitismo assim como a escravidão estaria para os campos de concentração. Esta possibilidade de comparação é escandalosa para as pessoas trans não-binárias, pois cada dor, é reconhecida em sua inefável singularidade e a comparação entre dores seria como nivelar subjetividades e desumanizá-las. Também ,

⁶¹ FONTE: O autor (2016)

⁶² O poder simbólico [...] poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force” mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a *crença*. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (2005, P.14-15).

Portanto, para as trans não-binárias, a comparação entre os *locais de fala* seria negar a alteridade, porque você ignora a especificidade da experiência da dor. Mas para a antropologia comparar é a condição de emergência da alteridade⁶³, porque apenas o outro ou *outrem* é a condição da alteridade⁶⁴ e “é apenas por meio do contraste experienciado que sua própria cultura se torna ‘visível” (Wagner, 2010, p.31), isto é, que a dor não apenas é experimentada e experiem. Não se trata de uma noção simples de comparação no sentido de identificar semelhanças e diferenças entre os fenômenos; também não se trata de uma comparação evolucionista no sentido de verificar faltas e sobrevivências; tampouco se trata de uma comparação boasiana, no sentido de comparar contextualmente cada fenômeno a fim de verificar se, de fato, trata-se dos mesmos fenômenos, identificando uma mesma relação causal que os anima⁶⁵; nem se trata de uma comparação levi-straussiana, no sentido de identificar como as coisas se parecem no seu modo de divergir⁶⁶. Mas trata-se de comparar criativamente, comunicando a dor e recriando nossos conceitos para sensibilizá-la, pois como disse Viveiros de Castro:

Acrescentaria também que a incomensurabilidade das “noções” em confronto, longe de ser um impedimento à sua comparabilidade, é exatamente o que a permite e justifica [...] Pois só vale a pena comparar o incomensurável – comparar o comensurável é tarefa para contabilistas. (2015, p.91).

⁶³ “A relação que o antropólogo constrói entre duas culturas – a qual por sua vez, objetifica essas culturas e em consequência as ‘cria’ para ele – emerge precisamente desse seu ato de ‘invenção’, do uso que faz de significados por ele conhecidos ao construir uma representação compreensível de seu objeto de estudo. O resultado é uma analogia” (WAGNER, 2010, p.36).

⁶⁴ “Outrem não é, portanto, um ponto de vista particular, relativo ao sujeito (o ‘ponto de vista do outro’ em relação ao meu ponto de vista ou vice-versa), mas a possibilidade de que haja ponto de vista — ou seja, é o conceito de ponto de vista. Ele é o ponto de vista que permite que o Eu e o Outro acedam a um ponto de vista.” (DELEUZE *apud* VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.118)

⁶⁵ “Temos que exigir que as causas a partir das quais o fenômeno se desenvolveu sejam investigadas, e que as comparações se restrinjam àqueles fenômenos que se provem ser efeitos das mesmas causas.” (BOAS, 2006, p.31-32) e “Temos um outro método [...] O estudo detalhado de costumes em sua relação com a cultura total da tribo que os pratica, em conexão com uma investigação de sua distribuição geográfica entre tribos vizinhas, propicia-nos quase sempre um meio de determinar com considerável precisão as causas históricas que levaram à formação dos costumes em questão e os processos psicológicos que atuaram em seu desenvolvimento”. (BOAS, 2006, p.33 - 34).

⁶⁶ “Mas comparar multiplicidades também é outra coisa que estabelecer invariantes correlacionais por meio de analogias formais entre diferenças extensivas, como nos caso das comparações estruturalistas clássicas, onde ‘não são as semelhanças, mas as diferenças que se assemelham”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p.122)

Talvez a diferença seja que para a antropologia, importa mais a relação do que os termos comparados e, para as pessoas nativas, importa mais o que está sendo comparado. Talvez seja por isso que Roy Wagner diz que “um antropólogo ‘inventa’ a cultura que ele acredita estar estudando, que a relação – por consistir em seus próprios atos e experiências – é mais ‘real’ do que as coisas que ela ‘relaciona’ (2010, p.30). Se o que importa é a relação e não o relacionado, até que ponto o que é relacionado não configura diferentes tipos de relação? Isto é importante porque, para as pessoas nativas (e para uma boa compreensão delas), o seu modo de identificação depende do status do termo relacionado, isto é, se estão ou não no mesmo nível ontológico, enquanto que o antropólogo parte da pressuposição da cultura, o que não impede de considerar a sua cultura e o seu conceito de cultura como resultado de sua própria ontologia, sendo esta ontologia uma possibilidade entre outras.

Mas há uma relação entre opressões, dores e *Locais de Fala* legitimamente aceita pelas trans não-binárias que etnografei, que é a do feminismo intersseccional, exemplificado no capítulo um com a frase de Audre Lorde⁶⁷ de que a mulher somente será liberta quando todas as formas de opressão que se conectam à elas (racismo, xenofobia, elitismo etc.) foram também eliminadas.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que se afirma singularidade inefável de cada dor, pois a dor não seria o denominador comum à humanidade, mas justamente aquilo que singulariza cada pessoa, como uma espécie de DNA, também se estabelece uma cadeia entre as dores, opressões e *Locais de Fala*.

Este caráter de mônada que singulariza cada ser é descrito por Descola no modo de identificação classificado como analogismo. Para Descola, a noção de eu é composta de uma interioridade (alma) e de uma exterioridade (afectos do corpo) e esta condição seria universal, pois todos os idiomas existentes a atestariam.⁶⁸ No analogismo, não se trata de verificar se a noção de pessoa está na continuidade de uma mesma noção de interioridade manifesta em diferentes fisicalidades, ou vice-versa, se haveria uma única continuidade física à percepção de uma variedade de interioridades, isto é, não se trata de um equívoco cosmológico, mas mais propriamente epistemológico, em que sobre a fisicalidade do corpo trans não-binário

⁶⁷ P.36

⁶⁸ “la consciencia de una distinción entre la interioridad y la fisicalidade del yo aparezca como una aptitud innata atestiguada por todos los léxicos” (DESCOLA, 2012, p.189)

pese não só o estigma que localiza o *Lugar de Fala*, mas também o afecto que faz vacilar o eu⁶⁹, sendo “que o eu é apenas um limiar, uma porta, um devir entre duas multiplicidades” (2012, p.34-35) e suas relações compósitas com os outros. Contudo, não se trata apenas de uma interioridade e fisicalidade próprias, em que a diferença faz existir (diferir é existir), mas a produção da diferença também constitui a identidade, onde tanto a opressão quanto a acusação produz o *lugar de fala*.

Em suma, como a pessoa leitora deve ter percebido, ao longo de todos os capítulos havia informações sobre a noção de pessoa trans não-binária. No capítulo um, apresentei conceitos canônicos de sexo, gênero e desejo que davam algum subsídio para acompanhar as discussões. No capítulo dois, apresentei os conceitos nativos e que a noção de gênero e orientação sexual aparecem como inatas, independentes do corpo e reveladas conforme as próprias experiências com pessoas aliadas. Ainda, os diversos conceitos que elas mesmas articulam para racionalizar a própria vivência. No capítulo três, recuperei os conceitos canônicos enquanto epistemologia do Ocidente a partir do século XVIII como fundo contra o qual ocorreu a emergência de novas identidades de gênero, sendo o binário a oposição metafísica das trans, pólo de onde advém todas as opressões. No capítulo quatro, apresentei o grande Outro das trans não-binárias, as ex-trans.

Em suma, a noção de pessoa trans não-binária passa por seu corpo, mas:

Um corpo não se define pela forma que o determina, nem como uma substância ou sujeito determinados, nem pelos órgãos que possui ou pelas funções que exerce. No plano de consistência, *um corpo se define por uma longitude e uma latitude*: isto é, pelo conjunto dos elementos materiais que lhe pertencem sob tais relações de movimento e de repouso, de velocidade e de lentidão (longitude); pelo conjunto dos afectos intensivos de que ele é capaz sob tal poder ou grau de potência (latitude). Somente afectos e movimentos locais, velocidades diferenciais. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.49).

Por sua vez:

Os afectos são devires. Espinosa pergunta: o que pode um corpo? Chama-se *latitude* de um corpo os afectos de que ele é capaz segundo tal grau de potência, ou melhor, segundo os limites desse grau. *A latitude é feita de partes intensivas sob uma capacidade, como a longitude, de partes extensivas sob uma relação*. Assim como evitávamos definir um corpo por seus órgãos e suas funções, evitamos defini-lo por características Espécie

⁶⁹ “Pois o afecto não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.22)

ou Gênero: procuramos enumerar seus afectos. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 44)

Por fim:

Não é de se espantar, a tal ponto o devir e a multiplicidade são uma só e mesma coisa. Uma multiplicidade não se define por seus elementos, nem por um centro de unificação ou de compreensão. Ela se define pelo número de suas dimensões; ela não se divide, não perde nem ganha dimensão alguma *sem mudar de natureza*. Como a variação de suas dimensões lhe são imanentes, *dá no mesmo dizer que cada multiplicidade é composto de termos heterogêneos em simbiose, ou que ela não para de se transformar em outras multiplicidades de enfiada, segundo seus limiares e suas portas*. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.34).

Perdoem o fastio de tão grandes citações, mas a noção de pessoa trans não-binária é atravessada (não só) pelos elementos aí presentes. Entre os afectos de sua latitude, há potências que perpassam multiplicidades de identidades de gênero, sexuais e românticas; entre as multiplicidades de relações em sua longitude, há opressões sobre os “elementos materiais” de seu corpo, bem como relações de aliança que informam, conforme a intensidade e a velocidade, bem como a conjuntura da composição relacional, as multiplicidades de seus afectos. Mas isso não é tudo, pois sobre a noção de pessoa trans não-binária não se trata apenas de separar sexo, gênero e desejo, conforme a teoria Queer, mas da quarta categoria de expressão de gênero, em que a performance de gênero é dispensável (ainda que, muitas vezes a passabilidade cis prevaleça à primeira vista no descaso da performance). Por fim, a dor que legitima a própria existência.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa. **Despatologização do gênero**: a politização das identidades abjetas. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 20, n. 2, Aug. 2012

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Regulações de gênero**. *Cad. Pagu*, Jun 2014, no.42, p.249-274.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. *Revista Estudos Feministas*, janeiro-abril 2013, N.21, p.241-282.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Mil platôs**. São Paulo: Ed. 34, 2012. vol. 4

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

DESCOLA, Philippe. **Beyond Nature and Culture**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2013.

_____. **Más allá de naturaliza y cultura**. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.

_____. **Para além de natureza e cultura**. *Revista Campos*, 7(2), 2006, p.9-27.

FAUSTO-STERLING, Anne. **“Dualismos em duelo”**. *cadernos pagu*, 17/18, 2001/02, p.9-79.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **Os anormais**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GOLDMAN, Marcio. **Histórias, devires e fetiches das religiões afro-brasileiras: ensaio de simetrização antropológica**. Vol. XLIV, 2009, p.105-137.

GROSSI, Miriam. **Identidade de Gênero e sexualidade**. 19--. Disponível em: http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/grossi_miriam_identidade_de_genero_e_sexualidade.pdf. Acesso em: 21/04/2016.

HARAWAY, Donna. "**Gênero**" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cad. Pagu*, Jun 2004, no.22, p.201-246.

HEGEL, Georg W. F. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis, RJ: Vozes : Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. **Reagregando o social**. Salvador: Edufba, 2012.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Multidões queer: notas para uma política dos "anormais"**. In.:Rev. Estud. Fem. vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a "economia política" do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac e Naify, 2003

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2014.

MOORE, Henrietta. "**Compreendendo Sexo e Gênero**". In- T. Ingold (org.) Companion Encyclopedia of Anthropology, London, Routledge, 1997.

PISCITELLI, Adriana. "**Re-criando a (categoria) mulher?**". Campinas, 2001. Disponível em: <http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>. Acesso em: 21/04/2016.

SAEZ, Javier. **Teoría Queer y psicoanálisis**. Madrid: Editorial Síntesis,

SALIH, Sarah. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SECRETARIA de Educação do Estado do Paraná. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/arquivos/File/PEE/PEEPR_ANEXO_UNICO.pdf>. Acesso em: 20/04/2016.

SCOTT, Joan. "**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**", 1989.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

_____. "Cutting the network". In.: **The Journal of the Royal Anthropological Institute**. Vol. 2, No. 3 (Sep., 1996), pp. 517-535

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

_____. **“O nativo relativo”**. In: Mana 8(1), 2002a, 113-148.

_____. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. In: Mana 2(1), 1996, 115-144.

_____. **Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation**. In: Tipiti: Journal of the society for the Anthropology of Lowland South America: vol 2.

WAGNER, ROY. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

_____. **O apache era o meu reverso**. Revista de antropologia. Agosto de 2011, N.2, V.54, p.955-978.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze: uma filosofia do acontecimento**. São Paulo: Editora 34, 2016.